



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
COLEGIADO DE HISTÓRIA**

JUVENAL JANAINO LIMA DE SANTANA

**A IGREJA CATÓLICA NO CENÁRIO POLÍTICO DA
PRINCESA DO SERTÃO (1962 – 1974)**

**FEIRA DE SANTANA – BAHIA
2012**

Juvenal Janaino Lima de Santana

**A Igreja Católica no cenário político da Princesa do Sertão
(1962 – 1974)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
banca examinadora da Universidade Estadual de
Feira de Santana como exigência para a obtenção
do grau de Licenciado em História.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Elizete da Silva

Feira de Santana – BA
2012

Folha de Aprovação

A banca examinadora considera esta monografia adequada como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Feira de Santana, 01 de março de 2012.

Componentes da Banca Examinadora:

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizete da Silva
Universidade Estadual de Feira de Santana

Prof.^a Dr.^a Ana Maria Carvalho dos Santos Oliveira
Universidade Estadual de Feira de Santana

Prof.^a Ms.^a Luciane Silva de Almeida
Universidade Federal de Minas Gerais

*Há quem diga que todas as noites são de sonhos.
Mas há quem garanta que nem todas, somente as de verão.
Mas no fundo isso não tem importância.
O que interessa mesmo não são as noites em si, são os sonhos.
Sonhos que os homens sonham sempre.
Em todos os lugares, em todas as épocas do ano, dormindo ou acordado.*

Shakespeare, O sonho de uma noite de verão.

*Dedico este trabalho a Deus, a minha grandiosa mãe Cleonice Lima,
ao meu saudoso pai Juvenal Domingos (in Memoriam), e a minha
amada esposa Rosineide.*

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é o resultado do processo de minha formação no Curso de Licenciatura em História o qual foi marcado por uma trajetória de muitos desafios, mas também de esperanças e persistências. No meio das incertezas e diante das adversidades em muitos momentos pensei em desistir, mas a vontade de vencer foi muito maior. Pois aprendi com a vida, que a persistência é uma grandiosa forma de ação revolucionária. Mas uma revolução não se faz sozinho é necessário pessoas grandiosas no meio do caminho.

Primeiro o verdadeiro amigo “Cristo” que possibilitou o impossível, pois quando tudo parecia perdido, a luz se fez presente pela graça e misericórdia de Deus na minha História.

São muitas pessoas que contribuíram para este trabalho. Entre elas, agradeço a minha mãe Cleonice em especial por ser uma mulher guerreira, que não desistiu da lutar e que persiste sonhando com seus 80 anos de vida e sendo ainda a grande incentivadora dos meus sonhos.

Agradeço a minha esposa e amada Rosineide que antes de tudo é uma amiga e companheira que compreendeu as minhas ausências e solidão para a realização desse trabalho. Sempre contribuindo com uma palavra de incentivo e fé.

Ao meu querido irmão Francisco que sem ter a noção do tempo e sem saber quais são os dias da semana, me ensinou a disciplina o tempo. Foi meu braço direito para cuidar de minha mãe, no final do curso na sua doação e gentileza.

A professora Elizete da Silva que foi minha orientadora, mas também incentivadora na composição desse trabalho. Ela foi uma referência não apenas enquanto professora pelo seu brilhantismo e tantas leituras do “Campo Religioso”, mas também por ser uma pessoa humana incrível e rara, no mundo de hoje, que posso dizer aos meus netos que tive o privilegio de conhecê-la. Ao professor Eurelino Coelho uma referência no curso de História e que infelizmente pouco aproveitei, mas foi essencial na minha formação.

A professora Ana Maria Carvalho que conheci já no final do curso sendo também uma grande incentivadora deste trabalho, através do TCC I. Também agradeço ao professor Wilson Paulo “Andorinha” (In Memoriam), ao professor Alberto Heráclito na disciplina de Teoria da História II, a Antropologia da professora Ione, a Pedagogia da professora Ana Verena, a Psicologia da Educação do careca Iron e excelente educadora professora Mayra Paniago no estágio III.

É impossível não se lembrar da professora Cristiane Vasconcelos de História Moderna, que ensinou uma forma crítica de olhar para o cinema. A fabulosa professora Emília essa dispensa qualquer tipo de comentário pela pessoa incrível que representa e do meu chará Juvenal Carvalho que me possibilitou outro olhar sobre o continente africano, além dos outros professores que também contribuíram de alguma forma e com algum texto para minha formação enquanto historiador, mas também como educador.

Agradeço a minha turma 2006.1. Em especial aos amigos de caminhada Ilberto Dias Pinto “o menino da bicicleta vermelha”, ao “intelectual ortodoxo” Sóstenes Rodrigues, ao cinéfilo Antoniel, a Valmir Gama “o Teólogo”, Eric “o Hobsbawn” e a “brilhante” Daniele Neris entre outros.

Agradeço aos companheiros (as) do programa Universidade Para Todos e do Pré Vestibular Cidadão especialmente a coordenadora Marta Moraes pela colaboração de sempre. Ao Colégio Luís Eduardo Magalhães pela compreensão de seus diretores em especial professora Dagmar e a Dona Luiza dos Serviços Gerais pelo cafezinho e o carinho sempre. A Vera do DCHF, mas que conheci ainda quando trabalhava na biblioteca. A Diana do Colegiado de História pelo seu profissionalismo, ao atencioso pessoal do Museu Casa do Sertão, a Dona Clarice da Secretaria do Arcebispado pelo sua atenção comigo e a figura impar de Melo pela disponibilidade dos Jornais Folha do Norte para minha pesquisa. Mas fica aqui também a minha gratidão para as pessoas que prestaram depoimento para a realização desta pesquisa, que sem eles o trabalho não seria possível.

Obrigado a todos que fazem parte da minha História!

“Se o presente é de luta, o futuro nos pertence”

Che Guevara.

Resumo

Este trabalho analisa a relação entre a Igreja Católica e o cenário político da cidade de Feira de Santana. Um período marcado pela efervescência política, pela concepção do perigo do comunismo, das transformações da vida urbana e a própria instalação da Ditadura Militar no Brasil. Reconstruindo o contexto social e político daquela conjuntura observa-se o papel da Igreja Católica feirense nos anos de 1962 a 1974. Destacando as tendências políticas, o anticomunismo e as repercussões do Vaticano II, enquanto elementos importantes para perceber as transformações e os embates envolvendo a Igreja Católica em Feira de Santana. Uma instituição religiosa caracterizada na cidade como tradicional e conservadora, teve repercussões daquela conjuntura, principalmente com o surgimento no seu interior de clérigos progressistas e críticos do Regime Militar que atuavam na cidade de Feira de Santana, na mobilização das classes subalternas como na proteção de perseguidos políticos.

Palavras-Chaves: Igreja Católica, Feira de Santana, Ditadura Militar, o Anticomunismo, Concílio Vaticano II, Tradicional e Progressista.

Abstract

This paper analyzes the relationship between the Catholic Church and the political landscape of the city of Feira de Santana. A period marked by political unrest, the design of the danger of communism, the transformations of urban life and the installation itself of military dictatorship in Brazil. Rebuilding the social and political context of that situation there is the role of the Catholic Church Feirense the years 1962 to 1974. Highlighting the political tendencies, anti-communism and the impact of Vatican II as important elements to understand the transformations and conflicts involving the Catholic Church in Feira de Santana. A religious institution in the city characterized as traditional and conservative, had repercussions that juncture, given the discovery inside the progressive clergy and critics of the military regime that operated in the city of Feira de Santana, in the mobilization of the lower classes as the protection of persecuted politicians.

KeyWords: Catholic Church, Feira de Santana, the military dictatorship, anti-communism, the Second Vatican Council, Traditional and Progressive.

Lista de Siglas e Abreviações

ACB – Ação Católica Brasileira

AFAS - Associação Feirense de Assistência Social

ALEF- Aliança Eleitoral pela Família

AP – Ação Popular

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

CEBs – Comunidades Eclesiásticas d Bases

CELAM – Conferência Episcopal Latino Americana

CIDITER - Comissão Ecumênica dos direitos da Terra

CIS – Centro Industrial do Subaé

CNBB – Confederação Nacional dos bispos Brasileiros

FASE – Federação de Órgãos para Assistência Técnica Social Educacional

FTP – Tradição, Família e Propriedade

IBAD – Instituto Brasileiro de Ação Democrática

JAC – Juventude Agrária Católica

JEC – Juventude Estudantil Católica

JIC – Juventude Independente Católica

JOC – Juventude Operária Católica

JUC – Juventude Universitária Católica

MAC – Movimento Anti - Comunista

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

MEB – Movimento de Educação de Base

MOC – Movimento de Organização Comunitária

NASD – Núcleo de Assistência Social Diocesano

PCB – Partido Comunista do Brasil

PSD – Partido Social Democrático

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

SIM - Serviço de Integração do Migrante

SNI – Serviço Nacional de Informação

UDN – União Democrática Nacional

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviética

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Problemática.....	13
Referencial Teórico.....	14
Fontes.....	17
Roteiro dos Capítulos.....	19
CAPÍTULO - I:	
A CIDADE PRINCESA DO SERTÃO SOBRE A BENÇÃO DE SANTANA.....	20
A Igreja Católica Feirense sobre as ameaças de novos tempos.....	26
CAPÍTULO - II:	
A CIDADE PRINCESA DO SERTÃO SOBRE O PERCURSO DO CAOS.....	33
As Eleições de 1962.....	37
Da sacristia ao perigo vermelho. É Chegada a hora do golpismo?.....	41
CAPÍTULO - III:	
NOS ESCOMBROS DO GOLPISMO:	
OS REFLEXOS DE UMA IGREJA CATÓLICA ANTAGÔNICA.....	54
A Ação dos Clérigos Tradicionais na cidade Princesa do Sertão.....	56
A Princesa do Sertão na Marcha da Família com Deus pela Liberdade.....	63
A Princesa do Sertão na Marcha de uma Igreja Popular e o Vaticano II.....	66
Assistencialismo e Engajamento político:	
As contradições da Igreja Católica Feirense.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
LISTA DE FONTES.....	85
BIBLIOGRAFIAS.....	87
ANEXO.....	91

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso pretende analisar as relações estabelecidas entre a Igreja Católica e o campo político da cidade de Feira de Santana, através das disputas políticas, as manifestações anticomunistas, o golpe militar-civil de 1964, como também analisar as contradições internas da instituição religiosa, diante da conjuntura de 1962 a 1974.

O trabalho de pesquisa começou a ser idealizado no segundo semestre da Graduação, na disciplina História da Bahia. Quando passamos a ter contato com a produção historiográfica sobre a cidade de Feira de Santana, despertando para indagações e silêncios em torno de um período bastante tumultuado na História do Brasil e que teriam muitas repercussões para a cidade denominada de “Princesa do Sertão”.

Os diálogos e debates promovidos pelo Centro de Pesquisa da Religião (CPR do DCHF/UEFS), sobre o papel da Igreja Católica na História do Brasil, conduziu-nos ao desafio de analisar uma instituição hegemônica, que ao longo do século XX enfrentaria a ameaça dos novos tempos, vinculada ao processo de industrialização e a expansão de outros credos religiosos.

Numa conjuntura de crise política qual seria o papel desempenhado pela Igreja Católica? Principalmente com relação ao cenário da política feirense: em torno das eleições de 1962, as oposições ao governo do Prefeito Francisco Pinto em 1963, que era denominado de comunista e as repercussões do golpe de 1964, além da posição da instituição religiosa no Regime Ditatorial.

A Igreja Católica, enquanto uma instituição religiosa encontrava-se entre a convergência e divergência dos seus clérigos, principalmente com o agravamento das contradições internas da sociedade brasileira e as repercussões da Guerra Fria na América Latina. O resultado desse processo de tensão foi uma erupção política e ideológica, e que a Igreja Católica, não esteve inerte, mas em movimento, dividida, contestando, apoiando, legitimando e resistindo, vivenciando literalmente os antagonismos daqueles tempos.

Assim, o objetivo deste trabalho se traduz numa interpretação das relações entre a Igreja Católica e a política local de Feira de Santana no período de 1962 a 1974. Observando as implicações e repercussões daquele contexto sobre os clérigos, ações discursões, que inevitavelmente procuravam defrontar os campos da política com a instituição religiosa.

A Igreja Católica em Feira de Santana teve atuação assistencialista, garantiu poder econômico, compôs diversos aspectos culturais e ingressou em disputas e mediações no campo político ao longo da História, inclusive no século XX. O fundamento de todas essas

mediações reside no fato de que a crença religiosa se manifesta em Igrejas que são corpos sociais dotados de uma organização que possui mais de um traço em comum com a sociedade política.¹

Este trabalho se propõe a contribuir com a História da cidade de Feira de Santana no sentido de problematizar a dinâmica social conflitiva, resgatando a memória, repensando a trajetória dos sujeitos e suas instituições sociais. Conferindo aos homens e mulheres o papel de fazer a História em torno das contradições e suas disputas. Embora que “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não fazem sob circunstâncias de sua livre escolha e sim sob aqueles com que se defrontam diretamente legadas e transmitidos pelo passado”.²

Este trabalho não se propõe a verdades absolutas conclusivas dos fatos no objetivo de apreender a totalidade dos acontecimentos. Por que toda historiografia tem apenas uma dimensão interpretativa, cabendo ao simples historiador construir a sua narrativa baseada nos vestígios do passado para explicar os processos históricos que estarão abertos a outras interpretações e fontes.

Muitas interrogações ainda compõe a história da segunda maior cidade do Estado da Bahia e que precisa urgentemente ser revisitada nas suas mais variadas dimensões que estão abertas ao olhar interpretativo do historiador. A História flui como as águas dos rios que não estão paradas, mas propostas a outros olhares por homens e mulheres do presente com suas inquietações e subjetividades. Mas o rio da História é dos mais tumultuados, cheio de curvas imprevisíveis, de queda d'água vertiginosas, rápidas correntezas, às quais se sucedem a calmaria das águas paradas. Que, entretanto, também se movem, lenta, mas também irreversivelmente.³

O universo temporal escolhido começa 1962 com a instalação da Diocese e a disputada eleição para prefeito de Feira de Santana. Traçando uma trajetória de embates e contradições da instituição religiosa na conjuntura política conclui-se em 1974 por detectar uma presença consolidada de clérigos progressistas na cidade convivendo com uma concepção de igreja conservadora.

A Igreja Católica que desempenhou importante hegemonia na sociedade brasileira, passou no século XX, a ser ameaça pelos novos tempos. Era a concorrência indireta

¹ COUTROT, Aline. *Religião e Política*. In: REMOND, Rene. (Org.) *Por uma História política*. 2. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.p.334.

² MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. São Paulo: nova Cultural, 1988. p.7

³ ARCARY, Valério. *As Esquinas Perigosas da História: Um estudo sobre a história dos conceitos de época, situação e crise revolucionária no debate marxista*. Dissertação de Doutorado em História Social. São Paulo. Universidade de São Paulo (USP).2000 p.7.

(promovida pela industrialização e o processo de urbanização) e a concorrência direta (diante da expansão de novos credos religiosos) que produziram na instituição religiosa a necessidade de se adaptar a nova realidade brasileira.

Problemática

Na cidade de Feira de Santana desde década de 1950 a instituição religiosa católica enfrentava novos desafios para manutenção da sua hegemonia. Era a ascensão de novas forças políticas, a onda da industrialização, o crescimento populacional e a expansão de outras religiões e denominações cristãs, que transformaram a urbe, acirrando as contradições.

Nesse sentido qual foi a relação do clero feirense com o cenário político da cidade de Feira de Santana no início da década de 1960? Partindo desse questionamento sobre as fontes foram analisado as tendências partidárias existentes no início dos anos 60, juntamente as suas relações com alguns clérigos na cidade, principalmente com aproximação das eleições de 1962. Será que a Igreja Católica desempenhou alguma influência nas eleições de 1962? Compreendendo as articulações e o discurso do “perigo vermelho” ou “medo do comunismo” crescente, em virtude do contexto da Guerra Fria e suas repercussões na América Latina a instituição religiosa, através dos segmentos tradicionais detinha importante papel na elaboração do discurso anticomunista. Qual foi o papel da Igreja Católica no golpe de 1964? A partir das fontes foi analisado o posicionamento conservador da Igreja Católica baiana e que repercutiriam de alguma forma em Feira de Santana.

Depois do Golpe Militar de 1964, a instituição religiosa que já caminhava desde da década de 1950 em torno de uma perceptiva progressista liderado por Dom Helder Câmara, radicalizariam numa postura crítica sobre a sociedade brasileira contrariando à Ditadura Militar-Civil, seguindo às novas concepções do Concílio do Vaticano II(1962-1965), que seriam acompanhando pelo segundo Encontro de CELAM, em Medellín(1968) legitimando uma concepção de Igreja Popular, influenciada pela Teologia da Libertação ou Cristianismo da Libertação, que antes de tudo procurava valorizar o papel dos leigos católicos e o engajamento político da comunidade. Como será que a Igreja Católica em Feira de Santana reagiu a esses novos caminhos? Procuramos perceber a própria dinâmica conflitiva no interior da instituição. Quais foram as repercussões de uma Igreja Católica progressista, influenciada pela Teologia da Libertação, diante daqueles embates políticos?

Partindo desses questionamentos, este trabalho pretende contribuir para uma análise sobre a relação da Igreja Católica com a política feirense, inclusive aprofundando as

observações sobre a dinâmica conflitiva interna vivenciada pela instituição religiosa, frente ao contexto das questões políticas e seus embates na sociedade.

Referencial Teórico

Com o objetivo de responder as indagações referentes à dinâmica política e atuação da Igreja Católica este trabalho caminha na perspectiva teórica da História das Religiões, principalmente com o crescente interesse dos estudiosos das Ciências Humanas de estudar o sagrado e suas relações no contexto social. O fenômeno religioso que está presente no cotidiano das pessoas torna-se preponderante ao longo do processo histórico das diversas sociedades, principalmente quando os aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais não respondem a complexidade das experiências humanas.

A História revela que os seres humanos buscam a experiência com o sagrado, e a religião torna-se um elemento importante na sociedade e na cultura por estabelecer relações coletivas, forjando inclusive práticas sociais. Assim a religião torna-se um fenômeno social de grande relevância na vida das pessoas e para análise do processo histórico, inclusive nas dimensões políticas. Nas sociedades em geral, as relações entre a religião e a política estão tão imbricadas que alguns estudiosos afirmam que no seio das instituições sociais e simbólicas “se articulam ao mesmo tempo o político e o religioso”.⁴

No caso particular da cidade de Feira de Santana a Igreja Católica foi um elemento essencial para sua formação, presente nas manifestações religiosas e na influência cultural desde início do século XVIII quando a grande urbe dos dias atuais era apenas um arraial.

O olhar para esse passado longínquo revela a preponderância do papel desempenhado pela instituição religiosa, contribuindo, por exemplo, para uma análise da política ou da economia na região. Assim a religião torna-se elemento importante na análise e compreensão dos processos sociais e suas estruturas. Pois, “como parte das representações, é também um produto do ator social humano.”⁵

Na perspectiva proposta por este trabalho utilizamos o conceito de campo religioso do sociólogo francês Pierre Bourdieu que concebe a categoria campo religioso enquanto fruto de um conjunto de relações sociais e políticas em que os sujeitos constroem dentro da

⁴ HERVIEUR-LÉGER, Daniele. *La Religion, hilo de memória*. Barcelona. Herder, 2005. Apud SILVA, Elizete da. *Protestantes e o Governo militar: convergências e divergências*. In: ZACHARIADHES, Grimaldo C. (org.). *Ditadura Militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes*. Salvador: EDUFBA, 2009.p 32.

⁵ HOUTART, François. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Ática, 1994. p. 28

dinâmica social, e que surge como necessidade de moralização e de sistematização das crenças religiosas e práticas.⁶

Para Bourdieu a idéia de campo detém autonomia relativa, em relação as transformações econômicas e políticas por causa da proeminência do “capital simbólico”. Embora que isso não queira dizer que os diversos campos sociais não possam manter relações entre si. Assim concordamos que:

A estrutura das relações entre o campo religioso e o campo do poder comanda, em cada conjuntura, a configuração da estrutura das relações constitutiva do campo religioso que cumpre uma função externa de legitimação da ordem estabelecida na medida em que a manutenção da ordem simbólica contribui diretamente para a manutenção da ordem política, ao passo que a subversão simbólica da ordem simbólica só consegue afetar a ordem política quando se faz acompanhar por uma subversão desta ordem.⁷

Na conjuntura da década de 1960 a ordem simbólica vinculada a alguns segmentos da Igreja Católica acabaria subvertendo a ordem política ao propor uma perspectiva crítica da realidade brasileira, enquanto outros segmentos do catolicismo mantiveram alicerçados na função externa de legitimação da ordem estabelecida. Essa contradição é comum, principalmente nas religiões universalistas de tipo cristão, na medida em que visam abraçar todo o corpo social -, articula-se em diferentes subconjuntos culturais ligados aos diferentes grupos sociais.⁸

Teria a religião uma visão alienadora, marcada pela manipulação e obscurantismo, que procura ocultar os conflitos e as desigualdades sociais? Em 1844 o filósofo alemão Karl Marx publicou um artigo que se tornaria clássico sobre o papel desempenhado pela religião na sociedade. Na “*Crítica da filosofia do Direito de Hegel*” a religião é um produto das relações humanas que detém função social por está inserida na dinâmica conflitiva de uma sociedade de classe. Por quê? “Foi o homem quem fez a religião, não foi à religião que fez o homem.”⁹ Marx na sua crítica a religião não escondeu seu duplo caráter. Assim a religião que legitima a dominação e que contribui na manutenção da ordem moralizante em função das necessidades das classes dominantes, em outras ocasiões se apresenta numa perspectiva revolucionária protestando contra as classes dominantes e vinculadas às necessidades das classes subalternas.

A angústia religiosa é, por um lado, a expressão da angustia real e, por outro, o protesto contra a angústia real. A religião é o suspiro da

⁶ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1974.p 34.

⁷ Idem, p. 69

⁸ PORTELLI, Hugues. *Gramsci e a Questão Religiosa*. São Paulo. Ed. Paulinas, 1984

⁹ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. Sobre a Religião*. Lisboa: Edições 70, p. 45.

criatura oprimida, a alma de um mundo sem coração, tal como é o espírito de condições sociais de que o espírito está excluído. Ela é o ópio do povo.¹⁰

A religião apresenta este duplo caráter, que consiste não apenas como uma forma de alienação do “ópio do povo”, mas também pela capacidade de transformação social em muitos momentos da História, inclusive desempenhando um papel revolucionário, se traduzia segundo o próprio Marx “o suspiro da criatura oprimida”.

Mas seria Friedrich Engels o grande interessado sobre o fenômeno religioso e seu papel histórico, quando observa o Cristianismo como uma forma cultural (“ideológica”), que se transforma no curso da História, e como espaço simbólico, cacife de forças sociais antagônicas.¹¹ Embora em que sua análise sobre as Guerras Camponesas do século XVI, perceba o protagonismo revolucionário dos anabatistas. Engels, ao mesmo tempo recai no reducionismo de suas observações ao compreender aquele movimento apenas como uma “máscara” ou “disfarce” dos interesses de classe sem perceber o duplo caráter do fenômeno religioso.

Na concepção simbólica a religião é depositária de representações culturais construídas pelos sujeitos e suas relações sociais que são capazes de interpretar a própria condição de vida, construir para si uma identidade e dominar o próprio ambiente.¹² O fenômeno religioso possui uma função simbólica de ruptura ou protesto social, o que pode ser evidentemente considerado como a outra face da ideologia.¹³

Ainda em torno da perspectiva marxista, utilizaremos alguns pressupostos teóricos do filósofo italiano Antônio Gramsci que realizou um estudo minucioso da sociedade italiana e do papel desempenhado pelas questões religiosas, particularmente sobre a Igreja Católica. Nos escritos de Gramsci estão presentes a importância política da atuação religiosa, portanto convergindo com os objetivos deste trabalho que é perceber a relação da Igreja Católica feirense com o cenário político e suas contradições.

A definição de intelectual se faz preponderante para compreender esse processo. Para Gramsci: “Todos são intelectuais, (...) mas, nem todos os homens desempenham na sociedade

¹⁰ Idem, p. 46.

¹¹ LÖWY, Michael. *Marx e Engels como sociólogos da Religião*. Revista Lua Nova. Nº 43, 1998. p. 157-170. p. 161.

¹² MARTELLI, Stefano. *A Religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995, p 34.

¹³ SILVA, Elizete da. *Engels e a abordagem científica da religião*. In: MOURA, M. C. B, FERREIRA, M. e MORENO, R (Org). *Friedrich Engels e a Ciência Contemporânea*. Salvador: EDUFBA, 2007.p

a função de intelectuais”¹⁴, apontado para aqueles que estão inseridos dentro de uma classe que são os “intelectuais orgânicos”, entrelaçados nas relações sociais exercendo influência na sociedade. Dentre esses intelectuais orgânicos o clero católico desempenhou papel, importante em muitos momentos.

Outra categoria importante está relacionada a superestrutura composta pela sociedade civil e política. Sendo enfatizado o conceito de sociedade civil para análise da Igreja Católica, compreendendo a instituição religiosa como uma sociedade civil dentro da sociedade civil, que está sustentada numa unidade ideológica, apoiada nos clérigos e leigos que agem como “intelectuais orgânicos” na produção dessa unidade aparente.

Gramsci insistiu também nas diferenças internas da Igreja Católica quando afirma que: “Todas as religiões são na verdade contraditórias: há um catolicismo para camponeses, um catolicismo para a pequena burguesia e para os trabalhadores urbanos, um catolicismo para mulheres e um catolicismo para intelectuais.”¹⁵ Observando a existência de uma contradição interna na instituição religiosa que apresenta uma unidade aparente. Pensando na Igreja Católica hoje, deparamos com movimentos diversos que passa pela Renovação Carismática até a Teologia da Libertação. Revelando uma heterogeneidade social e ideológica. Embora não possamos descartar a religião enquanto ideologia e a Igreja Católica um aparelho ideológico. Em que a Igreja funcionou e funcionam como “Intellectual Orgânico” ou casta intelectual da classe dirigente.¹⁶

A função da Igreja Católica é facilitada por seu vínculo orgânico com todas as classes da sociedade, mas o seu interior sofre as contradições em virtude da sua inserção na sociedade: “como intelectual orgânico da classe dirigente, a igreja controla estreitamente aristocracia feudal. Mas o clero também conserva seu caráter inicial de intelectual subalterna; surge daí uma contradição que se tornará sempre mais aguda” [...]¹⁷

Fontes

Para fundamentar a pesquisa e desenvolver este trabalho foram utilizadas fontes orais e escritas. Nesse sentido, uma das possibilidades de resgatar esse passado identifica-se com a própria memória das experiências dos sujeitos ao longo da vida. Embora a memória possa ter

¹⁴ GRAMSCI, Antônio. *Os Intelectuais e a organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 6.

¹⁵ Apud. LÖWY, Michael. *A Guerra dos Deuses. Religião e Política na América Latina*. Petrópolis. Editora Vozes. 2000, p. 27

¹⁶ PORTELLI, Hugues. *Gramsci e a Questão Religiosa*. São Paulo. Ed. Paulinas, 1984, p.60

¹⁷ Idem, p. 30

proveniência das vivências individuais, pode ser entendida, também como um fenômeno coletivo, marcado por conflitos e mudanças constantes.

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum."¹⁸

A História Oral abre um leque de alternativas para a pesquisa histórica, seja através dos depoimentos individuais que expressaram dimensões da instituição religiosa e sua relação com a política, como também as divergências internas. Mas principalmente pela possibilidade que a História Oral desempenhou no sentido dos cruzamentos e complementariedade com outras fontes. Sendo um método riquíssimo para pesquisa da História do Tempo Presente. Tanto os depoimentos dos sujeitos, quanto os silêncios, devem ser problematizados. “O discurso da memória é altamente dinâmico, vai sendo construído em função de cada contexto, do presente – o “lugar do discurso - e também em função da imagem que se quer transmitir e da “negociação” identitária”¹⁹

Num período de perseguições políticas, que os diversos documentos foram queimados por razões de segurança ou estão infelizmente escondidos, os depoimentos são uma alternativa, fundamental para a composição deste trabalho. Utilizamos de depoimentos orais de leigos e padres que atuavam de certa forma no meio de uma dinâmica conflitiva entre a atuação da Igreja na política. Fizemos entrevistas com o professor e Sociólogo Ildes Ferreira que militou na Ação Popular em Feira de Santana na década de 1970, além da atuação a frente do Movimento de Organização Comunitária. Entrevistamos Albertino Carneiro que teve importante relevância na cidade no período que exercia ainda o sacerdócio, assim como o Padre espanhol Avelino Lopez. Ainda foi utilizado de depoimentos e algumas imagens retiradas através de alguns Blogs da Internet.

Na composição desse trabalho foi utilizado o Jornal Folha do Norte, A Tarde, Diários de Notícias e Folha de S. Paulo para analisar as questões políticas e a atuação da Igreja Católica na cidade. Mas sem esquecer que os jornais perpassam pela perspectiva de “grupos

¹⁸ M. Halbwachs, op. cit., p. 12. POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em:

http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf Acessado em 15 / 01/ 2012:

¹⁹ GANDON, Tania Riserio d'Ameida. *Emotexto e identidade cultural na construção da memória*. Revista da FAEEBA Educação e Contemporaneidade. , Salvador, v. 14, n23, jan./jun., 2005. p. 231

sociais engajados em projetos políticos”²⁰, que não são receptores de verdades, o que se propõe a pensa-lo a partir do contexto político e suas imbricações e interesses de classe.

Analizamos algumas correspondências encaminhadas à Diocese de Feira de Santana no período como ofícios, circulares e cartas de outras dioceses. Os arquivos da Igreja Católica são dotados de caráter privado, embora tenham documentação de interesse público e social, sendo assim um patrimônio cultural.

Roteiros dos Capítulos

Este trabalho foi elaborado em três capítulos: O capítulo primeiro começa pela análise histórica do papel da Igreja Católica em Feira de Santana, seja nas suas influências culturais ou na atuação do campo político. Discutindo as transformações relevantes na Princesa do Sertão até a primeira metade do Século XX, em que a Igreja Católica teria sua hegemonia em perigo diante da constituição dos novos tempos e suas ameaças, que vivenciariam uma erupção política e ideológica na crise de conjuntura dos anos de 60, repercutindo no cenário político, mas também no próprio catolicismo.

No segundo capítulo abordamos as eleições de 1962 e as tendências políticas do clero feirense, sobretudo o papel desempenhando por alguns membros da Igreja Católica no combate ao comunismo na cidade. O papel da instituição religiosa no golpe de 1964.

No último capítulo identificamos as ações do clero tradicional na relação política e a mobilização como a Marcha da Família com Deus pela Democracia. O surgimento de uma Igreja Católica progressista, vinculada a clérigos influenciados pela Teologia da Libertação que teriam ações que inevitavelmente chocavam com o regime militar e entrava em contradição com clérigos mais conservadores. Principalmente com o advento do Concílio Vaticano II e das ações dos movimentos sociais católicos, influenciado por esta Igreja dita progressista. Nesse capítulo também procuramos perceber o movimento dessas concepções a partir das práticas meramente assistencialista até o engajamento político da comunidade.

Ressaltamos que a importância de pensar a História de Feira de Santana nesse período é antes de tudo compreender uma dinâmica conflitiva de um passado turbulento no qual a instituição religiosa teve diversos papéis na sociedade civil, revelando apesar da unidade um caráter heterogêneo de olhares sobre o mundo.

²⁰ CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Ligia. *O bravo matutino* (imprensa e ideologia no jornal “o Estado São Paulo”). Alfa-Omega, 1980. p. 19

CAPÍTULO I

A CIDADE PRINCESA DO SERTÃO SOBRE A BENÇÃO DE SANTANA

*Salve, ó terra formosa e bendita!
Paraíso com o nome de Feira.
toda cheia de graça infinita,
És do norte a princesa altaneira [...]*

*De Santana és a filha querida
Noite e dia por ela velada.
E o teu povo tão cheio de vida
Só trabalha por ver-te elevada.²¹*

Letra e música: Georgina Erisman

A Igreja Católica e as transformações da cidade perpassam por encontros e desencontros, em que os conflitos políticos foram visíveis em diversos momentos de sua trajetória. Desde sua origem, enquanto ponto de passagem obrigatória de vaqueiros e tropeiros pela região no século XVIII, até sua transformação em grande cidade do interior baiano ao longo do século XX.

Para compreender o cenário político feirense e a presença da Igreja Católica entre o período de 1962 a 1974, é fundamental conhecer um pouco do processo histórico que envolve a cidade de Feira de Santana na relação entre o campo religioso e político, que tem marcado toda sua trajetória ao longo dos anos, em que a religião contribuiu nas transações entre agentes religiosos e leigos e que também estava imbricada com a política.

A Igreja Católica consolidou sua hegemonia como importante instrumento da colonização do Brasil que continuou no período do Brasil Império atrelado ao poder do Estado, inclusive servindo como agente legitimante daquele contexto. “Na definição dos papéis a Igreja se assumiu como legitimante da ação geratriz de sentido para a existência imediata e histórica de cada qual.”²²

O catolicismo estabelecia laços socioculturais que o fez um dos protagonistas do processo de formação da cidade de Feira de Santana que está presente até no próprio nome da cidade. O pequeno Arraial que surgia no século XVIII e que se tornaria a segunda maior cidade baiana do século XX não era de Oxalá, nem muito menos de Jesus ou de Alá, mas

²¹ Trecho do hino da cidade de Feira de Santana, escrito pela professora e musicista Georgina de Mello Lima Erisman na primeira metade do século XX. Disponível em: www.feiradesantana.com.br/hino.htm acessado em 03 de fevereiro de 2011.

²² SILVA, Candido da Costa e. *Os segadores e a Messe: o clero oitocentista na Bahia*. Salvador, Ba: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, EDUFBA, 2000, p. 23

antes de tudo de Sant'Anna uma santa católica que se tornaria a padroeira da cidade denominada de Feira de Santana.

Quando em 28 de setembro de 1732, o tenente Domingos Barbosa de Araújo e sua mulher, D. Anna Brandão doaram cem braças de terra á Santana e São Domingos para fazer uma capela, foi solidificada a veneração desta santa. As terras doadas que faziam parte da fazenda do casal – Fazenda Sant'Anna dos Olhos D'agua – foram o embrião do que hoje conhecemos como o núcleo urbano de Feira de Santana.²³

De acordo com a dissertação de Celeste Maria Pacheco “Origens do povoamento de Feira de Santana: Um estudo de História Colonial”, que faz parte de uma produção historiográfica recente que sustentada em outros documentos direciona para a Fazenda de São José das Itapororocas como o primeiro núcleo de povoamento de Feira de Santana, juntamente analisando o papel do protagonismo do cristão-novo João Viegas Peixoto na formação da região de Feira de Santana.

A existência da capela católica já seria um elemento importante que desempenhava uma função social e política, em um espaço de disputa e do fazer política utilizando-se muitas vezes dos aparatos religiosos e não resumida apenas de templo religioso. Era um espaço que exprimia a hierarquia social, tendo uma grande eficiência e representação. Assim o ritual mais costumeiro da missa assumia um papel político de disciplinar e angariar respeito para os poderosos. Podemos concluir que a capela católica não se resume apenas ao espaço da fé, mas também assumia dimensões políticas. De acordo Poppino a capela também era local utilizado para alistamento eleitoral²⁴ no século XIX era espaço de decisões políticas segundo Monsenhor Renato Galvão:

A Capela dos Remédios, onde, em 1835, reuniu-se o primeiro tribunal de júri d cidade, até a capela de Sant'Ana, que recebeu a visita do Imperador Pedro II, e afirmou que “entre os acontecimentos históricos ocorridos na velha matriz registra-se a primeira eleição da Câmara de Vereadores, em 1833” e que “toda a vida sócio-religiosa da cidade foi adstrita à matriz.”²⁵

Em torno da Capela Católica dos séculos XVIII e XIX a realidade vai tomando significados e o próprio cotidiano marcado pelas lutas sociais e das práticas religiosas contribui para emanar a idéia de proteção, de progresso, mas também da disciplina como de obter controle e manutenção da ordem. Ao produzir os mecanismos de coerção social e suas

²³ POPPINO, Rollie E. *Feira de Santana*. Itapua, Salvador. 1963, p. 276.

²⁴ Idem p.19 e 20

²⁵ Revista Panorama de Feira de Santana. 01 de novembro de 1983, ANO 01, n 4, p. 31

ideias moralizantes o aparato religioso e sua prática simbólica foram estratégicos para a elite governante latifundiária estabelecer seu poder sobre a trajetória da cidade.

Para a historiadora Zelia Lima que realizou sua dissertação sobre a figura antagonica do Lucas da Feira, fazendo uma leitura do banditismo social na região, a composição das relações políticas e de poder na cidade de Feira de Santana no Século XIX, apontava para a composição dos grupos que estariam no topo das relações sociais e econômicas constituídas pelos fazendeiros e comerciantes, além de representantes da Igreja e do Estado(...) ²⁶

Como podemos perceber a Igreja Católica através dos seus representantes detinha influência e fazia parte do aparato ideológico dominante, sendo um elemento que utilizava de suas forças simbólicas para garantir hegemonia e atuação política.

Segundo Poppino, a Igreja Católica constitui-se numa força social importante no município, inclusive refletindo na maioria esmagadora da população sendo constituída de católicos ²⁷. Certamente faltou a Poppino analisar a Igreja Católica vinculada a uma estrutura de poder que inclusive faria dela religião hegemônica ao longo de boa parte da História do Brasil marcado pelo regime do Padroado ²⁸, que garantia a estrutura religiosa enquanto um verdadeiro aparato do Estado dando legitimidade e sustentação política.

Através das práticas simbólicas a Igreja Católica servia ao interesse de uma elite governante de grandes proprietários de terra na região. Sendo fundamental na formação da cidade pela influência construída não apenas pela fé e suas manifestações religiosas, mas também pela filantropia, diante da ausência do Estado. A Santa Casa de Misericórdia, a administração do Cemitério Piedade, o Orfanato Nossa Senhora de Lourdes são alguns exemplos do assistencialismo da instituição religiosa atuando sobre os grupos subalternos. É importante ressaltar que todas essas relações e práticas mantinham-se sempre atrelado ao contexto da política local.

A Igreja Católica feirense detinha a hegemonia do campo religioso e estabelecia enquanto instituição social relação com o campo político e suas disputas em diversos momentos. Visto que o catolicismo tende a se expressar enquanto força social de aglutinação, inclusive fazendo política pelas práticas de sociabilidades dos grupos sociais. Enquanto nesse

²⁶ APUD. Lima, Zélia de Jesus. Op. Cit. Pg.40

²⁷ POPPINO, Rollie E. *Feira de Santana*. Itapua, Salvador. 1963, p.75

²⁸ O Padroado foi criado através de um tratado entre a Igreja Católica e os Reinos de Portugal e de Espanha. A Igreja delegava aos monarcas destes reinos ibéricos a administração e organização da Igreja Católica em seus domínios. O rei mandava construir templos nomeava os padres e os bispos, sendo estes depois aprovados pelo Papa. Mesmo com o processo de Independência do Brasil tal relação entre Igreja e Estado foi mantida sendo rompida apenas depois da implantação da República quando teremos finalmente houve a separação da Igreja e Estado.

processo outras práticas religiosas eram perseguidas e colocadas nas marginalidades do espaço urbano de uma sociedade tradicional, conservadora e antes de tudo católica.

No final do século XIX sofreria as repercussões do cenário nacional com o fim da escravidão, do Império e do Padroado que significava a separação entre a Igreja Católica do Estado com a instalação da República no Brasil. Será que essas mudanças alterou a hegemonia da Igreja Católica feirense nas suas relações políticas locais?

Segundo Ramaiana Oliveira na transição do final século XIX e início do século XX a cidade de Feira de Santana vivenciaria as repercussões da instalação da República no Brasil. Vinculada as idéias modernizantes uma nova Feira de Santana se redefinía, marcada por conflitos diante de novos espaços de sociabilidade que se traduzia numa concepção de civilidade que seria imposto a população de “cima para baixo”, constituindo a necessidade de forjar uma nova identidade. Nesse sentido os conflitos são inevitáveis, pois as lutas entre as frações de classe locais, principalmente as ligadas ao campo, pequenos e grandes comerciantes, direcionaram suas armas contra os vaqueiros, as tradições populares e negras e contra a violência e os acertos de contas privados.²⁹

Foi justamente inserido nesse contexto de redefinições que a cidade Feira de Santana teria a visita de Rui Barbosa³⁰ em 1919, que proferindo um discurso denominou a cidade de “Princesa do Sertão”. Tal expressão já revelava as transformações da urbe que passava de aspectos rurais para um espaço urbano mercantil. Em torno dessas transformações e de um Estado laico a Igreja Católica continuava atuar de forma direta só que em novos contextos da conjuntura nacional. Não perdia a relação com o campo político, inclusive através de padres e vigários candidatos para cargos públicos. Alguns exemplos:

Foi realizada na residência do cel. Abdon Alves de Abreu, os situacionistas desta cidade e dos diversos districtos escolheram os seguintes candidatos, com os quaes disputarão as próximas eleições municipais: intendente – Cel. Abdon Alves de Abreu; conselheiro – Major José Antônio Guimarães [...] vigário Henrique Américo de Freitas[...]³¹

²⁹ Oliveira, Clóvis Ramaiana. *Do Empório a Princesinha do Sertão. Utopias civilizadoras em Feira de Santana*. Dissertação de Mestrado. FFCH/UFBA. Salvador. 2000. p.53.

³⁰ Jornal Tribuna Feirense Edição Especial. 2000.p.3.

³¹ Jornal Folha do Norte (1938, n. 1.527) Apud. CAMPOS, Juliano Mota. *A Igreja Católica e o Poder Civil: Alianças e Conflitos na Princesa do Sertão na primeira República. (1890-1930)*, IV Encontro Estadual de História - ANPUH-BA História: Sujeitos, Saberes e Práticas. 29 de Julho a 1º de Agosto de 2008. UESB. Vitória da Conquista - BA. p 8. Disponível em: http://www.uesb.br/anpuhba/anais_eletronicos/Juliano%20Mota%20Campos.pdf. Acessado em: 15/02/2012

A figura de um vigário possível participante nas eleições evidência a presença de elementos do clero na vida política partidária da República Velha. Mas a participação do clero não se resumiria apenas a padres vereadores, mas sua influência se fazia presente até mesmo em organismos estratégicos do poder municipal como o próprio Conselho Municipal que tinha como presidente o Cônego Tertuliano Carneiro em 1925:

Acta 12 sessão ordinária, da segunda reunião periódica do conselho Municipal em 09 de junho de 1925 sob a presidência do Sr. Conego Tertuliano Carneiro. A afirmação de que o Conselho Municipal (um dos órgãos mais importantes da administração local) responsável pelas finanças e viabilização da execução de importantes obras públicas estava sob tutela do clero.³²

A República derrubou o Padroado, porém as relações entre o poder político e a esfera eclesiástica continuavam. Segundo Sérgio Miceli a separação não significou uma ruptura com os grupos de dirigentes locais³³. Embora legalmente vigorasse o princípio do Estado laico separado da Igreja Católica do Estado Republicano, o que se viu foi um conjunto de favores entre as principais figuras das políticas locais e o clero, isto é, os bispos.³⁴

É importante salientar que inserido nessas perspectivas de mudanças a instituição religiosa passou a enfatizar as manifestações religiosas como a festa de Santana padroeira da cidade, que segundo Silvana Batista era realizada com todo luxo e promovia uma grande mobilização na cidade. O Bando Anunciador com diversos carros e caminhões decorados que saíam pelas ruas da cidade cantando músicas típicas para anunciar a aproximação dos festejos. Além da realização da Lavagem e da procissão terminando com a celebração da missa na Igreja Matriz.³⁵ A festa da padroeira Nossa Senhora Santana tem suas origens desde 1781, acompanhado pelo crescimento econômico da cidade. Assim como uma forma de garantir a hegemonia investiu-se mais nas manifestações religiosas.

As festas devocionais à padroeira da cidade representaram não apenas uma questão de fé, mas também de relações políticas, sociais e econômicas, além da demonstração de

³² Acta da 12^ª sessão ordinária, da 2^a reunião periódica do Conselho Municipal de 09 de junho de 1925, p. 1 Apud. CAMPOS, Juliano Mota. *A Igreja Católica e o Poder Civil: Alianças e Conflitos na Princesa do Sertão na primeira República. (1890-1930)*, IV Encontro Estadual de História - ANPUH-BR História: Sujeitos, Saberes e Práticas. 29 de Julho a 1º de Agosto de 2008. UESBA. Vitória da Conquista - BA. p 8. Disponível em: http://www.uesb.br/anpuhba/anais_eletronicos/Juliano%20Mota%20Campos.pdf

Acessado em: 15/02/2012

³³ MICELI, Sérgio, *A elite eclesiástica brasileira*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1988, p21.

³⁴ Idem, p. 21

³⁵ BATISTA, Silvana Maria. *Conflitos e comunhão na Festa da Padroeira em Feira de Santana (1930-1950)*. Monografia de especialização. UEFS, Feira de Santana, 1997. p. 51

poder e visibilidade social. No entanto as festas também serviram enquanto espaços de resistências das camadas subalternas.

A apropriação da Festa de Santana pelos negros transforma sua feição. A festa, originariamente marcada pelas manifestações de uma elite católica, ganha múltiplos significados com a introdução de símbolos da cultura afro brasileira. Estes permeiam todos os espaços festivos. Manifestaram-se na Levagem, na lavagem da matriz e na procissão solene.³⁶

O religioso e o profano se misturavam e as fronteiras não estavam demarcadas pela miscelânea, inclusive vários conflitos ocorriam por causa dessa mistura. O espaço da rua certamente era tomado pelas classes sociais subalternas com suas representações culturais.

A partir das memórias de Eurico Alves Boaventura podemos perceber que a festa da padroeira da cidade revelava a sociedade e suas próprias contradições transformando o espaço da rua num lugar não apenas de festividade, mas dos conflitos de classe e do fazer política, sendo que ao mesmo tempo a Igreja Católica feirense reafirmava sua hegemonia e sua força política e simbólica:

A festa da padroeira era o cenário não apenas de devoção a avó de Jesus, mas também “vitrine” das tradições e das relações de sociabilidade[...] As famílias ricas ou pobres, todas ali[...] O largo da Matriz se transformava, nesses dias, na melhor mostra da vida social da cidade. Reunida toda a Feira de Santana no largo. Dos coronéis, dos doutores até a gente modesta. Das aristocracias até as escolhedoras de fumo.³⁷

A Igreja Católica através das festividades, atos litúrgicos e suas atividades filantrópicas gozava de certa confiança das massas e assim demarcava seu território e se firmava enquanto potência hegemônica e ideológica. Para Gramsci, as religiões fornecem os principais elementos do senso comum, constituindo-se em uma potência ideológica sobre vastos estratos sociais, ao manifestar-se “das formas mais toscas às mais intelectualizadas.”³⁸

As camadas subalternas não estão passíveis de uma reelaboração ao utilizar da ideologia religiosa e se apropriar de brechas que possam representar suas inquietações e aspectos culturais. Assim a Festa de Santana não era apenas uma festa da elite católica

³⁶ TELES, Adriana Silva. *Presença negra na festa de Santana (1930- 1950)*. Monografia de pós-graduação em Teoria e metodologia da História. Feira de Santana. UEFS. 2000, p. 67

³⁷ BOAVENTURA, Eurico Alves. *A Passagem Urbana e o Homem: memórias de Feira de Santana*. UEFS, Feira de Santana. 2006, p. 26 – 30.

³⁸ GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, v. 1, 1999. p. 115. Apud SIMIONATTO, Ivete. *Classes subalternas, Lutas de Classe e Hegemonia: uma abordagem gramsciana*. Revista Katál. Florianópolis v 12 n 1 p41-49. Jan/jun. 2009.

Disponível em: http://www.dialnet.unirioja.es/servlet/dfichero_articulo?codigo=3001548

Acessado em 15 / 02 / 2012

feirense, mas de uma grande parte da população da cidade enfatizando os aspectos econômicos políticos, sociais e principalmente culturais. Salientamos que hegemonia não deve ser vista de forma monolítica, mas antes de tudo fruto de mediações das forças entre blocos sociais num determinado contexto histórico, em que em nenhum momento anula os espaços de lutas entre os diversos segmentos sociais.

Segundo Gramsci o conceito de hegemonia combina a força e o convencimento, com peso maior de cada um desses aspectos de poder existentes.³⁹ Assim a Igreja Católica desempenhava importante papel no cenário político local, através da coesão social do convencimento, mas também contraditoriamente a própria hegemonia por criar brechas que apresentavam as demandas e resistências das classes subalternas. Isso se evidencia principalmente diante de novas conjunturas que foi se forjando no Brasil e que teria grande repercussão em Feira de Santana a partir dos anos 1940. Era o sinal dos novos tempos e com ele várias ameaças à hegemonia da instituição religiosa.

A Igreja Católica Feirense sobre as ameaças dos novos tempos

O Brasil das décadas de 1940 e 1950 intensificava seu processo de industrialização, acompanhado por uma intensa urbanização das cidades. Paralelamente houve a expansão de outros credos religiosos particularmente na cidade de Feira de Santana. Era a conjuntura de novos tempos que foi resultado da “Era Vargas” e seu estado de compromisso, que segundo Dreifuss revelava a incapacidade da burguesia que impõe à nação forma consensual, sendo a Ditadura Vargas os mecanismos utilizados para garantir a supremacia econômica da burguesia.⁴⁰

A Era Vargas possibilitou à Igreja Católica reafirmar sua influência na vida pública e reaproximar-se do Estado, mantendo com este uma relação de “mútua cooperação”, conservando com “interesses indispensáveis” a ingerência sobre o sistema educacional, a preservação da moralidade católica, o anticomunismo e o antiprotestantismo.⁴¹

A Igreja Católica demarcava seu território no cenário nacional ao se aproximar do governo varguista trazendo importantes resultados na manutenção de sua hegemonia possivelmente já ameaçada pela onda modernizante e do próprio avanço de outros credos religiosos. A proclamação de Nossa Senhora Aparecida como Padroeira do Brasil (1930), a

³⁹ SADER, Emir. Gramsci – Poder Político e Partido. Expressão Popular. São Paulo. 2005, p.24

⁴⁰ DREIFUSS, Rene Armand. 1964: *A conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe*. 4. Ed Petrópolis: Vozes, 1986, p.50.

⁴¹ MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil (1916 -1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 46.

inauguração da estátua do Cristo Redentor (1931), a criação da Liga Eleitoral Católica (1932), a implantação da Ação Católica (1935)⁴² são algumas evidências desse processo.

Com a Segunda Guerra Mundial e a participação do Brasil no conflito evidenciou-se a crítica dos militares brasileiros que lutaram contra ditaduras na Europa, sendo que no Brasil viviam numa ditadura. Era o fim do Estado Novo, mas não do discurso populista que marcaria o cenário da política nacional em torno de uma democracia fragilizada entre os anos de 1946-1964. As atitudes da Igreja Católica no Brasil diante de uma nova conjuntura possibilitam perceber que diante dos diversos ventos contrários que a Igreja Católica enfrentou, durante dois mil anos, sempre soube adaptar-se às novas conjunturas, em Feira de Santana também ocorreram acomodações.

O próprio modelo de Neocristandade⁴³ nos revela que era uma forma de se lidar com a fragilidade da instituição sem modificar de maneira significativa a natureza conservadora da mesma. A Igreja Católica assim procurava fortalecer a presença na sociedade e um dos exemplos para o novo contexto histórico e enfrentar possíveis ameaças foi o movimento da Ação Católica. A ação católica foi uma organização leiga criada no século XIX. Ganhou seus princípios em 1905, com a “*enciclica ferno Proposito*”, de Pio X. Era voltada para à caridade e ao assistencialismo.

A expansão de outros credos religiosos como o Espiritismo e o Protestantismo, além do abismo social, efervescendo o discurso político do comunismo uma ameaça a moral da Igreja Católica sem citar a consolidação de uma sociedade cada vez, mas industrializada e urbanizada. Como podemos perceber estava vivendo o País um denso processo de transformações e o catolicismo brasileiro precisava se enquadrar nas novas demandas, diante da concorrência direta e indireta de outros credos religiosos.

Inserido nesse processo, a cidade de Feira de Santana caminhava ao encontro de um progresso cruel que procurava eliminar o passado do vaqueiro para construir uma nova ordem diante do desenvolvimento comercial. A presença de pessoas migrantes de outros Estados do Nordeste, em busca de melhores oportunidades de trabalho promoveu no espaço urbano mudanças de comportamento. A população sofreu uma extraordinária mudança. Há nortistas e nortistas, com todos os sotaques e todas as peixeiras[...]⁴⁴

⁴² Idem, p. 48

⁴³ Neocristandade de acordo com alguns historiadores durou de 1915-1955 e foi um movimento de resposta da Igreja Católica a crescente laicização do Estado e expansão das outras religiões. Objetivo da Neocristandade era uma reaproximação da sociedade visando conduzi-la em torno de valores morais e culturais. No Brasil o grande articulador desse movimento foi o Cardeal Sebastião Leme.

⁴⁴ SILVA. Hugo Navarro. “*Meu Caro Aloísio*”. In: Folha do Norte, 13 de janeiro de 1951. p. 4.

A presença dos chamados nortistas que aqui permaneceram em busca de trabalho nos revela o caráter da formação de subemprego e consolidação de um importante exército de reserva de desempregados para a região, na ampliação de lucros para os detentores do capital e a garantia de salários baixos diante da crescente oferta de força de trabalho.

Havia uma lógica excludente de progresso que se sustentava em torno do surgimento de avenidas, dos Clubes, paralelo a um intenso processo de migração. Segundo Hugo Navarro articulista do Jornal Folha do Norte a cidade vivia um processo intensas mudanças. “Rasgam-se avenidas, tentáculos gigantes que parecem pretender abarcar a urbe. [...] As moças bebem whisk e fumam cigarro americano. Há dancings clubs e clubs dancings.”[...]⁴⁵

Segundo Rossine Cruz o município de Feira de Santana, em 1940 já possuía a quinta maior população do Estado. Na década seguinte tornou-se num grande colchão amortecedor dos fluxos migratórios que se destinavam a Salvador ou mesmo ao Sudeste do país.⁴⁶ A consolidação de alguns bairros populares em Feira de Santana como a “Rua Nova” e as “Baraúnas” evidenciava a óbvia contradição desse inevitável progresso que não era para todos. O antigo Barro Vermelho (Rua Nova) que até a década de 1940⁴⁷ era uma grande fazenda pertencente à Dona Ernestina Carneiro Ferreira também chamada de Dona Pomba, a qual teria parte das suas terras ocupadas por migrantes paraibanos, pernambucanos e alagoanos os chamados “nortistas”, descritos anteriormente seria um exemplo entre outros que diferenciava, por exemplo, dos palacetes ou casarões da Avenida Senhor dos Passos com água encanada e luz elétrica.

Como a Igreja Católica feirense se articularia com essa lógica modernizante e de progresso? Na verdade, ela já sofreria a concorrência indireta de instituições como a existência dos clubs, cinemas e novos bens de serviço e consumo. Na medida em que o tempo é uma variável constante, e a diversidade de instituições que os indivíduos passam a frequentar diminuía o tempo disponível para a vida religiosa. A figura do católico não praticante que frequentava o templo esporadicamente em ocasiões especiais, festas, batismos e casamentos é algo a se considerar.

A concorrência direta das demais confissões cristãs e de outras religiões mesmo no Estado laico, também afetou a Igreja Católica. Demonstrando a intolerância religiosa

⁴⁵ SILVA, Hugo Navarro. “*Meu Caro Aloísio*”. In: Folha do Norte, 13 de janeiro de 1951. p. 4

⁴⁶ CRUZ, Rossine Cerqueira da. *A inserção da Feira de Santana (BA) nos processos de integração produtiva e de desconcentração econômica nacional*. Tese de Doutorado em economia. Campinas: UNICAMP, 1999. p. 208

⁴⁷ SANTOS, Igor Gomes. *Na contramão do sentido: Origens e trajetória do PT em Feira de Santana-Bahia (1979-2000)*. Niterói: UFF, 2007. Dissertação de Mestrado em História. p.42

alicerçada num catolicismo conservador e reacionário, vinculado às estruturas de poderes locais. A expansão do Espiritismo na década de 1940 e 1950 fez com que a Igreja Católica implantasse o “Secretariado Nacional para Defesa da Fé e da Moralidade” cujo objetivo era vigiar a marcha das falsas religiões, condenava movimentos e falsas idéias [...] ⁴⁸ Podemos observar que tal movimento era apenas o início de uma campanha contra o Espiritismo porque de acordo com os bispos o Espiritismo negava não apenas uma ou outra verdade do catolicismo, mas todas elas.

Em Feira de Santana o primeiro Centro Espírita Kardecista foi o Paz dos Sofredores fundado em 1936, na década de 1950 surgia a Sociedade de Estudos Espíritas Feirenses, como forma de crescimento da religião nesse período. Essa expansão do Espiritismo foi marcada por conflitos e perseguições com católicos e autoridades levando várias pessoas a responderem a processos judiciais pelas práticas de curas mediúnicas. ⁴⁹

Outra marca da intolerância religiosa foram as religiões Afro-brasileiras demonizadas e vinculado a feitiço ou bruxaria, mal compreendidas foram perseguidas a todo custo. Em Feira de Santana diante da intolerância suas práticas estavam marginalizadas e restritas a periferia da cidade. O memorialista Lagedinho, em suas memórias enfatiza que o poeta Aloísio Rezende foi discriminado na cidade por ser adepto da Umbanda. Sendo frequentador de terreiros da região sua poesia fazia apologia ao candomblé. ⁵⁰

Mas sem dúvida foi o Protestantismo em expansão, uma ameaça difícil de ser contida, principalmente com a chegada dos movimentos pentecostais no Brasil no início do século XX. Em Feira de Santana o Protestantismo enfrentou grande repressão para sua estruturação segundo Gillanders, os primeiros anos foram muito difíceis: perseguições e intolerância por parte do clero católico, que ameaçava até os fiéis que alugassem casas para os crentes fazerem o seu culto. ⁵¹ As primeiras Igrejas protestantes na cidade de Feira de Santana têm suas origens nos final dos 30 e se expandem a partir de 1950. Entre elas destaque para os pentecostais da Assembléia de Deus que se instalou em 1937 e a Primeira Igreja Batista em 1947.

⁴⁸ MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p.54

⁴⁹ SILVA. Elizete da, *Protestantismo Ecumênico e realidade Brasileira. Evangélicos progressistas em Feira de Santana*. UEFS. Fapesb. Feira de Santana, 2010 p.161.

⁵⁰ Idem, p.160

⁵¹ GILLANDERS. Isobel, *A história inacabada*. Tradução: Lélia V. Fernandes. Feira de Santana. Ed. Planzo. 1990. Apud. SILVA. Elizete da, *Protestantismo Ecumênico e realidade Brasileira. Evangélicos progressistas em Feira de Santana*. UEFS. Fapesb. Feira de Santana, 2010 p.162.

A demora em instalação das Denominações Protestantes em Feira de Santana é algo que merece um estudo a parte. Talvez a resposta possa começar a ser dada no final do século XIX quando o Reverendo Presbiteriano G. Chamberlain distribuía Bíblias e folhetos evangélicos e realizava cultos públicos, foi vaiado ao iniciar na Praça João Pedreira uma manifestação religiosa. A polícia foi acionada no sentido de dispersar os agressores, que retornavam de uma procissão.⁵²

Em meados do século XX ainda existia em Feira de Santana segundo Albertino Carneiro “um muro no Cemitério Piedade administrado pela Igreja Católica que separavam os sepultados católicos, dos protestantes.”⁵³ Eram fatos de tempos diferentes, mas com as mesmas práticas de intolerância. Como explicar essa nova conjuntura?

A resposta para esse questionamento perpassa por uma nova dinâmica social e econômica associado ao processo de urbanização e ao crescimento de uma sociedade de massa, em que a Igreja Católica não garantia mais aspirações dos fiéis daquela realidade, enquanto as outras crenças adaptavam-se aglutinando fieis e estabelecendo novos espaços na política local.

A Igreja Católica encontrava-se na década de 1960 com sua hegemonia abalada, já não era tão poderosa como no passado recente, inclusive com ascensão dos movimentos sociais católicos se percebia dividida nos embates políticos daquela, hora frente ao apostolado leigo e jovem da instituição e o clero conservador. Numa época de fortes embates ideológicos a expansão de outros credos foi sem dúvida uma ameaça à fé. Mas existia um inimigo político latente que ameaçava a sociedade capitalista e católica. Um velho inimigo agitaria os debates e as missas dos domingos, ao longo dos anos de 1960 e que seria a justificativa de militares e alguns civis, que em nome da proteção da santa democracia legitimaria uma Ditadura. Para a Igreja Católica aqueles eram anos em que o mundo estava ameaçado pelo “Perigo Vermelho”.

Assim a cidade Princesa do Sertão, sobre a benção de Santana vivenciaria as disputas políticas, passava por novos tempos e outras contradições, mas a maior de todas as ameaças, certamente era construída sobre o slogan do medo do comunismo.

São poucos trabalhos sobre o período pesquisado, mas que se destacam pelo pioneirismo de trazer a tona uma história envolvida pelas questões sociais, políticas e também religiosas, contribuindo para repensar um contexto, marcada por muitas tensões. Nessa perspectiva enquadra-se a tese de doutorado “*Feira de Santana em tempos de modernidade:*

⁵² Idem Ibidem, p.166

⁵³ Entrevista com Albertino Carneiro concedida ao autor em 22 de outubro de 2010, realizada em sua residência.

Olhares, Imagens e Práticas do Cotidiano (1950-1960)” de Ana Maria Carvalho dos Santos Oliveira que contribuiu para pensar as transformações na década de 50, vinculadas a ascensão de grupos econômicos, as práticas do cotidiano, os impactos com o processo de migração, a concepção de modernização, inevitavelmente um crescimento econômico da Princesa do Sertão e essa foi constantemente identificada como uma “cidade progresso”.⁵⁴

No contexto político dos anos 60 de tensões sociais e bipolarização ideológica, justamente os impactos desencadeados em Feira de Santana pela instalação da Ditadura Militar-Civil no Brasil não pode passar despercebido. A dissertação de Diego Carvalho Corrêa “O futuro do passado: uma cidade para o progresso e, o progresso para cidade em João Durval Carneiro. (1967-1971)” trabalha a perspectiva de pensar o papel desempenhado pelo prefeito João Durval Carneiro na produção de um projeto de modernização, vinculado a uma hegemonia política, procurava-se combater uma memória popular e movimentos de esquerda. Durval Carneiro criou junto aos grupos dominantes da cidade sua própria utopia, um planejamento global da cidade para uma modernização acelerada.⁵⁵ Embora não trate da Igreja Católica, a problematização sobre o período contribui para uma compreensão do cenário político e as lutas sociais.

A produção da historiografia da Igreja Católica em Feira de Santana ainda continua muito restrita a poucos trabalhos. Como de Livia Paola Silva Resende “*As Novas Concepções do Clero Feirense diante das Inovações do Vaticano II (1964-1980)*”. Que traça um olhar bastante problematizado sobre as repercussões do Vaticano II em Feira de Santana, vinculado à tensão política do período da Ditadura Militar e as contradições sociais, dando ênfase aos movimentos sociais católicos. Sendo uma ala da Igreja Católica influenciada pelas concepções do Vaticano II e a Teologia da Libertação próxima das classes subalternas atuando como grande oposição ao regime e que teria suas repercussões em Feira de Santana.

O trabalho de conclusão de Curso de Rita Evejânia dos Santos, “*A Interação Fé e Vida: A “caminhada” das Comunidades Eclesiais de Base em Feira de Santana (1980-2000)*” procura pensar as repercussões das CEBs em Feira de Santana na conjuntura do processo de industrialização iniciado no final dos anos 60 e o intenso processo de migrações que promovia um intensa urbanização, gerando deficiência na infraestruturas dos bairros. As CEBs teria um papel de promover uma mobilização social atuante diante dos problemas vivenciados pelas

⁵⁴ OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. *Feira de Santana em Tempos de modernidade: Olhares, Imagens e Práticas do Cotidiano. (1950-1960)*. Dissertação de Doutorado. UFPE. 2008. p.20

⁵⁵ CORRÊA, Diego Carvalho. *O futuro do passado: uma cidade para o progresso e, o progresso para cidade em João Durval Carneiro. (1967-1971)*. Dissertação de Mestrado. UEFS 2010. p. 111

comunidades. Inclusive contendo registro dos livros de tomo de diversas paróquias da cidade promover uma visão significativa sobre o papel da religião vista de baixo e servindo para emancipação das classes subalternas, através das CEBs.

No contexto da Ditadura e o processo de Industrialização o surgimento da experiência do Movimento de Organização Comunitária (MOC) como alternativa no “sentido de despertar o sentimento de comunidade em grandes grupos através do trabalho de todos, desenvolvendo a capacidade de cada um”,⁵⁶ que teve suas origens em segmentos progressistas do catolicismo na cidade. Foi tema do trabalho de Tandja Andréa Parisse, “*A sociedade civil no contexto da Ditadura: A experiência do Movimento de Organização Comunitária (MOC, na região de Feira de Santana no período de 1968 a 1979)*” que foi relevante para o desenvolvimento e crítica na constituição desse trabalho. Pois, esta entidade surgiu vinculada a tendências progressistas do catolicismo feirense inserida numa perspectiva ecumênica, evidenciando as contradições vivenciadas no interior da Igreja Católica naquela conjuntura política.

⁵⁶ PARISSE, Tandja Andréa. *A sociedade civil no contexto da Ditadura: A experiência do Movimento de Organização Comunitária (MOC, na região de Feira de Santana no período de 1968 a 1979)*. Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História, Feira de Santana: UEFS, 2001. p. 44

CAPÍTULO II

A CIDADE DE SANT'ANNA SOBRE O PERCURSO DO CAOS

*O Som dos Cavalos Selvagens
Dentro da noite
e pelo dia um eco surdo de ventania
Sobe a montanha transpõe o vale
a fúria avança a sombra invade
Marca no tempo finas esporas
um cata-vento no fio das horas
Patas de ferro porta fuzis
deixa no vento a cicatriz
Dentes de faca olhos de fogo
cuspindo raiva do próprio rosto
Destrói cidade e espanca a luz
Adelmo de Oliveira⁵⁷*

Feira de Santana vivia na década de 1950 com um intenso crescimento populacional, desenvolvendo atividades comerciais a cidade transformou-se num centro de convergência da região. Os aspectos que moldava a idéia de modernização trazida pelos novos investimentos industriais, agropecuários, e infra-estruturais, muitos deles comandados pelo próprio Estado, não pretendia (nem poderia) modificar as antigas estruturas e poder econômico e político(...)⁵⁸

Esse processo intensificou as contradições sociais e aprofundamento da acumulação de capital, sendo cada vez, mas representado pela ascensão econômica dos comerciantes e dos profissionais liberais na cidade. Diante de novos tempos os espaços urbanos se redefiniriam acompanhados pelo processo de industrialização que teria seu ápice nas décadas de 1960 e 1970. Segundo Rossine Cruz existia naquele período um processo “desigual e combinado” em que o “moderno” e o “arcaico” conviveriam “temporariamente” ensejando transformações no “espaço urbano e rural” (...).⁵⁹

As repercussões dos aspectos econômicos e sociais inevitavelmente teriam impactos sobre o campo político e religioso na definição de hegemonia na cidade de Feira de Santana.

⁵⁷ Adelmo Oliveira, natural de Itabuna. Formado em Direito, em 1966, pela Universidade Federal da Bahia, participou ativamente do movimento cultural da sua época, escrevendo estudos, ensaios e poemas para os principais jornais de Salvador. Consta ainda que o lançamento do livro *O Som dos Cavalos Selvagens*, obra de protesto contra a ditadura militar, lhe custou uma prisão (sua casa foi invadida, foi submetido a um interrogatório e sua obra confiscada e destruída por ordem do Ministério da Justiça). Informações extraídas do Site: O Arquivo de Renato Suttana.: <http://www.arquivors.com/index.htm>. Acessado em 18 de janeiro de 2012.

⁵⁸ CRUZ, Rossine Cerqueira da. *A inserção da Feira de Santana (BA) nos processos de integração produtiva e de desconcentração econômica nacional*. Tese de Doutorado em economia. Campinas: UNICAMP, 1999. p. 220

⁵⁹ Idem p.220

O debate político bipolarizava-se na cidade Princesa do Sertão com a ascensão do Partido da União Democrática Nacional (UDN) vinculado aos importantes comerciantes e profissionais liberais da região, a exemplo da família Falcão. Enquanto paralelamente o Partido Social Democrático (PSD) era representado pelos grandes proprietários rurais e suas velhas oligarquias lideradas pela família Fróes da Mota.

Com ascensão de novos grupos econômicos na década de 1950, a UDN consolidava sua presença política e daria início ao seu projeto hegemônico, principalmente ao eleger para prefeito João Marinho Falcão (1955-1959) que era um importante comerciante da região. Refletindo os novos tempos o aparato econômico iria sendo dinamizado e com ele o ideal de progresso e modernização sobre a cidade. Nesse processo, os udenistas aglutinavam para si o discurso da mudança, da modernização e do progresso, enquanto os pessedistas vinculados aos grupos ruralistas precisavam da renovação de seus quadros para adaptar-se àquela nova realidade e a disputa da Prefeitura no plano eleitoral com reais chances de vitória.

Era latente a rivalidade partidária de duas forças conservadoras na cidade. Isso ficou evidenciado com a visita do presidente da República Juscelino Kubitschek que era do PSD, enquanto o prefeito João Marinho leito em 1955 fazia parte do quadro da UDN. Uma visita que certamente acirrou os ânimos da política local. Segundo Fernando Pinto, vereador naquela época pelo PSD, a visita do presidente provocou um grande embate político entre os partidários do presidente e do prefeito municipal.

O líder do PSD local, Eduardo Fróes da Motta, queria levar o presidente Juscelino para almoçar em sua residência, já o prefeito João Marinho queria que o almoço fosse à sua casa. Diante da polêmica o presidente, com seu jeito mineiro de resolver as coisas, resolveu almoçar com o prefeito e depois visitou o correligionário na casa de Agostinho Fróes da Mota.⁶⁰

O “Jornal Folha do Norte”, em sua edição de 26 de janeiro de 1957, noticiou tal visita do presidente à cidade para inauguração do serviço de água em Feira de Santana. “O Presidente Juscelino Kubitschek foi recebido no campo de pouso pelo prefeito João Marinho Falcão, o qual foi acompanhado de sua comitiva, em automóvel, sempre saudado pelo povo, em direção à Lagoa Grande.”⁶¹ O discurso desenvolvimentista não poderia faltar naquela época, diante do grande contingente de flagelados que fazia parte da população de migrantes,

⁶⁰ OLIVEIRA. Dimas. Blog Demais. Lembrando visita do presidente Juscelino Kubitschek. Depoimento de Fernando Pinto. Disponível em: <http://oliveiradimas.blogspot.com/2011/07/lembrando-visita-do-presidente.html>. Acesso em 14 de novembro de 2011.

⁶¹ Jornal Folha do Norte 26 de Janeiro de 1957 p.1

os quais chegavam todos os dias na cidade de Feira de Santana, habitando a periferia e configurando o surgimento de novos bairros. Foi num desses bairros no chamado Alto do Cruzeiro que Juscelino inaugurou banheiros, chafariz e lavanderias,⁶² sendo saudado segundo a reportagem pelo povo e seus “diversos sotaques”, certamente se referindo aos migrantes nordestinos.

Diante desse contexto quais seriam as relações da Igreja Católica e as tendências políticas dos clérigos católicos? A Igreja Católica em Feira de Santana como já foi analisando no primeiro capítulo desempenhou ao longo da trajetória histórica da cidade um papel importante nas diversas dimensões da sociedade feirense, inclusive na política por deter um poder hegemônico e simbólico. Com as transformações que foram desencadeadas no século XX no cenário brasileiro, principalmente depois da Segunda Guerra Mundial, dando início a Guerra Fria e do governo de Juscelino Kubistchek com o seu desenvolvimentismo a história não seria a mesma. A Igreja Católica nesse contexto nacional precisa adaptar-se a novos tempos e conter as possíveis ameaças a sua hegemonia.

A maioria do clero feirense, pelo que tudo indica, no início dos anos 60 estava aliada com a perspectiva tradicional e conservadora da cúpula da Igreja Católica Baiana, que tinha como grande representante o Arcebispo Primaz do Brasil, Dom Augusto Álvaro da Silva.

Dos depoimentos realizados para composição deste trabalho foi comum aos entrevistados apontarem o caráter conservador do clero feirense naquele conjuntura. Como nos relatou Albertino Carneiro sobre os conselhos que recebeu do padre Jesuíta Dionísio, a respeito das posições tradicionais do catolicismo feirense quando Albertino foi nomeado para atuar em Feira de Santana em 1962. “Vá para Feira de Santana, mas não apareça muito como membro da JEC ou JAC, pois o pessoal de Feira é muito conservador”.⁶³ Estas organizações faziam parte dos movimentos sociais católicos, influenciada por segmentos moderados e progressistas do catolicismo brasileiro. A Igreja Católica na Bahia permanece politicamente conservadora e tradicional, na sua cúpula se opondo à secularização e a outras religiões, e pregava a hierarquia e a ordem. Muitas das vezes alguns movimentos sociais católicos eram vistos com restrições, por alguns clérigos, daí a preocupação do padre jesuíta Dionísio.

Esse segmento do catolicismo tradicional e conservador teve grande sucesso mantendo aliança estreita com o Estado e as elites, utilizando de mecanismos como Ação Católica Brasileira para influenciar diversos segmentos da sociedade. Mas a modernização rápida, as contradições sociais impulsionadas pelo desenvolvimentismo do presidente JK e o

⁶² Jornal Folha do Norte 26 de janeiro de 1957 p.1

⁶³ Entrevista do Padre Albertino Carneiro 15 de novembro de 2010 em sua residência.

avanço de outros credos religiosos como o protestantismo conduziu este modelo a crise. Inclusive radicalizado um discurso diante da ameaça do comunismo e da crescente presença do protestantismo no Brasil. Dom Agnelo Rossi, por exemplo, chegou a argumentar que o protestantismo fazia parte de um plano norte-americano para dominar a América Latina e destruir o catolicismo.⁶⁴

Em Feira de Santana a instituição religiosa católica foi nitidamente uma grande parceira das classes dominantes ao longo da História. Formada na sua maioria por clérigos tradicionais e caracteristicamente portadores de ideologias conservadoras, que estavam inseridos no início dos anos 60 aos embates político entre UDN e PSD. Os padres se aproximavam das tendências partidárias, embora não tivessem filiados a nenhuma legenda, mas que certamente percebiam uma perda de hegemonia diante daquela conjuntura de mudanças econômicas, políticas e sociais.

O padre Aderbal Saback Miranda, influente na vida religiosa, inclusive sendo um dos principais articuladores para a implantação da Diocese em 1962 um exemplo. Sua atuação religiosa se fazia muito presente já que tinha ficado a frente da Igreja Matriz de Santana durante 18 anos. Chegando a ser intitulado “pacificador da cidade de Feira de Santana” e “construtor da Diocese de Feira.”⁶⁵

Como fez parte da comissão pró-bispado em 1960 compreende-se sua atuação para instalação da Diocese, mas “pacificador da cidade” ficou um enorme silêncio, mas sobre o que ele pacificou na cidade e quais eram os conflitos. Infelizmente através das fontes não conseguimos identificar está questão. Embora o padre Aderbal Miranda não estivesse filiado a nenhum partido político na cidade, tinha relação de proximidade com a principal liderança udenista na cidade que era João Marinho Falção, que inclusive foi eleito prefeito entre 1956-1959, além de ter sido uma das referências no mundo dos negócios em Feira de Santana.

Segundo Albertino Carneiro que morou na mesma casa com o Padre Aderbal logo que chegou à Feira de Santana no ano de 1962, “havia uma relação de amizade com João Marinho que passava por idéias comuns, principalmente no campo político da UDN”⁶⁶ embora o padre não fosse filiado ao partido.

⁶⁴ MAIWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.p.54

⁶⁵ Livro de Tombo I da Paróquia da Catedral de Santana, p. 138. Apud. SANTOS. Rita Evejânia dos. *Interação Fé e Vida: “A Caminhada das Comunidades Eclesiais de Base em Feira de Santana.”(1980-2000)*. Monografia. UEFS. Feira de Santana. 2010, p24.

⁶⁶ Entrevista com Albertino Carneiro em 15 de novembro de 2010 em sua residência.

Mas padre Aderbal Miranda não foi o único clérigo da cidade a estabelecer proximidades com alguma liderança político. De acordo com Albertino Carneiro o padre Mário Pessoa e monsenhor Renato Galvão teria sido outro exemplo que tinham laços estreitos na política local.⁶⁷ Tanto padre Aderbal ou padre Mário Pessoa entre outros estavam inseridos naqueles embates da época, como certamente utilizava-se do poder simbólico na influência desse contexto, embora mantendo a concepção tradicional e conservadora do catolicismo feirense, que estava sobre a influência da Igreja Católica baiana na sua concepção hegemônica e aliado aos seus sistemas simbólicos.

Os “sistemas simbólicos” atuam como instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e conhecimento e asseguram a dominação de uma classe sobre outra a partir de instrumentos de imposição da legitimação, “domesticação” os dominados.⁶⁸

A atuação dos sacerdotes católicos e o capital simbólico acumulado vinculado à prática cotidiana resultariam, numa grande influência sobre as relações políticas e sociais a partir dos sistemas simbólicos desenvolvidos na sociedade feirense.

As Eleições de 1962

O Brasil no início da década de 1960 ingressava numa conjuntura de crise, política, econômica e social, que seria agravada com a renúncia em 1961 do presidente Jânio Quadros.

Em 26 de setembro de 1961, Jânio Quadros renunciou a presidência do Brasil, no entanto, seu vice João Goulart não pôde assumir a presidência tranquilamente, este sofreu ampla resistência por parte da direita política e de outros setores conservadores. Goulart assumiu, mas lhe foi imposto um governo parlamentarista.⁶⁹

A implantação do Parlamentarismo foi uma espécie de golpe dos setores conservadores da sociedade brasileira que temia as posições de João Goulart pela sua ligação com segmentos esquerdistas e por ser um produto do varguismo. Num mundo bipolarizado politicamente e ideologicamente pela Guerra Fria, as contradições na sociedade cresciam e com ela a idéia de perigo do avanço do comunismo pelas forças conservadoras.

O período da Guerra Fria denominado de “coexistência pacífica” foi caracterizado por momentos de muitas tensões como o surgimento do Muro de Berlim em 1961 e a crise

⁶⁷ Entrevista com Albertino Carneiro em 15 de novembro de 2010 em sua residência.

⁶⁸ BOURDIEU, Pierre. *Sobre o poder simbólico*. In: *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989. p.7-15.

⁶⁹ PRADO. Carlos Batista. *A Participação da Igreja Católica na implantação e consolidação do regime Militar*. AMPULHETTA: revista eletrônica de história. 2005. Disponível em: http://www.ampulhetta.org/textos/Artigo_Igreja.pdf Acessado em 21 de dezembro de 2009.

dos Mísseis em Cuba de 1962. Particularmente a Revolução Cubana de 1959 elevou o debate político para América Latina, marcado pela erupção de movimentos populares e grande mobilização segmentos conservadores aliado ao capital estrangeiro associativo.

Para os segmentos conservadores da sociedade brasileira era necessário ficar alerta diante de um possível perigo comunista no Brasil, principalmente com a mobilização de movimentos populares querendo ampliar os direitos sociais e democráticos chocando com os privilégios de alguns grupos economicamente favorecidos pela crescente desigualdade social.

No ano de 1962 as questões políticas e ideológicas viriam à tona de forma, mas eminente por causas das eleições nos Estados. Marcada pela conjuntura da Guerra Fria (ameaça comunista), e a crise institucional (Renúncia de Jânio Quadros) as eleições de 1962 seriam compostas na Bahia de uma estranha aliança e da radicalização ideológica tanto por parte da direita, quanto da esquerda e que teriam suas repercussões em Feira de Santana.

Na Bahia uma aliança entre dois partidos rivais no cenário político nacional foi preponderante para as eleições de 1962. A coalizão UDN-PTB sobre o PSD refletiu uma enorme contradição ao cenário nacional. Segundo Muniz Ferreira:

[...] o início o paradoxo de incluir em sua chapa o PTB baiano, partido que, conquanto fosse hegemonizado na Bahia por sua ala menos “progressista”, era também o partido do primeiro mandatário da República. Inversamente, o Partido Social Democrático, que se notabilizava nacionalmente pela moderação de suas propostas e por um posicionamento de centro, trazia impressa na fisionomia política de seu candidato a marca do comprometimento com o reformismo econômico-social e abertura às demandas populares do ex-ministro do trabalho de Getúlio Vargas.⁷⁰

A partir dessa aliança na Bahia, bastante contraditória ao cenário nacional as eleições de 1962 foram realizadas para eleger representantes para o Governo do Estado, Prefeituras municipais, Senadores, Câmara Federal e Câmara Estadual, além das Câmaras Municipais.

Mas qual seria atuação da Igreja Católica nesse processo eleitoral de 1962? Num contexto de Guerra Fria em torno da perspectiva do perigo comunista, em Salvador a instituição religiosa católica criou a Aliança Eleitoral Pela Família (ALEF), sendo um importante instrumento na elaboração do discurso anticomunista. O objetivo da Igreja Católica era de certa forma orientar as eleições para que os católicos buscassem candidatos comprometidos com a moral religiosa.

⁷⁰ FERREIRA. Muniz. O Golpe de Estado de 1964 na Bahia. Disponível em: http://www.fundaj.gov.br/licitacao/observa_bahia_02.pdf. Acessado em 23 / 02 / 2012

É importante salientar que a ALEF que foi organizada pela Igreja Católica em Salvador aparentemente não teve repercussões diretamente na disputa eleitoral em Feira de Santana. Pois através das fontes analisadas e depoimentos realizados, não foi encontrando nenhuma evidência sobre a atuação da ALEF de forma direta na cidade de Feira de Santana. Embora que dois nomes da política feirense apareçam no documento final da ALEF, o advogado José Falcão da Silva e do professor Áureo de oliveira Filho, ambos eram candidatos a Câmara Legislativa Estadual. O documento final da ALEF foi uma lista publicada nos jornais baianos sobre os candidatos comprometidos com a moral cristã em 21 de setembro de 1962.⁷¹

O professor Áureo de Oliveira Filho era importante liderança udenista de Feira de Santana, além de dono do tradicional Colégio Santanópolis. Já o advogado José Falcão da Silva era leigo atuante da Igreja Católica feirense, inclusive desempenhava papel de advogado da Cúria Diocesana, além de ter feito parte da comissão pro-bispado de 1960 no processo de mobilização para instalação da Diocese.

A UDN vivenciava um processo de ascensão política na cidade, desde a década de 1950, sendo que em 1962 seria o momento de consolidar a hegemonia política do partido. Nesse processo um novo nome despontava como um jovem símbolo que representava as concepções ideológicas de um grupo social e ao mesmo tempo defendia a ética dos bons costumes acompanhando do ideal de progresso que através do discurso da ordem e disciplina aliava-se aos interesses também de uma ala hegemônica da Igreja Católica em Feira de Santana. Assim foi escolhido na Convenção local o nome de Dr. João Durval Carneiro à Prefeitura de Feira de Santana.

Os momentos finais do governo de Arnold Silva levam à convenção local da UDN a escolha de um novo candidato, rapaz jovem, de formação na capital, um representante legítimo dos novos comportamentos citadinos, prefeito interino, e acima de tudo um defensor da moral e dos bons costumes.⁷²

Enquanto isso o PSD jogava todos seus esforços para eleição de prefeito em Dr. Francisco Pinto dos Santos (Chico Pinto), vinculado ala progressista do partido. Oriundo de uma família ruralista, donos de destilaria, começou a ganhar popularidade, principalmente devido o exercício da advocacia em sindicatos de trabalhadores da cidade e para pessoas que não tinham como pagar um advogado. Assim como Durval era um nome novo na política

⁷¹ A TARDE, 4 de outubro de 1962, p. 1

⁷² CORRÊA. Diego Carvalho. *O futuro do passado: uma cidade para o progresso e, o progresso para cidade em João Durval Carneiro. (1967-1971)*. Mestrado em História. UEFS. 2011, p.35.

feirense, embora que ambos já tinham sido vereadores, eles detinham concepções políticas e ideológicas diferentes. Os embates já começavam pelos slogans de campanha. Pelo PSD apregoava-se que “Francisco Pinto no Poder é o povo governando”, ao que a candidatura da UDN respondia, “João Durval na prefeitura é João Durval governando”.⁷³

Em depoimento Francisco Pinto afirmou ser produto do populismo (sem aspas) do getulismo, da rígida ética que a UDN pelo menos extremava e, mais tarde, dos ideais socialistas na Universidade.⁷⁴ Pinto, certamente, representou aquele período e suas contradições, principalmente ao se aproximar das classes populares e despertar a simpatia do PCB na clandestinidade.

O PCB já contava com certo crescimento na cidade, havia conseguido eleger o vereador Humberto Mascarenhas para o pleito entre 1959 a 1962 e segundo militantes do partido havia um participação expressiva destes em sindicatos e organizações como a Associação Feirense de Estudantes Secundaristas (AFES)⁷⁵.

Uma nova configuração de aliança se desenhava sobre o cenário feirense diante do nome de Chico Pinto, aglutinando forças populares em torno do PSD que tinha o apoio do PCB e dos estudantes que desempenharam um papel fundamental de mobilização da candidatura de Pinto. Sustentado num discurso que contemplava as demandas populares, a vitória de Francisco Pinto simbolizava a interrupção dos interesses econômicos e políticos de um grupo social na cidade, em favor do atendimento das demandas populares que certamente também se contrapunha ao próprio PSD.

O próprio slogan da campanha trazia a ideia de povo no poder que em tempos de Guerra Fria, fez com que o nome de Francisco Pinto fosse associado ao comunismo, que para entidades conservadoras como ala tradicional da Igreja Católica traduzia-se em uma grande ameaça. Segundo o próprio Francisco Pinto a ordem religiosa dos Frades Capuchinhos fizera grande oposição à sua candidatura na campanha eleitoral de 1962.

Os Frades Capuchinhos na ocasião e ainda hoje proprietários da rádio Sociedade de Feira de Santana local, desencadearam uma campanha que se estendeu aos púlpitos, com sermões

⁷³ SANTOS. Ana Maria Fontes dos. *O Ginásio Municipal no Centro das Lutas Populares em Feira de Santana (1963-1964)*. Sitientibus, Feira de Santana, n.24, jan/jun. 2001, p. 36.

⁷⁴ Idem, p. 142.

⁷⁵ CORRÊA. Diego Carvalho. *O futuro do passado: uma cidade para o progresso e, o progresso para cidade em João Durval Carneiro. (1967-1971)*. Mestrado em História. UEFS. 2011, p 35.

irradiados e, até no confessionário, pediam para não votar no candidato comunista. No entanto eu não era comunista.⁷⁶

O resultado do pleito eleitoral para Prefeitura de Feira de Santana de 1962 foi marcada por uma incrível diferença de 43 votos⁷⁷ que deu a vitória ao PSD de Francisco Pinto, mesmo com a mobilização contra sua campanha pelas forças conservadoras que tiveram sustentação em alguns segmentos do clero feirense e que faria uma forte oposição ao seu governo que foi sempre caracterizado como comunista. De acordo com o próprio Francisco Pinto os Frades Capuchinhos estendeu a campanha de 1962 pelos púlpitos, sermões e confessionários sobre a justificativa do perigo comunista, literalmente os frades e tantos outros clérigos saíam da sacristia, mas não conseguiriam mudar o percurso daquela eleição extremamente disputada.

Da Sacristia ao perigo Vermelho. É Chegada a hora do golpismo?

O discurso contra o comunismo fazia parte daquele período e representava uma ameaça ideológica possível para muitos segmentos e instituições sociais. A Igreja Católica tornou-se uma instituição ao longo do século XX que, mas combateu o comunismo. Pois eram inconciliáveis e incompatíveis, ganhando o aspecto maniqueísta do bem contra o mal e da luta entre Deus contra o Diabo. O comunismo era associado ao caos sobre a sociedade, uma ameaça a família, a fé e a propriedade privada, por isso era um perigo eminente a ser combatido, que tinha nos católicos tradicionais o dever de combater a concepção do grande mal do século XX.

Quando grupos políticos estão ameaçados a relação com a Igreja Católica se faz essencial na elaboração de um discurso que produza o medo, incerteza e aponte para o discurso moralizante da fé, naquele contexto das eleições de 1962, o perigo do comunismo na cidade de Feira de Santana desempenhou importante papel nos embates políticos, embora não tenha conseguido definir a eleição por uma diferença muito pequena de votos.

Na campanha para prefeito de 1962 o candidato Francisco Pinto do PSD foi repellido em uma matéria do Jornal Folha do Norte em 08 de setembro daquele ano por causa de um dos seus comícios. Segundo o Jornal os “comunistas” teriam atacado com “palavras brutais” Frei Hermenegildo de Castorano, frade capuchinho da cidade e diretor da Rádio Sociedade emissora pertencente a mesma ordem religiosa da Igreja Católica.

⁷⁶ NADER, Ana Beatriz. *Autênticos do MDB, semeadores da democracia: historia oral de vida politica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p.145.

⁷⁷ SANTOS. Ana Maria Fontes dos. *O Ginásio Municipal no centro das lutas populares em Feira de Santana (1963-1964)*. Sitientibus, Feira de Santana, n.24, p.31-44, Jan/Jun. 2001, p.33

Toda a Feira de Santana sentiu e lamentou profundamente o brutal e injusto ataque sofrido por Frei Hermenegildo de Castorano partido de um comício político do Sr. Francisco Pinto, candidato à sucessão municipal... Foi barbaramente ofendido pelos comunistas. A defesa da Família, lei, Fé da democracia e da liberdade, votando contra o anarquismo vermelho.⁷⁸

A força simbólica de elementos religiosos produziu uma atuação nos espaços políticos na elaboração do discurso anticomunista eficaz, marcado pela ideologia. Lembrando que uma condição importante para o exercício do controle social por meio do discurso é o controle do discurso e a sua própria produção. O anticomunismo pode atingir um componente fundamental da cultura política dos regimes democráticos assumindo uma função importante na integração sociopolítica e na legitimação do sistema. Segundo Bonet “o anticomunismo – entendido como um conjunto de idéias, de representações e de práticas de oposição ao comunismo tornou-se força decisiva nos embates políticos do mundo contemporâneo”.⁷⁹

Em Feira de Santana o catolicismo institucionalizado de caráter conservador e tradicionalista reafirmou seu papel enquanto aparelho privado de hegemonia. Para Gramsci as religiões fornecem os principais elementos do senso comum, constituindo-se em uma potência ideológica sobre vastos estratos sociais. Principalmente diante das crises de conjuntura em que a hegemonia está ameaçada e as camadas dominantes procuram garantir os velhos privilégios tende a convergir forças diante de um inimigo comum. Assim converge o discurso anticomunista aos interesses de um grupo social e partidário vinculado à sociedade civil e da instituição religiosa.

Segundo Gramsci a sociedade civil seria um conjunto de organismos designados como privados, formada pelas organizações responsáveis tanto pela elaboração quanto pela difusão das ideologias⁸⁰, compreendendo assim o sistema escolar, as igrejas, os sindicatos, os partidos políticos, as organizações profissionais, a organização material da cultura (que se dá pelos jornais, revistas, editoras, meios de comunicação de massa) etc. Em suma, os ditos “aparelhos privados de hegemonia”, organismos sociais coletivos voluntários e relativamente autônomos em face da sociedade política.

Quando a ordem vigente era ameaçada os sujeitos que se contrapunham a mudança de hegemonia se articulavam em diversos segmentos, cumprindo o papel de aparelho privado. Nesse sentido a qualquer sinal de uma crítica contundente sobre a realidade brasileira,

⁷⁸ Jornal Folha do Norte 08 de setembro de 1962, p.1

⁷⁹ BONNET, Luciano. *Anticomunismo*. In: BOBBIO, Norberto. MATEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfrancesco. (Orgs). *Dicionário de Política*. Brasília, UDUnB. 1986, p.34.

⁸⁰ PORTELLI, Hugues. *Gramsci e a questão religiosa*. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1984. p.35

inclusive de ampliação da democracia burguesa para as classes subalternas era comum o retorno ao ideário do anticomunismo e suas representações como uma forma de evitar mudanças e manter os privilégios dos grupos dominantes.

A deturpação ou manipulação de acordos e interesses políticos eleitorais utilizavam-se da justificativa dos subversivos e qualquer tipo de crítica como uma ameaça a ser combatida. Isso foi bastante utilizado nas eleições de 1962, vinculando Francisco Pinto a grupos comunistas. Até mesmo leigos da própria Igreja Católica foram confundidos como subversivos por apenas desempenharem uma postura crítica sobre aquela conjuntura, respingando nos padres progressistas, muitas vezes denominados de padres comunistas.

O governo de Francisco Pinto iniciado no ano de 1963 inaugurava na Prefeitura de Feira de Santana um estilo próprio de governar, embora apresentasse alguns aspectos do populismo decadente, sofreria uma enorme oposição de diversos segmentos sociais, vinculada à elite local. Por causa dos projetos inovadores para administração pública e de medidas que representavam as demandas populares.

[...] organização da população da periferia da cidade em Sociedade de Bairros, que estimulava o início de uma prática, hoje conhecida, por administração e orçamento participativos, em que se discutia com a população a aplicação dos recursos dos bairros; implantação de mercado popular e de uma farmácia do povo; e na área de atendimento às demandas por educação, destaca-se o ensino secundário público e gratuito, com a implantação do Ginásio Municipal.⁸¹

Um governo que ostentaria o tema da campanha, “Francisco Pinto na prefeitura é o povo governando”⁸² apoiado no movimento estudantil e no Partido Comunista local, num período de embates ideológicos daquele período, não demoraria muito para que a oposição crescente na cidade se sentia ameaçada pela postura administrativa do prefeito.

Alguns aspectos provocaram espanto e ameaçaram a hegemonia de grupos economicamente favorecidos na cidade pelo poder público em governos anteriores. A questão das demandas educacionais foi um desses exemplos que tornou-se referência quando se implantou através do método Paulo Freire um programa de alfabetização vinculado ao Movimento Educacional de Base (MEB) na cidade, que visava alfabetização com conscientização política dos sujeitos e que teve uma ampla participação estudantil em Feira de Santana. Visto que eram os próprios estudantes mobilizados para produção e projeções dos

⁸¹ SANTOS. Ana Maria Fontes dos. *O Ginásio Municipal no centro das lutas populares em Feira de Santana (1963-1964)*. Sitientibus, Feira de Santana, n.24, p.31-44, Jan/Jun. 2001, p.37

⁸² Idem, p.38

slides sobre uma determinada comunidade e seus problemas. Utilizando desse material para as aulas de alfabetização, em que aprendia a ler e escrever.⁸³

A própria instalação do Ginásio Municipal foi atributo do governo Francisco Pinto, o qual teve de atravessar alguns interesses de grupos políticos na cidade ligados a UDN. Como o Professor e Deputado Estadual Áureo de Oliveira Filho que era líder da UDN na cidade e dono do colégio Santanópolis. O governo Municipal oferecia bolsa de estudos à população carente no colégio do Santanópolis com a implantação do Colégio Municipal esta demanda tende a cair e isso significava a quebra do principal monopólio cultural da cidade, afora os incalculáveis prejuízos políticos e econômicos.⁸⁴

Essas foram algumas medidas de muitas que Francisco Pinto procurou implantar no seu governo e que teria um alto preço diante da oposição dos segmentos sociais ligados à elite local conservadora, que teria apoio de alguns elementos do clero feirense tradicional, como o Frei Hermenegildo de Castorano que era importante liderança anticomunista na cidade. Em 25 de janeiro de 1964 o Jornal Folha do Norte noticiou num tom de protesto a transferência do Frei Hermenegildo de Castorano para a cidade de Itabuna segundo o Jornal:

A transferência do Frei Hermenegildo de Castorano ignorando-se ainda os motivos que originaram tal ocorrência, comenta-se, porém, que a atuação esclarecedora contra o comunismo, no último pleito, contribuiu para que, elementos interessados na sua remoção procurassem o Custodio Geral da Ordem Franciscana na Bahia, visando obter sua saída dessa cidade.⁸⁵

Frei Hermenegildo parecia que estava em sintonia com a UDN chegando a ser, apontado pelo Jornal como grande realizador. Talvez pela liderança da Ordem dos Frades Capuchinhos, ou como diretor da Rádio Sociedade de Feira de Santana, mas certamente pela eficiência na cidade no combate do comunismo e seu papel nas eleições de 1962 vinculado a UDN.

O papel do Frei Capuchinho correspondia ao do intelectual orgânico, vinculado a segmentos tradicionais da Igreja Católica. Entendendo o intelectual como um o sujeito capaz de formular uma interpretação coerente do mundo e orientar a ação, numa sociedade marcada pelas diferenças e divisões sociais.

Não foi possível detectar se realmente existiu alguma interferência política na transferência do Frei Hermenegildo de Castorano, mas sua atuação no pleito de 1962 foi

⁸³ Entrevista com Albertino Carneiro 15 de novembro de 2010 em sua residência.

⁸⁴ SANTOS. Ana Maria Fontes dos. *O Ginásio Municipal no centro das lutas populares em Feira de Santana (1963-1964)*. Sitientibus, Feira de Santana, n.24, p.31-44, Jan/Jun. 2001,p. 34.

⁸⁵ Jornal Folha do Norte 25 de janeiro de 1964, p.1

importante na articulação de forças com outros segmentos sociais contra a eleição de Francisco Pinto e seu projeto popular, taxado de muitas vezes de comunista. Certamente Frei Hermenegildo de Castorano saiu da Sacristia para combater o perigo vermelho, inclusive tornando-se símbolo de luta, participando de forma bastante atuante em movimentos como a Marcha da Família depois do golpe de 1964.

Os protestantes também desenvolveram práticas anticomunistas segundo a dissertação Mestrado de Luciane Silva de Almeida “*O Comunismo é o ópio do Povo*”: *Representação dos Batistas sobre o Comunismo, O Ecumenismo e o Governo Militar na Bahia. (1963 – 1975)* analisar a relação dos Batistas na Bahia naquela conjuntura a Convenção Batistas Brasileira e Baiana colaborou para o Regime Militar. Suas observações sobre o anticomunismo conduz a uma interpretação consistente de que o discurso do perigo vermelho não teve apenas a Igreja Católica, enquanto propulsora, mas também outras instituições religiosas como as denominações protestantes, que perceberam a possibilidade estratégica em muitas circunstâncias de garantir espaço político na sociedade, principalmente depois do golpe Militar de 1964.

O Brasil vivenciava o período de muitas tensões políticas, principalmente com a vitória do presidencialismo em 1963, garantido ao presidente João Goulart o controle de fato do poder executivo. O modelo capitalista que estava se desenvolvendo no Brasil passou por um processo de esgotamento, marcada por duas forças sociais que eram os interesses multinacionais e associativos e as classes trabalhadoras industriais se tornaram incontroláveis e com isso contribuiu para minar a perspectiva de um Estado neutro.⁸⁶ Nesse sentido uma ameaça foi sendo construída por motivações externas e interesses internos de um possível perigo do comunismo que era necessário ser combatido como já foi citado anteriormente.

De fato, a própria ocorrência do fenômeno no plano nacional e seu desdobramento em terras baianas representaram uma solução aos dilemas gerados no âmbito de uma formação social confrontada com alternativas diversas, como a da possibilidade de um desenvolvimento economicamente autônomo, socialmente integrado e politicamente democrático ou o crescimento econômico dependente, socialmente assimétrico e politicamente autoritário. Tais contradições perpassavam o mundo político e social baiano [...].⁸⁷

⁸⁶ DREIFUSS, Rene Armand 1964: *A ação política, poder e golpe de classe*. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p 37.

⁸⁷ FERREIRA. Muniz. *O Golpe de Estado de 1964 na Bahia*. Disponível em: http://www.fundaj.gov.br/licitacao/observa_bahia_02.pdf. Acessado em 23 / 02 / 2012.

Diversos segmentos articulados no cenário nacional de oposição ao presidente Goulart fizeram presentes até mesmo em Feira de Santana como foi o caso do IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática) que era uma entidade anticomunista que tinha um posto de saúde no centro da cidade inaugurado no dia 05 de agosto de 1963 na praça Fróes da Mota. O Jornal Folha do Norte publicou um mensagem do representante da entidade na cidade o senhor Mendes Costa explicando a atuação do órgão na cidade:

O IBAD é um órgão de defesa da democracia contra o comunismo e contra esse governo de demagogos e subversivos que pretender afundar esse país num mar de sangue. Em Feira de Santana inauguramos em 05 de agosto um posto de Assistência Médica Odontológica da Ação Democrática na Praça Fróes da Mota com a presença de diversas autoridades.⁸⁸

Infelizmente a atuação do IBAD em Feira de Santana foi uma questão que não foi possível aprofundar, mas o IBAD era “um órgão de intelectuais orgânicos das classes empresariais que tinham ligações com empresários, militares,[...] sincronizou suas atividades às organizações paramilitares como (MAC) Movimento Anti comunista”.⁸⁹ E que estavam articulados a outros segmentos da sociedade civil na produção e elaboração do discurso anticomunismo.

O nome do prefeito de Feira de Santana Francisco Pinto era associado aos comunistas, assim como do presidente Goulart, num País corroído pelo aumento das tensões políticas e sociais diante de uma crise econômica. No final do ano de 1963 ocorreu o episódio que marcaria a história feirense que foi o “Quebra-quebra” da Câmara de Vereadores, em que a proposta de Lei Orçamentária do poder executivo foi rejeitada pelos vereadores. “[...] a Câmara de Vereadores, a maioria oposicionista procurou usar expedientes diversos para desqualificar a matéria e, o mas grave, tentava-se aprovar a redução das verbas destinadas ao Ginásio Municipal.”⁹⁰. A repercussão acabou gerando uma revolta popular que culminou com a depredação da Câmara de Municipal o chamado “Quebra-Quebra”.

Quando estourou o golpe de 1964 o Prefeito de Feira de Santana Francisco Pinto foi acusado de promover e incitar a depredação dos populares contra a Câmara Municipal de Vereadores. Tal acusação foi seguida pela tentativa de resistência na cidade ao golpismo

⁸⁸ Jornal Folha do Norte de 14 de setembro de 1963. p.3

⁸⁹ DREIFUSS, Rene Armand. 1964: a conquista do estado: A ação política, poder e golpe de classe. 4. Ed Petrópolis: Vozes, 1986.p.102 e 104.

⁹⁰ SANTOS. Ana Maria Fontes dos. *O Ginásio Municipal no centro das lutas populares em Feira de Santana (1963-1964)*. Sitientibus, Feira de Santana, n.24, p.31-44, Jan/Jun. 2001, p. 39

diante das notícias vinculadas pelo Jornal Folha do Norte, como manchetes tendenciosas como: “Prefeito levanta barricadas contras as Forças democráticas.”⁹¹

Era chegada a hora do Golpismo? Na encruzilhada que se encontrava o Brasil as classes dominantes e suas elites ideológicas e repressivas, no pré-64, apenas enxergavam baderna, anarquia, subversão e comunização do País, diante de legítimas iniciativas dos operários, camponeses, estudantes, soldados e praças etc.⁹² O espectro do golpe rondava o Brasil sobre ameaça do comunismo como uma justificativa para conter as reais demandas sociais. Visto que a muito tempo a perspectiva do golpe na política brasileira estava sendo desenhada.

Nessa situação histórica aparelhos ideológicos como a Igreja Católica, passam a intervir de forma mais contundente na cena política, sendo a política parte da vida social, em que homens negociam e disputam o poder justamente com suas ideologias. Sobre a justificativa da ameaça comunista o golpe militar-civil proclamava-se enquanto revolução democrática com a participação de segmentos da sociedade civil, entre eles a Igreja Católica. Enquanto o presidente Goulart era destituído pelos militares outros golpes surgiram dentro do golpe. Na Bahia três prefeitos foram depostos: Francisco Pinto, de Feira de Santana, e Pedral Sampaio, de Vitória da Conquista, ambos do PSD, perderam os mandatos sob pretexto de ligações com forças de esquerda, sendo também cassado o prefeito de Ilhéus, o petebista Herval Soledade.⁹³

Mas qual teria sido a participação a Igreja Católica Tradicional que era uma das principais instituições de combate ao comunismo na Bahia no processo do golpe de 1964? No dia 06 de março de 1964 ocorreu uma reunião na cidade de Salvador dos Bispos Católicos dos municípios baianos entre eles esteve presente o Bispo da recente Diocese de Feira de Santana Dom Jackson Berenguer. A reunião resultaria numa visita dos Bispos sobre a liderança do Cardeal Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil Dom Augusto, ao Governador Lomanto Júnior, em que a Igreja Católica na Bahia enquanto instituição religiosa, afirmava sua posição através de uma declaração no final do encontro gerando um discurso que foi proferido pelo bispo Dom José Pedro da cidade de Caetité e que foi publicado no Jornal “A Tarde” daquele ano:

⁹¹ Folha do Norte 04 de abril de 1964, p.1

⁹² TOLEDO. Caio Navarro. *Brasil: do ensaio ao golpe (1954-1964)* Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, nº 47, p.13-28 – 2004, p.15

⁹³ NETO. Paulo Fábio Dantas. *Quebra da casca do ovo: A Elite baiana e a obra do golpe de 1964*. Disponível em: http://www.fundaj.gov.br/licitacao/observa_bahia_01.pdf acessado em 22 de outubro de 2010

Nós lhe deixamos as nossas bênçãos para que seu governo, os seus auxiliares, a opinião sensata da Bahia compreendam que é preciso combater a desordem, que é preciso impor no Brasil o respeito ao nosso regime para que os comunistas que querem fazer aquilo a que não tem direito – conspirar dentro da democracia contra a própria democracia – elas possam encontrar na atitude serena, mas enérgica, com a colaboração nossa de chefes espirituais(...).⁹⁴

A Igreja Católica baiana na sua alta cúpula fizera parte dos antecedentes do golpismo na Bahia desempenhando uma função atuante em torno dos segmentos tradicionais e conservadores, que articulados aos outros segmentos da sociedade civil desempenharam o discurso estratégico em torno do perigo comunista. A visita dos Bispos emanava a benção religiosa ao governo de Lomanto Júnior, mas também exigia uma atuação enérgica em torno de uma ordem ameaçada, sendo necessário o “combater a desordem”.



Na fotografia retirada do Jornal A Tarde “A palavra da Igreja Católica ao Governo da Bahia”⁹⁵ nos revela a sintonia da instituição religiosa com os segmentos da sociedade civil. Inclusive a declaração da Igreja Católica na Bahia contribuiu com o discurso dos segmentos conservadores da sociedade civil sobre o ideal de legitimação e proteção da democracia brasileira e suas limitações. Inclusive no final da declaração a instituição católica deixava clara a sua posição, pois para os segmentos tradicionais era necessário “encontrar na atitude serena, mas enérgica, com a colaboração nossa de chefes espirituais.”⁹⁶ Era a posição dos bispos baianos contra o espectro do perigo comunista.

O perigo do Comunismo não era uma novidade para a Igreja Católica, suas raízes estão no século XIX, com as transformações promovidas pela expansão da Revolução Industrial pela Europa e o surgimento das doutrinas sociais. A Encíclica “Rerun Novarum” do Papa Leão XIII, surgiu naquele contexto para conter o avanço do chamado Socialismo

⁹⁴ Jornal A Tarde, 06 de março de 1964. p.3.

⁹⁵ Foto do Jornal A TARDE, 06 de março de 1964. p. 3.

⁹⁶ Jornal A Tarde, 06 de março de 1964. p.3.

Científico e do Anarquismo. A Igreja Católica através da sua doutrina social queria amortecer a luta de classes quando defendia a propriedade privada e a conciliação de classe.

No início do século XX com a Revolução Russa em 1917, houve um grande impacto ideológico sobre o mundo capitalista e paralelamente na instituição da Igreja Católica. O sinal do perigo era representado pela URSS de Lênin. A Igreja Católica alertou o mundo através da mensagem de Nossa Sr^a. de Fátima em Portugal a três crianças chamando atenção do mundo para o risco de tal processo revolucionário dos russos. Tal aparição faria inclusive Fátima e seu terço um dos principais símbolos da Igreja Católica contra o comunismo no século XX.

Mas o ápice do anticomunismo católico se deu na década de 1930, no contexto da Guerra Civil Espanhola. Nesse momento a Igreja sentiu-se mais ameaçada que nunca, pois o público alvo das perseguições anticlericais desta vez era uma nação católica e não a Rússia ortodoxa.⁹⁷

A Igreja Católica da Espanha que ficaria do lado do General Fascista Franco pagaria um alto preço diante da reação dos comunistas espanhóis. As notícias de profanação de imagens, mortes de padres e freiras promoveram uma radicalização dos revolucionários em torno do catolicismo. Esse acontecimento contribuiu em primeiro lugar para fixar a idéia de que os comunistas são ateus profanadores da religião, adeptos da violência e destruição e os fiéis devem temer a ação dos inimigos da Igreja.⁹⁸

O discurso da Igreja Católica foi muito eficiente e teve um alto poder de mobilização das massas em diversas manifestações pelo mundo e principalmente no Brasil, depois da famosa Intentona Comunista de 1935, gerando diversas manifestações da Igreja Católica Brasileira de repúdio ao comunismo. Nos anos 60 esses acontecimentos eram sempre lembrados, tendo como símbolo a imagem de Nossa Senhora de Fátima e a representação do terço como arsenal do combate ao comunismo.

As passeatas das Cruzadas do Rosário foi um exemplo marcante desse processo que era organizada pelo mundo afora pelo Padre Patrick Peyton⁹⁹ que utilizavam dos meios de comunicação e teve uma grande penetração nos EUA. Alguns historiadores como Carlos Fico

⁹⁷ MOTTA, Rodrigo P. Sa (Rodrigo Patto Sa). *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 28.

⁹⁸ Idem, p. 97.

⁹⁹ Quando estava no terceiro ano de estudo em Teologia, Peyton foi acometido de tuberculose, momento em que teria sido aconselhado por um colega de sacerdócio a crer na intercessão da Virgem Maria. Melhorando o seu estado de saúde, decide dedicar-se ao culto de Nossa Senhora e de restituir a prática de rezar o Rosário nos EUA como forma de retribuir a graça alcançada. A vida e obras do servo de Deus Padre Patrick Peyton CSC, o Padre do Rosário disponível em [HTTP://www.rosarioemfamilia.org/padrepeyton.htm](http://www.rosarioemfamilia.org/padrepeyton.htm), p. 1. Acessado em 14 de março de 2008.

afirmam, hoje, que o departamento de Estado norte-americano disponibilizou recursos que financiaram a propagação da Cruzada por diversos países do mundo com o advento da Guerra Fria.

No contexto de crise política e econômica, do crescimento da mobilização popular diante das demandas sociais no início da década de 1960 teve no Brasil um dos pontos de passagens obrigatórios da Marcha do padre Patrick Peyton como uma forma de conter o avanço do comunismo. A cidade de Salvador foi inclusive palco de uma dessas Marchas das Cruzadas do Rosário no Brasil, que teve um alto poder de mobilização vinculada a Arquidiocese católica baiana de propaganda e divulgação do evento até mesmo pelo interior do Estado.

De acordo com a reportagem do Jornal Diário de Notícias de 11 de maio de 1963 o material de divulgação estava relacionado a livretos e a exibição de filmes que percorria os hospitais e diversas paróquias de Salvador.¹⁰⁰ Isso não significou a não existência da divulgação dos significados do terço naquele contexto de Guerra Fria e da oposição ao Governo de Francisco Pinto taxado de comunista na cidade de Feira de Santana.

Segundo o Jornal Diário de Notícias ocorreu divulgação em outras regiões que também mereceram a atenção dos dirigentes da campanha, que exibiram os filmes em 55 cidades e vilas das zonas do Recôncavo e Feira de Santana.¹⁰¹

Com a deposição do presidente João Goulart e a instalação da Ditadura em 1964, a Igreja Católica não ficaria em silêncio no Brasil, muito menos na Bahia, a publicação da Diocese Baiana enfatizava o Misericórdia Divina no golpe de 1964 legitimando a ações dos militares.

Em testemunho de ação de graças à Misericórdia Divina que, ainda uma vez, preservou da dominação do comunismo internacional ateu a nação brasileira, recomenda o Ilustríssimo Cardeal da Silva, Arcebispo Primaz, ao Clero da Arquidiocese, um tríduo de orações com benção solene do Santíssimo Sacramento, nos dias 6, 7 e 8 do corrente, em todas as igrejas paroquiais, reitorias e capelanias, para o feliz êxito da eleição do novo governo do país.¹⁰²

A Igreja Católica sobre a influência de tendências tradicionais legitimava o golpe denominado na época como uma Revolução, mas ao mesmo tempo vivia internamente no cenário nacional as contradições da sociedade refletir no seu interior. Na Bahia mesmo com a

¹⁰⁰ Diário de Notícias, 11 de maio de 1963, p.2.

¹⁰¹ Diário de Notícias, 19 de maio de 1963, p.2.

¹⁰² Jornal A Tarde, 06 de abril de 1964, p. 4.

predominância dos segmentos do catolicismo tradicional produzindo um discurso do perigo vermelho e do papel salvador do golpe de 1964 não fugiu dos antagonismos vivenciados pela postura de alguns clérigos e suas tendências.

Um dos muitos exemplos que evidência as contradições da Igreja Católica no Brasil naquela conjuntura foi a própria declaração pela CNBB (Confederação Nacional dos Bispos Brasileiros) sobre a “Situação Nacional” em maio de 1964, que aprovada pela influência dos Bispos conservadores revelava os antagonismos em torno de pronunciamento confuso e contraditório, em que ao mesmo tempo agradecia aos militares por salvar o Brasil do comunismo, mas também pedia o fim dos ataques aos ativistas da Igreja e proteção contra os abusos do capitalismo liberal. Documento publicado em 03 de junho de 1964, citava que:

O povo brasileiro via a marcha acelerada do comunismo para a conquista do Poder.../ e mais /... as Forças Armadas acudiram em tempo, e evitaram que se consumasse a implantação do regime bolchevista em nossa Terra... Por outro lado, não aceitamos, nem jamais poderemos aceitar a acusação injuriosa, generalizada e gratuita, velada ou explícita, de que Bispos, Sacerdotes e fiéis ou organizações, como, por exemplo, a Ação Católica e o Movimento de Educação de Base (MEB), sejam comunistas ou comunizantes.¹⁰³

Havia uma mudança em processo, contradições internas na Igreja Católica no Brasil que surgiram desde os anos 50 que se contrapunham a perspectiva tradicional. Desde a década de 1950 a Igreja Católica no Brasil, através da chamada ala progressista redefinia suas relações na sociedade. A criação da Confederação Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB) em 1952 sobre a liderança de Dom Helder Câmara, a ênfase aos movimentos sociais católicos valorizando o papel dos leigos, através Ação Católica Brasileira (ACB) e organizações como Juventude Operária Católica (JOC) Juventude Independente Católica (JIC), Juventude Universitária Católica (JUC) e a Juventude Agrária Católica (JAC) produziram um movimento de contestação e questionamentos da realidade brasileira no interior da Igreja Católica.

Em 1955 surgia na América Latina o Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM), o qual tinha como objetivo pensar a condição de subdesenvolvimento dos latinos americanos, e, mais um sinal do prenúncio de uma Igreja Católica Progressista, preocupada com as questões sociais e políticas. No início da década de 1960 o Concílio Ecumênico do

¹⁰³ CASTRO, M. *64: conflito Igreja x Estado*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1984, p. 88 – 89. Apud. GONÇALVES. Ângelo Barreiro. *A Igreja Católica e o Golpe de 1964*. AKRÓPOLIS - Revista de Ciências Humanas da UNIPAR. Umuarama, v.12, n.º.1, jan./mar., 2004, p.53.

Vaticano II (1962-1965) evidenciava a necessidade de mudança da Igreja Católica, em vários aspectos sendo entre eles o papel dos leigos na instituição religiosa. Em 1968 o segundo CELAM interpretava o Vaticano II para a realidade Latino Americana, consolidando uma Igreja Católica Progressista ou Popular influenciada por alguns teólogos que ressignificaram as categorias marxistas aos aspectos do Cristianismo. Em torno dessas tendências ganhariam ênfase as Comunidades Eclesiásticas de Bases (CEBs) e a própria Teologia da Libertação, que aglutinavam os ideais da igreja dos pobres e que mudaria o percurso da Igreja Católica no Brasil.

A Igreja Católica enquanto instituição religiosa que legitimou o golpe de 1964, passaria através dos clérigos progressistas ser voz dos oprimidos e a resistência dos perseguidos pelo regime ditatorial. Particularmente Feira de Santana foi marcada por perseguições e a deposição do Prefeito Francisco Pinto que chegou até mesmo a ser preso. De acordo com o professor Ildes Ferreira:

Os militares viam a cidade como o celeiro de comunistas e por isso desempenharam um papel atuante de vigilância. Francisco Pinto e Colbert Martins, foram expressões maiores que resistiram. Mas tínhamos padres, pastores evangélicos, professores, profissionais liberais, estudantes, alfaiates que contribuíram num verdadeiro pequeno exército de resistência.¹⁰⁴

Em Feira de Santana naquele contexto da instalação do regime ditatorial, não apenas teve um prefeito deposto, mas evidenciou-se a prisão de muitas pessoas, em que o cenário de perseguições e torturas foi comum ao cotidiano feirense. Será que a Princesa do Sertão estaria vestida de vermelho? Não sabemos, mas certamente o discurso do anticomunismo foi estratégico para a retomada do projeto modernizante de determinados grupos vinculados aos udenistas feirenses, que tiveram seus projetos abortados com a derrota das eleições de 1962, mas com o golpe de 1964 era início da retomada através dos governos do professor Joselito Amorim (1964-1967) presidente da Câmara de Vereadores que substituiu o Prefeito deposto, juntamente seguido pela eleição de João Durval Carneiro (1967-1972) eleito para prefeito pela ARENA depois da instalação do bipartidarismo logo após o golpe de 1964.

Ao meio desse processo político de tomada de poder na cidade de Feira de Santana um pequeno exército de opositores a ditadura mobilizou-se. A Igreja Católica de caráter conservador e tradicional na cidade de Feira de Santana teve no seu interior um espaço de resistência vinculado a clérigos progressistas influenciados pela Teologia da Libertação, que traziam uma concepção de Igreja Popular, que não constituiu-se de forma hegemônica, mas

¹⁰⁴ Entrevista de Ildes Ferreira de 24 de novembro de 2011

teve um importante papel naquele contexto sobre a “Princesa do Sertão estivesse ela vestida de vermelho ou “não”.

Isso demonstrar que mesmo de predominância hegemônica no seu interior a tendência do catolicismo tradicional abriu espaço para atuações de segmentos progressistas da Igreja Católica, em Feira de Santana, representando muito bem uma unidade religiosa aparente, em virtude que “não existe unidade ideológica real, seja ela religiosa ou política”¹⁰⁵, mesmo que se mantenha a tradição histórica que garante a preservação do dogmatismo acabar ocultando uma diversidade de concepção de mundo, produzido contradições travadas na esfera social.

¹⁰⁵ PORTELLI, Hugues. *Gramsci e a questão religiosa*. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1984. p.38.

CAPÍTULO III

NOS ESCOMBROS DO GOLPISMO, OS REFLEXOS DE UMA IGREJA ANTAGÔNICA.

“Quando dou comida aos pobres, me chamam de santo. Quando pergunto por que eles são pobres, chamam-me de comunista.”

Dom Helder Câmara

A Igreja Católica não deu o golpe de 1964, mas seus segmentos conservadores contribuíram, juntamente com outras entidades e instituições religiosas, no papel de legitimidade e mobilização no apoio aos militares. Entretanto não podemos esquecer a atuação de outros segmentos do catolicismo brasileiro denominados de progressistas que desempenharam um papel crítico da realidade brasileira e os reflexos daquele golpe. Estaria a unidade da Igreja Católica no Brasil ameaçado? Para entender as contradições sobre o interior da instituição religiosa em tempos de crise foi fundamental perceber o processo histórico que ela estava inserida. E nesse contexto como já foi abordada no capítulo anterior, a década de 1950 teve um importante papel de redefinição de alguns segmentos do Catolicismo e seus movimentos sociais, diante da atuação dos leigos, de bispos e padres frente aos problemas sociais, econômicos e políticos da sociedade brasileira.

Redimensionava a atuação de alguns clérigos católicos para uma concepção modernista, reformista e radical ao produzir uma crítica que procurava uma interpretação consistente da realidade brasileira e, sobretudo as necessidades dos grupos populares de ampliação da democracia, através das garantias de direitos sociais. Opondo-se ao capitalismo e rejeitando o esquerdismo extremo, os católicos progressistas traçavam uma terceira via reformista na luta pela justiça social.

As contradições de uma sociedade de classe repercutiram no interior da Igreja Católica sobre o contexto de uma ameaça comunista e a crescente desigualdade social. Assim a instituição religiosa desenvolveu um novo paradigma, já que os leigos não apenas detêm laços com a igreja, mas são componentes atuantes na sociedade.

Os católicos também fazem parte da estrutura social e, como tal, participam da política enquanto estudantes universitários, camponeses, trabalhadores, médicos. Interagem com a sociedade e são influenciados pelas tendências da sociedade como um todo e, em particular, pelos movimentos sociais dentro de sua própria classe.¹⁰⁶

¹⁰⁶ MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil (1916/1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 83

Na cidade de Feira de Santana mesmo caracterizada pela hegemonia de uma instituição religiosa de caráter conservadora e tradicional, emergiria no seu interior elementos dessa Igreja Católica progressista, vinculada as concepções de Dom Helder Câmara e promotora de uma crítica a realidade social e política. Pós o golpe de 1964 como ponto de resistência ao regime na cidade, contribuiu com organizações clandestinas, incentivando mobilização popular, organizado comunidades no engajamento político e até mesmo escondendo os perseguidos pela Ditadura Militar. Mas será que com o golpe de 1964 a Igreja Católica encontrava-se dividida no seu interior? Certamente que sim, mas isso não seria uma novidade na História da Igreja Católica, que na sua trajetória moveu-se no processo de adaptação e convergência de grupos diversos como foi o caso de Francisco de Assis e sua ordem religiosa na Idade Média e a Companhia de Jesus no início do período moderno. E muito antes do golpe de 1964 observa-se uma concepção dicotômica, ocasionada principalmente quando membros da Igreja Católica aproximavam-se do contexto e experiências das classes subalternas, promovendo um redimensionamento de atuação política de alguns clérigos e leigos.

Segundo Mainwaring como todas as instituições hierárquicas, a Igreja Católica permite que haja algum espaço para o pluralismo e diferenças na base, contanto que essas diferenças não ameacem sua identidade fundamental.¹⁰⁷ As divergências de pensamento e formação de tendências dentro da hierarquia católica faz parte da própria dinâmica religiosa, que conseguia preservar a unidade, mas mantendo-se enquanto instituição heterogênea. Até por que nem sempre os movimentos convergem como força progressista. Hoje por exemplo temos movimentos como a Opus Dei¹⁰⁸ e seguidores da Teologia da Libertação. No passado estudado os movimentos de leigos não eram compostos apenas de católicos progressistas no movimento de Ação Popular da década de 1960. Mas os católicos conservadores estavam representados naquele período por grupos como Família, Tradição e Propriedade. Esses são alguns exemplos dessa heterogeneidade comum a Igreja Católica Brasileira, que desenvolveu várias tendências no seu interior.

Um grupo muito pequeno de fundamentalistas, que defendem idéias ultra-conservadoras e às vezes até semifascistas[...]Um poderosa corrente conservadora e tradicionalista, organicamente associada às classes dominantes[...]Uma corrente reformista e moderada pronta

¹⁰⁷ MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil (1916/1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 92

¹⁰⁸ O Opus Dei é uma expressão em latim que significa “Obra de Deus”. Constitui em uma instituição da Igreja Católica, fundada por Josemaria Escrivá em 1928 que tem como finalidade participar da missão evangelizadora da Igreja. Suas posições são caracterizadas como ultraconservadoras.

para defender os direitos humanos e apoiar certas demandas sociais dos pobres[...]Um minoria pequena mas influente de radicais simpáticos a teologia da libertação[. ..]¹⁰⁹

A questão não foi negar as divergências, mas pensar que diante das contradições da sociedade a instituição religiosa assumiu o papel de duplo caráter. Atuando na linha de frente os conservadores passavam a dominar a CNBB em 1964 e articulados as outras entidades em torno das marchas pelo Brasil forjando como um dos principais aparelhos ideológicos da sociedade civil, que legitimou o golpismo em nome da Democracia.

Os Clérigos Tradicionais em ação na Princesa do Sertão

Como já foi referindo nos capítulos anteriores diante dos novos tempos, expansão de outras religiões e da crise política estrategicamente a instituição religiosa iria instalar a Diocese de Feira de Santana em 1962, que era um sonho dos clérigos da cidade desde década de 1950. A instalação da Diocese significava uma maior ação sobre a sociedade em diversas dimensões, inclusive na política.

Através da Bula Papal “*Nova e Ecclesie*” foi implantada a Diocese de Feira de Santana pelo Arcebispo Primaz do Brasil D. Augusto Álvaro da Silva, sendo instalada de fato em 26 de janeiro de 1963, no encerramento da Festa de Senhora Santana.¹¹⁰

De acordo com a reportagem do tradicional Jornal Folha do Norte este foi um dia de grande mobilização da instituição religiosa na cidade, com almoço festivo e desfile. Podemos perceber que a mobilização foi uma forma de demonstrar a instalação de uma entidade de poder na sociedade civil e que traduzia-se numa maior ação política, social e ideológica da Igreja na sociedade feirense. Com direito a “solene missa festiva, almoço de confraternização para mais de duzentas pessoas entre autoridades locais e eclesiásticas, (...) finalizando na tarde do domingo quando se realizou impressionante desfile bíblico (...)”¹¹¹

Segundo Monsenhor Renato Galvão a instalação da Diocese faz parte de uma estratégia da Igreja Católica na cidade. Diante do crescimento econômico e do ideal de progresso a religião poderia contribuir em duas vertentes, “acompanhar” e “vigiar” o progresso, para que a tradição não se perdesse. Entenda-se por tradição a religião, e a Igreja o

¹⁰⁹ LOWY, Michael. *A guerra dos deuses: Religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes. 2000. p.66.

¹¹⁰ Folheto da Arquidiocese de Feira de Santana 2010, em comemoração ao aniversário de instalação da Diocese.

¹¹¹ Folha do Norte 02 de fevereiro de 1963, p. 1

instrumento segundo Galvão responsável por “ensinar, dirigir e santificar as almas.”¹¹² Num período que já estava em direção as ondas de industrialização, intenso processo de migrações, as disputas políticas, o perigo do comunismo, a concepção tradicional queria garantir a tradição vigiando e acompanhando de forma, mas atuante nesse processo.

Essas preocupações evidenciadas no discurso do Monsenhor Renato Galvão fazia parte da instituição religiosa na Bahia a começar pelo próprio Arcebispo Primaz do Brasil, D. Augusto Álvaro da Silva, que com a instalação da Diocese em Feira de Santana percebia a importância econômica da cidade e via a necessidade da nomeação de um bispo que comungasse de suas concepções tradicionais. Foi justamente em torno desse processo estratégico de garantir espaço na sociedade que surgiu o nome de Dom Jackson Berenguer Prado, da cidade de Vitória da Conquista, que seria nomeado bispo da Diocese de Feira de Santana em 1962.

Dom Jackson Berenguer Prado, que além da relação de proximidade com o Cardeal Dom Augusto Álvaro da Silva, costumava dialogar com o Arcebispo do Rio de Janeiro Dom Jaime Câmara, este chegou até mesmo a consultá-lo em 16 de março de 1964, através de uma carta correspondência sobre sua opinião referente aos métodos da Ação Católica. Esta carta demonstra certa influência do bispo feirense na Igreja Católica em nível nacional.

Julgando conveniente meu afastamento da presidência da Comissão Episcopal da Ação Católica e que deverá ocorrer em setembro deste ano, venho a presença de V. Excia. para fazer uma consulta[...] Julgar V. Excia oportuno continuar a Ação Católica nos métodos adotados e seguidos nos últimos anos? [...]

Não foi possível encontrar a resposta dessa correspondência, mas a sua existência denuncia a presença de diálogos constantes entre os bispos sobre aquele contexto histórico. A consulta do Arcebispo do Rio de Janeiro considerado como ultraconservador, a respeito dos métodos da Ação Católica fazia parte dos conflitos existente entre hierarquia tradicional e os chamados católicos radicais dos movimentos de leigos como a Juventude Universitária Católica (JUC). Alguns Bispos tentaram restringir a participação de membros da JUC na Ação Popular (AP)¹¹⁴

¹¹² SANTOS, Rita Evejânia dos. *Interação Fé e Vida: A “caminhada” das comunidades Eclesiais de Base em Feira de Santana. (1980-2000)* Monografia. DCHF. UEFS, p.25

¹¹³ Carta do Arcebispo do Rio de Janeiro Dom Jaime Câmara em 16 de março de 1964 para o Bispo de Feira de Santana Dom Jackson Berenguer Prado. Caixa 02 – Correspondência recebida. Secretária do Arcebispado de Feira de Santana.

¹¹⁴ MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil (1916/1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 86.

O Bispo feirense também mantinha diálogos com Dom Antônio de Castro Mayer, bispo do município de Campos no Rio de Janeiro¹¹⁵, pois ambos eram simpatizantes da organização de leigos conservadores liderada pelo professor Plínio Corrêa de Oliveira chamada de “Tradição, Família e Propriedade (TFP)”. Esta organização teve com um dos seus fundadores o Arcebispo de Diamantina D. Geraldo de Proença Sigaud que através de suas diversas publicações tornou-se um dos grandes símbolos do anticomunismo dentro da Igreja Católica. A atuação da FTP marcou presença em Feira de Santana em diversos momentos das décadas de 1960 e 1970.

Em 16 de julho de 1966 o Jornal Folha do Norte noticiou que a Sociedade Brasileira de defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) está presente também em Feira de Santana¹¹⁶. Seja através das marchas, como também na propaganda panfletária de mobilização contra o comunismo. “A Caravana percorreu as ruas de nossa cidade divulgando obras anticomunistas, além dos diálogos sociais, divulgaram a profecia de nossa Senhora de Fátima que trata da expansão do comunismo.”¹¹⁷

Mesmo num Estado laico, através do seu aparato de repressão que era a Polícia Militar, a Igreja Católica se fazia presente nas datas comemorativas com a celebração de missa solene. Isso ficou evidenciado através do Ofício do Major Walter Alves Guimarães que convidava o Bispo Dom Jackson para participar da Páscoa dos Militares na Catedral no dia 16 de Junho de 1964:

Comunico a V. Excia que no dia 16 do corrente, será realizado as 09 horas na catedral a Pascoa dos militares deste Batalhão. Aproveito o enjoso para convidar sua excelência, no sentido de officiar a Santa Eucaristia, consoante os ritos da Madre Igreja Católica. Walter Alves Guimarães. Major CMT¹¹⁸

Aparentemente o convite pode não dizer exatamente nada, mas para um estado laico e uma conjuntura em crise chega ser tendenciosa essa relação. Essas relações religiosas e militares também ocorreram entre os protestantes, num mesmo nível da presença católica nas solenidades comemorativas. Segundo Elizete da Silva os evangélicos mantêm o princípio da separação entre a Igreja e o Estado, porém, com a Ditadura Militar, “tal princípio era apenas

¹¹⁵ Entrevista com o padre Albertino Carneiro em 15 de novembro de 2010 em sua residência.

¹¹⁶ Jornal Folha do Norte de 16 de Julho de 1966, p.1

¹¹⁷ Jornal Folha do Norte de 14 de janeiro de 1974, p.3

¹¹⁸ O ofício do Batalhão Militar de 14 de junho de 1964 do Major Walter Alves Guimarães para o Bispo Dom Jackson Berenguer Prado. Caixa 02 – Correspondência recebida. Secretária do Arcebispado de Feira de Santana.

um argumento doutrinário e retórico, pois, na prática cotidiana, densas articulações e barganhas políticas permearam a trajetória dos irmãos protestantes no Brasil e na Bahia.”¹¹⁹

A existência de Ofício como o citado anteriormente aponta para os laços estreitos que entre a Igreja Católica e os militares, qual tinha alguma influência na cidade no plano do poder simbólico e também político.

Em 11 de março de 1967 o jornal Folha do Norte noticiou a visita do presidente Castelo Branco em Feira de Santana. Na recepção o prefeito Joselito Amorim acompanhou a comitiva presidencial até o paço Municipal e depois seguiram a pé pelas principais ruas da cidade até o Fórum Filinto Bastos.

O presidente General Castelo Branco estava acompanhado dos Governadores Lomanto Júnior da Bahia e Lourival Batista de Sergipe, além do chefe da Casa Militar General Ernesto Geisel. Foi inclusive no Fórum que o Presidente fez o discurso “O povo de Feira de Santana, com tradição e seu civismo tem que ser, o futuro da Revolução, o que foi no passado Baluarte”¹²⁰ A cidade de Feira de Santana ao longo do regime militar foi um pólo economicamente estratégico. O próprio processo que intensificou a industrialização na cidade com a criação do Centro Industrial do Subaé (CIS) no final da década de 1960 representou grande importância para segmentos economicamente favorecidos como também político. Na recepção ao General Castelo Branco o jornal Folha do Norte chegou a citar diversas personalidades da cidade, inclusive as “autoridades eclesiásticas” que foi representada pelo padre Renato Galvão Cura da Catedral e do Bispo Dom Jackson.¹²¹



122

¹¹⁹ SILVA, Elizete da. *Protestantes e o Governo militar: convergências e divergências*. In: ZACHARIADHES, Grimaldo C. (org.). *Ditadura Militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 31.

¹²⁰ Jornal Folha do Norte 11 de março de 1967, p.1.

¹²¹ Jornal Folha do Norte 11 de março de 1967, p.1.

¹²² Foto da visita do Presidente Castelo Branco em Feira de Santana, postada no Blog “Feira Antiga” do memorialista Antônio do Lajedinho. Disponível em: <http://feiraantiga.blogspot.com/2010/08/visita-de-castelo-branco-feira-de.html>. Acessado em 18 / 02 / 2012

No Blog do memorialista Antônio do Lajedinho denominado de “Feira Antiga” foi postado uma fotografia dessa visita. Na foto postada não temos nomes dos sujeitos, que aparecem nela, mas rastreando as imagens e comparando conclui-se que a esquerda seja o Prefeito Joselito Amorim, no centro o Presidente da República Castelo Branco e a direita um sujeito de batina e cruz de metal no peito que estava vestido a caráter seria o bispo Dom Jackson Berenguer.

Mas são suposições, já que não houve um contato direto com o memorialista para identificar os sujeitos de destaque na fotografia, mas a foto em si demonstra que existia uma confluência de segmentos da Igreja Católica ao Regime ditatorial.

Faltando alguns dias para ser decretado o Ato Institucional n 5 (13 de dezembro de 1968), o Jornal Folha do Norte relatou a missa especial para celebrar a memória das vítimas da Intentona Comunista. Na Catedral de Sant’Ana, o comando e oficialidade do 35BI RI fez celebrar missa pelas vítimas da Intentona Comunista de 1935 que foi celebrada pela Cura da Catedral. Estavam presentes todas as autoridades.¹²³

Observa-se que as vésperas da “Revolução dentro da Revolução” como foram chamado o Ato Institucional N. 5 de 12 de dezembro de 1968 o acontecimento do fatídico levante dos quartéis no Rio de Janeiro, Recife e Natal em 1935 influenciado pelo PCB era lembrado como uma forma de garantir a representação do espectro do comunismo. Depois de 3 décadas, um evento distante de Feira de Santana ainda fazia eco, aglutinando militares e autoridades representantes dos partidos de direita nas fileiras do poder simbólico da Igreja Católica.

A missa especial foi celebrada pelo Cura da catedral Monsenhor Renato Galvão. Um clérigo importante para a Igreja Católica em Feira de Santana, não apenas pelas suas funções religiosas, como também por ser um importante articulador político próximo dos grupos direitistas na cidade, além de ter assumido cargos públicos como de Inspetor Federal do Ensino secundário e coordenador na década 1970 do Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) que foi um programa de alfabetização do Regime Militar.

Renato Galvão enquadra-se perfeitamente no conceito gransciano de “Intelectual Orgânico”, em que os intelectuais estão intimamente entrelaçados nas relações sociais, pertencentes a uma classe, a um grupo social. Os intelectuais orgânicos estão conectados a uma concepção de Estado e de poder sustentado em muitos aspectos, mas principalmente na elaboração de aspectos éticos e políticos. Segundo Portelli o “estudo da Igreja como aparelho

¹²³ Jornal Folha do Norte de 07 de dezembro de 1968, p.2.

ideológico permite, pois, compreender o segundo aspecto essencial do fenômeno religioso: o dos intelectuais religiosos e de suas relações com o aparelho de Estado”.¹²⁴

Antes de ser transferido para Feira de Santana Monsenhor Renato Galvão tinha sido prefeito da cidade de Cícero Dantas. Para alguns contemporâneos o Monsenhor era uma figura dúbia para outros estava vinculado aos militares. Mas o certo é que sua trajetória precisa ser estudada, pois para muitas pessoas Galvão detinha um discurso moderado, para outras pessoas sempre estava em cima do muro.

É inegável que monsenhor Renato Galvão se aproximava no campo político aos elementos conservadores da política feirense ligada a UDN e depois ARENA, além de manter um diálogo próximo com os militares desde que chegou a Feira de Santana em 1965. De posições moderadas não forjou-se como líder de idéias radicais, mas tornou-se um intelectual que transitava no campo religioso e político utilizando do poder simbólico.

Segundo o Pastor Presbiteriano e professor Josué Melo, o Monsenhor foi um homem ecumênico. “nosso primeiro encontro aconteceu ainda em 1965, no Templo Maçônico da Loja Luz e Fraternidade, na celebração conjunta de um casamento. (...) A partir dali nossas relações se fortaleceram e nos tornamos grandes irmãos, amigos, parceiros.”¹²⁵

Mas Albertino Carneiro, que atuou na Igreja Católica como padre até final da década de 1970 e que conviveu tanto com Josué Melo e Monsenhor Renato Galvão na implantação de algumas entidades assistencialistas de ordem ecumênica na cidade como o Sistema Integrado do Migrante (SIM), tem outra opinião. Afirmou-nos que “Galvão era da cúpula do bispo, tinha proximidade com os militares e era um articulador político ligado à direita.”¹²⁶ Certamente essa relação redefinia o papel político do Monsenhor como sujeito articulado com as classes dominantes, servindo enquanto intelectual orgânico na garantia da ordem e disciplina de acordo com interesses de classes e da instituição religiosa.

Outra figura marcante daquele período foi o padre policial Edmundo Juskewsky “O Capelão” que embora não constituindo em um intelectual da cúpula, atuou como um agente da repressão assumindo a postura de tendências moralizantes de extrema direita e anticomunista. Esse personagem desempenhou importante papel de controle da ordem social

¹²⁴ PORTELLI, Hugues. *Gramsci e a Questão Religiosa*. São Paulo. Ed. Paulinas, 1984. p.37.

¹²⁴ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. Sobre a Religião*. Lisboa: Edições 70, p. 42.

¹²⁵ Depoimento do professor e pastor presbiteriano Josué Melo. Academia de Educação de Feira de Santana. Disponível em: http://www.academiadeeducacao.org.br/pat_renatogalvao.htm
Acessado em 15 de janeiro de 2012

¹²⁶ Entrevista com Albertino Carneiro em 15 de novembro de 2010 em sua residência.

na cidade naquele período, pois através da ronda policial noturna percorria as ruas da cidade num jipão promovendo um verdadeiro terror em nome da ordem. De acordo com Celso Pereira:

[...] quando o Capelão encontrava alguém nos prostíbulos da época – sete casas, minadouro, caieira no jenipapeiro e outros lugares, identificado o frequentador como casado, levava o adúltero a sua casa e entregava a sua esposa com as narrativas e broncas de estilo, descompondo o cidadão e deixando o casamento do conduzido em frangalhos. Atuava no 1º Batalhão de Polícia Militar, sediado em Feira de Santana, na Praça Padre Ovídio no prédio em ruínas onde ficou, tanto melhor, conhecido como Palácio do Menor¹²⁷

As perseguições policiais, a tortura e o espectro do comunismo, além da idéia de Feira de Santana ser um pólo comunista exigiam das forças militares um trabalho de constante vigilância sobre a sociedade feirense e nesse sentido era necessário um aparato de repressão eficaz. Assim, o Capelão tornara-se agente da repressão que representava a ordem, os bons costumes e a fé contra a possível ameaça comunista segundo os segmentos conservadores na cidade. O Capelão era um polonês que veio para o Brasil depois da Segunda Guerra Mundial, “alguns diziam que era nazista, mas o fato era que o Capelão odiava comunista, pois tinha sofrido perseguições na Polônia depois da invasão dos URSS.”¹²⁸ Mas “o Capelão” não era apenas um elemento da repressão. Sua atuação passou também por conta de sua experiência de vida na Europa perseguida pelo comunismo, pois realizava palestras em diversas entidades, inclusive em Igrejas Evangélicas na cidade.

O Jornal Folha do Norte em 06 de junho de 1964 publicou a palestra realizada pelo Capitão Capelão da Polícia Militar Edmundo Juskewsky na Primeira Igreja Batista de Feira de Santana na confraternização da Mocidade Evangélica, falando aos evangélicos sobre o comunismo e democracia.¹²⁹ A notinha do jornal evidencia as relações de proximidade entre diversos segmentos, inclusive religiosos quando o assunto era o comunismo. Pelo visto não foi só a Igreja Católica tradicional que atuava enquanto instituição religiosa no combate do comunismo na cidade.

Para pensar melhor nessa relação sobre o papel das Igrejas Protestantes na conjuntura da Ditadura Militar em Feira de Santana há o trabalho de mestrado de Luciane Almeida que já foi citado sobre a relação dos protestantes no combate ao comunismo. Inclusive apontando

¹²⁷ Depoimento disponível no Blog do Advogado Celso Pereira. Disponível em: <http://blogcelsopereira.blogspot.com/2010/09/sem-odio-nem-rancor.html>. Acessado em 20 de dezembro de 2011

¹²⁸ Entrevista com Albertino Carneiro em 15 de novembro de 2010 em sua residência.

¹²⁹ Jornal Folha do Norte 06 de julho de 1964, p. 1.

para a Igreja Evangélica Unida e o pastor Antônio Ribeiro Fernandes de Oliveira, conservador e vinculado ao fundamentalismo, como sendo um das vozes do protestantismo na cidade que defendia a idéia do combate à “ameaça” comunista e do apoio a governos conservadores.¹³⁰

O anticomunismo não foi apenas uma característica dos segmentos do catolicismo conservador, mas fez parte da maioria das Igrejas Evangélicas naquele contexto. Principalmente com a Ditadura Militar muitos grupos tiveram certa visibilidade política de atuação na sociedade civil, contribuindo para sua expansão e descortinando a hegemonia do catolicismo no Brasil, inclusive algumas manifestações sobre o discurso do anticomunismo tiveram um caráter ecumênico como foi a Marcha da Família com Deus pela Democracia.

A Princesa do Sertão na Marcha da Família com Deus pela Liberdade

A Marcha surgiu enquanto uma resposta dos setores conservadores da sociedade brasileira numa espécie de contra-ofensiva ao Comício do Presidente da República João Goulart na Central do Brasil no dia 13 de março de 1964 na cidade do Rio de Janeiro para uma multidão de cerca de 200 mil pessoas.¹³¹ O presidente da República João Goulart tinha o objetivo de pressionar o Congresso para a realização das reformas de Base. Enquanto era feito o grande Comício, uma manifestação era realizada, em São Paulo, quando centenas de mulheres se reuniram na Praça da Sé e rezaram o terço, em forma de protesto.

No meio do discurso do Comício da Central do Brasil no Rio de Janeiro Jango responderia a essa manifestação de mulheres afirmando em seu discurso: “Não podem ser levantados os rosários da fé contra o povo, que tem fé numa justiça social mais humana e na dignidade de suas esperanças”.¹³² Foi o bastante para que seus adversários se organizassem numa grande manifestação da direita brasileira denominada de “A Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, o motivo estava no desagravo ao rosário, supostamente insultado por João Goulart em seu discurso. Em 19 de março de 1964 era realizada em São Paulo a primeira grande manifestação política de diversos segmentos da sociedade civil conservadora que se aglutinaram percorrendo as principais praças paulistas em Marcha contra o Governo de Goulart e do espectro do comunismo era “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”. Segundo o Jornal Folha de São Paulo:

¹³⁰ ALMEIDA, Luciane Silva de. “O Comunismo é o ópio do povo”: Representações dos Batistas sobre o Comunismo, Ecumenismo e o Governo Militar na Bahia (1963-1975). Dissertação de Mestrado. UEFS. Feira de Santana. Bahia. 2010. p. 153.

¹³¹ DOMENICI, Thiago. *Marcha Funesta*. Revista Especial Caros Amigos. O Golpe de 64. São Paulo. Outubro de 2008. p.7.

¹³² Idem, p.7.

Ontem, São Paulo parou. E foi à praça pública - porque "a praça é do povo" - numa mobilização que envolveu meio milhão de homens, mulheres e jovens, também de outros Estados: a "Marcha da Família com Deus, pela Liberdade". (...) Foi a maior manifestação popular já vista em nosso Estado.¹³³

As Marchas foram atos públicos, vinculados, a mobilização de setores da Igreja Católica conservadora, por uma classe média apavorada, pelos grupos empresariais e por entidades da sociedade civil como também a presença de diversas Igrejas Evangélicas. O tom da Marcha perpassava por condenar o populismo e o comunismo que naquela conjuntura eram considerados como antidemocráticos. Com a instalação do golpe de 1964 as Marchas de protesto tornaram-se pelo Brasil nas Marchas do triunfo da democracia, mudando até mesmo o nome para Marcha da Família com Deus pela Democracia. A primeira Marcha funcionou então como um sinal de legitimidade para os militares golpistas por segmentos conservadores da sociedade brasileira e que faria do golpismo não apenas uma obra dos militares, mas também da atuação de elementos da sociedade civil.

Na Bahia a Marcha foi realizada no dia 15 de abril de 1964 na cidade de Salvador para depois se espalhar por várias cidades do interior baiano. Como nos municípios de Nazaré das Farinhas, Camaçari, Simões Filho, Santo Antônio de Jesus, Alagoinhas, Guanambi¹³⁴ e Feira de Santana que realizou as primeiras Marchas do interior. Em 11 de abril de 1964, já anunciava tal manifestação, através do Jornal Folha do Norte. “que a exemplo do que vem acontecendo em outras cidades, a Feira de Santana realizará também a sua Marcha com Deus pela Democracia.”¹³⁵ A Igreja Católica foi a principal articuladora em todos os municípios.

No dia 18 de abril de 1964 a manchete do Jornal Folha do Norte anunciava “Amanhã – Marcha da Família Feirense com Deus pela Democracia. A Marcha será uma grande demonstração de fé e de patriotismo do povo feirense, em regossiso pela vitória das forças armadas e do povo brasileiro sobre o comunismo.”¹³⁶ Através do Jornal promovia a convocatória em meios aos tumultos do golpismo. Sendo a manifestação realizada no dia 20 de abril num domingo chuvoso na Princesa do Sertão. “Quem tinha escapado do paredão não

¹³³ Jornal Folha de S. Paulo 20 de março de 1964. Disponível em: http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_20mar1964.htm, acessado em 22/09/2008. Acessado em 22 de setembro de 2008

¹³⁴ SANTANA. Ediane L. . FREIRE. Rebeca S. . COSTA. Ana Alice. *As Marchas da Família com Deus pela Democracia pela Liberdade na Bahia*. ANPUH – seção Bahia. p.7 Disponível em: http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_II/ediane_l._santana.pdf. Acessado em 24 / 12/ 2011.

¹³⁵ Folha do Norte 11 de abril de 1964 p.1

¹³⁶ Folha do Norte 18 de abril de 1964 p.1

poderia temer a chuva.”¹³⁷ De acordo a matéria do Jornal Folha do Norte, um cortejo percorreu as principais ruas da cidade com vários grupos presentes:

Desfilaram ainda as prestimosas e simpáticas bandeirantes, Banda do Batalhão, a Filarmônica 25 de março, Lojas Maçônicas, representantes de várias Igrejas Evangélicas, presença do Colégio Santanópolis e de diversas organizações religiosas, como a dos frades Capuchinhos.¹³⁸

A presença de diversas autoridades no evento e das Igrejas nos revela o poder de aglutinação de diversos segmentos sociais divergentes, mas que tinha em comum o conservadorismo e o ideal anticomunista no cenário feirense. De acordo com o Jornal Folha do Norte usaram a palavra no final da marcha:

[...] o Deputado Áureo de Oliveira Filho e Dulce Braga representante da Assembleia Legislativa, Laura Folly representante da mulher feirense, o tenente Arnaldo Saback em nome das forças armadas, um pastor evangélico (não é citado o nome), um orador das Lojas maçônicas, Frei Hermenegildo Castorano (que estava já naquele período na cidade de Itabuna) e o Bispo D. Jackson Berenguer que profligou, veementemente o comunismo ateu.¹³⁹

O Deputado da Assembleia Legislativa Áureo de Oliveira Filho era uma grande liderança da UDN na cidade, não seria novidade sua presença. O papel das mulheres de elite na mobilização deve ser melhor problematizado, principalmente organizações como as filhas de Maria. Mas certamente o que nos chamou atenção foi o papel de segmentos da Igreja Católica e a presença das Igrejas Evangélicas dando à manifestação um caráter Inter eclesiástico. É importante ressaltar que esse caráter ecumênico em nada tem haver com os segmentos progressistas, mas envolvendo segmentos religiosos de caráter conservador.

A Marcha produziu a sensação de uma unidade de diversos grupos com suas diferentes crenças. Infelizmente não encontrei referências a respeito do pastor que fez o pronunciamento, mas fica a evidência para trabalhos futuros sobre a atuação do protestantismo na política de Feira de Santana e na sociedade civil, inclusive dialogando num mesmo altar com o catolicismo na cidade, contra um inimigo comum que era o comunismo.

Nesse contexto encontrava-se as diretrizes da Igreja Católica de concepção tradicional, a partir dos clérigos e suas relações no campo político seja na ação individual ou através de mobilização como foi a Marcha. A questão que se impõe em meio a está preponderância de segmentos conservadores e tradicionais do catolicismo existiria espaço para uma Igreja Católica dita progressista na cidade de Feira de Santana?

¹³⁷ O paredão foi uma expressão utilizada na invasão de Napoleão na Espanha e retomada na Guerra Civil Espanhola, envolvendo o radicalismo de comunistas contra a Igreja Católica conservadora.

¹³⁸ Jornal Folha do Norte 25 de abril de 1964 p.1

¹³⁹ Jornal Folha do Norte 25 de abril de 1964, p.1

A Princesa do Sertão na Marcha de uma Igreja Popular e o Vaticano II

As origens da chamada concepção progressista do catolicismo brasileiro como já foi explicitado, foi marcado pelo início de 1950 com o surgimento da CNBB e uma maior atuação dos leigos estimulada por bispos como Dom Helder Câmara um cearense, descrito como um homem franzino e de baixa estatura. Apoiador do integralismo nos anos trinta, sua trajetória é marcada por uma reviravolta, que o levou a posições cada vez mais à esquerda nas décadas seguintes. Assistente da Ação Católica na década de 1940, articulador e fundador da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em 1952, bispo auxiliar do Rio de Janeiro entre 1952 e 1964, de onde saiu para tornar se arcebispo de Olinda e Recife.¹⁴⁰ Com a implantação do Regime Ditatorial no Brasil Dom Helder desempenhou uma posição bastante crítica sobre a realidade brasileira, sendo taxado em muitos momentos pelos grupos conservadores da sociedade brasileira, inclusive dentro da própria Igreja Católica como um bispo rebelde ou comunista de batina.

Diante de uma perspectiva de aproximação às classes subalternizadas e de suas demandas, vários clérigos forjaram-se como intelectuais orgânicos em favor dos grupos desfavorecidos, provendo uma crítica contundente ao capitalismo e à crescente desigualdade social na sociedade brasileira. Havia indícios que no interior da Igreja Católica a fé deixava de ser um “ópio do povo” para transformar-se na luta da “criatura oprimida”.

A convergência de fatores externos e internos à Igreja, na conjuntura das décadas de 1960 e 1970, condicionou o surgimento e a consolidação de uma nova teologia, que fundamentada no reconhecimento da necessidade da intervenção do homem na transformação da sua história e na busca pela libertação integral significou uma nova formulação da relação fé e política.¹⁴¹

A Igreja Católica tinha no seu interior elementos que procuravam a promoção dos sujeitos como agentes de mobilização e consciente do seu protagonismo histórico. Era o surgimento de uma igreja, mas que progressista, era uma Igreja Popular ligada aos movimentos sociais, sindicatos e à política. Tendo a prioridade a conscientização e mobilização popular de base, percebendo os sujeitos como agentes transformadores, além de promover uma crítica de negação do capitalismo como modelo para a sociedade.

¹⁴⁰ MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989, p. 116.

¹⁴¹ SILVA. Margarete Pereira da. *O Bispo de Juazeiro e a Ditadura Militar*. In: Zachariadhes. Grimaldo Carneiro (organizador) *Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes* - Salvador : EDUFBA, 2009. p. 241

Esta Igreja Popular era fruto de uma nova concepção de teologia que se guiava pela aproximação dos leigos e ao mesmo tempo valorizando a cultura popular que fazia uma opção pelos pobres. Eram várias teologias produzidas pela relação da Igreja com as classes subalternas que convergiam ao caminho da libertação em vários aspectos, e que ficaria conhecida como Teologia da Libertação ou Cristianismo da Libertação, mas que teve grande influência das categorias marxistas para interpretação de uma sociedade tão desigual, como a brasileira.

Segundo Michael Lowy a origem dessa Teologia da Libertação ou Cristianismo da Libertação como movimento social na América Latina foi “resultado de uma combinação ou convergência de mudanças internas e externas à Igreja que ocorreram na década de 50, e que ele se desenvolveu a partir da periferia e na direção do centro da Instituição”.¹⁴² As chamadas novas correntes e práticas teológicas que surgiam na Europa depois da Segunda Guerra Mundial como o movimento dos padres operários franceses, as propostas do filósofo cristão Emmanuel Mounier, a economia humanística do padre Labret entre outros, tiveram grande influência na América Latina.

Um continente que passava por um processo intenso nas mudanças sociais e políticas, que foram alavancadas pela industrialização alicerçada na hegemonia do capital externo que muito contribuiu para agravar ainda mais a economia dependente no continente. Para o padre espanhol Avelino Lopez “o continente latino americano respirava a contradição por ter a influência do cristianismo e conviver com tantas injustiças.”¹⁴³ Nesse sentido houve uma convergência de reflexão de muitos clérigos como Dom Helder Câmara, acompanhado pela presença da chegada dos chamados padres estrangeiros influenciados por movimentos europeus. É importante ressaltar que as reflexões desses clérigos são resultados das lutas sociais travadas pelas classes subalternas na linha da justiça social.

Foi em torno dessa conjuntura que convergiram as condições para emergência da chamada Igreja Católica Popular, que segundo o Padre espanhol Avelino Lopez, “foi um processo que a partir das demandas populares, aglutinou diversas teologias em favor da condição humana e da justiça social. Sendo um processo muito anterior ao Concílio do Vaticano II.”¹⁴⁴

¹⁴² LÖWY, Michael. *A Guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.69

¹⁴³ Entrevista ao Padre Avelino Lopez em 07 de dezembro de 2011. Realizada no Seminário Santana Mestra e da Faculdade Arquidiocesana de Feira de Santana.

¹⁴⁴ Entrevista ao Padre Avelino Lopez em 07 de dezembro de 2011. Realizada no Seminário Santana Mestra e da Faculdade Arquidiocesana de Feira de Santana.

Com a eleição do papa João XXIII os clérigos foram conduzidos à realização o Concílio Ecumênico do Vaticano II (1962-1965), que reuniu mais de dois mil bispos de todas as partes do mundo para pensar a relação da instituição religiosa com os novos tempos. Diante de uma necessidade de atualizar a própria instituição religiosa e adaptar-se a uma nova conjuntura de modernidade, que refletia as demandas da própria Igreja Católica. O Vaticano II enfatizou a missão social da Igreja Católica, defendeu a importância dos leigos, valorizou o diálogo ecumênico, modificou a liturgia para torná-la mais acessível e desenvolveu a noção de Igreja como povo de Deus. Tal pensamento já vinha inspirando os movimentos sociais católicos.

Segundo Rita Evejânia alguns teólogos da América Latina que foram estudar na Europa principalmente na França e Bélgica desse período, certamente, “beberam da fonte” do cristianismo radical.¹⁴⁵ Como, o jesuíta Gustavo Gutiérrez e Henrique Dussel nomes que na década de 1960 constituíram segmentos da Teologia da Libertação. Essa nova teologia tornou-se o divisor de águas na história do catolicismo, principalmente no contexto das políticas repressivas e a instalação das Ditaduras na América Latina na década de 1960. Essa Igreja Popular desempenharia importante papel na mobilização e engajamento político das classes subalternas, partindo inclusive de leituras críticas da Bíblia, utilizando dos livros como de Ruth, Êxodo e Provérbios para compreender a realidade socioeconômica e opressiva imposta ao contexto da América Latina. “O que oprime o pobre insulta àquele que o criou, mas o que se compadece do necessitado o honra”.¹⁴⁶

Nessa perspectiva a chamada Igreja Popular se posicionou contestando a opressão chocando inclusive com a tradição, sendo uma Igreja da comunidade. A religião e a política se relacionando intimamente, apontando para um novo modo de ser igreja, ressaltando os problemas comunitários, as lutas cotidianas a partir dessa nova leitura da Bíblia.

Inserida numa opção pelos pobres esta ala progressista do catolicismo não tratava do pobre individual que bate à nossa porta e pede uma esmola, mas a compreensão dos pobres numa outra dimensão que abrange o coletivo subalterno. Segundo o teólogo Leonardo Boff:

O pobre é o coletivo, as classes populares que englobam muito mais que o proletariado estudado por Karl Marx [...] São operários explorados dentro do sistema capitalista; são os subempregos; os marginalizados do sistema produtivo – exército de reserva sempre à mão de obra para substituir empregados – são os peões e posseiros do

¹⁴⁵ SANTOS. Rita Evejânia dos. *Interação Fé e Vida: A “Caminhada das Comunidades Eclesiais de Base em Feira de Santana (1980-2000)*. Monografia. UEFS Feira de Santana. 2010. p. 37.

¹⁴⁶ *Livro de Provérbios Cap.14 Versículo 31*. Apud. *BÍBLIA SAGRADA*. Tradução de João F. de Almeida. São Paulo: Geográfica, 2000.p.630

campo, boais frias [...] Todo este bloco social e histórico dos oprimidos constitui o pobre como fenômeno social.¹⁴⁷

A Teologia da Libertação construiu uma concepção social e política no interior da instituição religiosa católica extremamente progressista, que ganharia força e que também se chocava com os clérigos tradicionais gerando grandes contradições, principalmente através dos movimentos sociais católicos. Muitas vezes os representantes da Teologia da Libertação foram taxados de comunistas pelas suas apropriações de categorias marxistas para compreender a realidade enquanto um instrumento sócioanalítico.

No contexto traçado até aqui será que foi possível no meio de uma Igreja Católica tradicional e conservadora na cidade na Feira de Santana, alguma expressão de movimento da teologia da Libertação e dessa Igreja Católica Popular?

Na Igreja Católica da Bahia, constituída por uma cúpula clerical conservadora e tradicional, não se fugiria a regra de percepção da realidade de outros clérigos engajados na luta pelas garantias dos direitos Humanos e sociais, principalmente depois do golpe de 1964, quando foi desencadeada intensa repressão pelos militares em diversos municípios do Estado. Particularmente o Estado da Bahia estava atrelado às mobilizações do PC e outras lideranças da esquerda. Foi da Bahia que saiu o guerrilheiro Carlos Marighela, Haroldo Lima importante liderança da Ação Popular. Com o Ato Institucional N 5, em 1968 muitos militantes de esquerda do eixo Rio-São Paulo refugiaram-se no interior baiano como foi o caso do Capitão Carlos Lamarca, liderança de uma das tantas organizações de luta armada que surgiram no Brasil sobre aquele contexto. Inclusive para alguns historiadores houve uma tendência de caracterizar a Bahia como área de recuo.

Na Bahia se fez presente o papel de alguns clérigos vinculada ala progressista do catolicismo que deram guarida aos ateus comunistas ligados à luta armada ou simplesmente as pessoas que questionavam a realidade vigente. Mas o papel desse segmento católico acabou transcendendo a perspectiva de guarida para estabelecer diálogos com marxistas, mobilização e engajamento político com as classes subalternas. Será que teve algum choque com alta cúpula tradicional do catolicismo? Certamente que sim, inclusive sendo apontados os católicos progressistas, com à Teologia da Libertação como comunistas disfarçados de católicos. Uma acusação causada pelas ações desses sujeitos em favor das classes populares.

Na Bahia essa concepção de igreja daria seus passos nos primeiros momentos da década de 1960, com alguns clérigos que iriam se contrapor com aquela realidade. Entre a ala

¹⁴⁷ BOFF, Leonardo. BOFF. Clodovis. *Como fazer Teologia da Libertação*. Ed. Vozes. Petrópolis p.15

progressista o bispo de Juazeiro Dom José Rodrigues de Souza e padre irlandês João Meyers da paróquia de Pilão Arcado, desempenharam importante papel na década de 1970, mobilizando a comunidade contra a construção da barragem do Sobradinho. Como também tivemos na Bahia a atuação de Dom Timóteo Amoroso Anastácio a frente do Mosteiro de São Bento utilizando em muitos momentos o Mosteiro como refugio de presos políticos.

Os jesuítas na Bahia, através dos cadernos CEAS (Centro de Estudos e Ação Social) tiveram importante atuação, principalmente quando “o padre César Galvan já tinha retornado da Europa e se tornaria o primeiro coordenador do CEAS, e a partir daquele momento, começava a vinda de mais jesuítas para o Centro Social,”¹⁴⁸ fundado em 1967, sendo que em 1969 já havia uma equipe diversificada de reflexão e ação formada não apenas por jesuítas, mas também por leigos, promovendo uma reflexão sobre a questão social e o falso milagre econômico, como também a situação do nordeste brasileiro, isso em plena Ditadura Militar.

A alta hierarquia da Igreja Católica na Bahia, mesmo com as mudanças e reflexões dos clérigos progressistas se mantinha na linha preponderância conservadora tradicional, em torno das camadas dominantes, embora essa postura, não impedisse o desenvolvimento da Igreja Popular e a Teologia da Libertação na Bahia, principalmente em Feira de Santana.

Em Feira de Santana em meio às disputas políticas na eleição de 1962 e o processo de golpismo de 1964, a deposição do Prefeito Francisco Pinto, ocorreu uma intensa repressão ao movimento estudantil e uma série de prisões ocorridas com o advento da Ditadura. No interior da Diocese feirense e da hegemonia de clérigos tradicionais a figura do jovem padre progressista Albertino Carneiro se destacou vinculado aos movimentos sociais católicos em Salvador, chegou a Feira de Santana no ano de 1962, quando foi implantada a Diocese pela nomeação do Arcebispo Dom Augusto e começou sua atuação no campo do Ensino Religioso. Embora Carneiro tivesse participado de movimentos sociais católicos em Salvador, quando ainda era seminarista, o padre Albertino Carneiro foi empossado em primeiro de março de 1964, como pároco da Paróquia Senhor do Bomfim do Alto Cruzeiro. Essa região abrangia boa parte da periferia da cidade, e concentrava uma população empobrecida.

O Padre Albertino Carneiro teria sido um os primeiros clérigos de concepção progressista a atuar em Feira de Santana, a frente dos movimentos sociais e das questões políticas na cidade. Na década de 1970 outros nomes surgiram como os Padres Fausto e Avelino Lopez ambos estrangeiros. Na década de 1980 tornaram-se importantes fomentadores das Comunidades Eclesiásticas de Bases em Feira de Santana.

¹⁴⁸ ZACHARIADHES, Grimaldo C. *CEAS: Jesuítas e a questão social durante a Ditadura Militar*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2007. p.38.

De acordo com o professor Ildes Ferreira existia, um setor progressista que se fundamentava na Teologia da Libertação, que escolhia os textos da Bíblia que permitissem uma reflexão crítica da realidade. Exemplo do livro de Ruth, na Bíblia, quem ninguém nem conhece e que fala da mulher, da fome etc. Esse grupo conciliava a fé com a ação, diferente dos conservadores que só faziam rezar.¹⁴⁹

Em meio à repressão e a tortura, como uma forma de coibir as mobilizações contra o Regime Militar organizados em sua maioria pelo movimento estudantil em todo Brasil e não seria diferente em Feira de Santana. O jornalista Hélio Barbosa numa coluna no Jornal Folha do Norte procurava entender a rebeldia da juventude, vista por ele como um fenômeno mundial e inexplicável, mas apontava o papel da religião, que talvez não fosse eficaz como no passado: “Será que as religiões estão fracassadas e perdendo as suas condições de controle perante seus adeptos. [...] A religião é um freio para muitas coisas.”¹⁵⁰

Os padres progressistas tiveram um papel importante na cidade contra a repressão em muitos momentos refugiaram perseguidos políticos, ou até mesmo esconderam as obras “ateístas do marxismo”, como nos relatou Albertino Carneiro que tinha sido solicitado pelo estudante Luciano Ribeiro para guarda suas obras marxistas.

Muitas das vezes a Paróquia do Cruzeiro foi guarida para perseguidos políticos e inclusive de acordo com o próprio padre Carneiro foi cedido em alguns momentos o espaço para realização de reunião de grupos militantes comunistas ateístas na cidade na sacristia da Paróquia por uma questão de segurança. Diante da intensa repressão, o templo era o lugar seguro, embora afirmasse que não participava dessas reuniões, “apenas concedia o espaço”.¹⁵¹

Em 1968, a crescente repressão foi apontada no Jornal Folha do Norte, periódico vinculado ao sistema, como algo inexplicável, policiais teria sido tocado por alguma inspiração diabólica.

Ninguém sabe explicar por que misterioso processo de osmose desenvolveu-se na polícia uma irresistível tendência para arbitrariedade como se uma latente e forte vocação de súbito estimulada por qual quer fator explodisse de maneira incontrolável. De repente a violência andou, desandou e trasandou. Policiais conhecidos por sua maneira correta de agir, subitamente, como quem tocados de uma inspiração diabólica[...]¹⁵²

¹⁴⁹ Entrevista Ildes Ferreira em 17 de novembro de 2011

¹⁵⁰ Jornal Folha do Norte 19 de outubro de 1968, p.1

¹⁵¹ Entrevista padre Albertino Carneiro em 15 de novembro de 2010 em sua residência.

¹⁵² Jornal folha do Norte 07 de dezembro de 1968 p1

Os segmentos do catolicismo progressista eram vistos como subversivos pelo regime e sofreram inúmeras retaliações, além do choque interno com o clero tradicional. O próprio Jornal Folha do Norte apontava para esta tendência da Igreja Católica que teria feito o Papa chorar: “Segundo telegrama publicado na imprensa de que o Santo padre (Papa) chorou com o que se passava na América Latina com os supostos padres progressistas quebrando a unidade da Igreja.”¹⁵³

Ainda em 1968 os agentes do Serviço Nacional de Segurança (SNI) passaram a visitar o prefeito João Durval Carneiro mensalmente para saber das ações dos subversivos na cidade. Num desses encontros o prefeito foi questionado por uma pergunta contraditória. “Existe algum padre comunista em Feira de Santana?” De acordo com Albertino o prefeito João Durval Carneiro respondeu “que não e ainda reafirmou a posição conservadora do Bispo Dom Jackson”.¹⁵⁴

Naquele período, pelo menos imaginavam que o padre comunista fosse Albertino Carneiro. Como já foi citado anteriormente catolicismo e comunismo são impossíveis de serem conciliados pela dicotomia teórica bastante definida já que os comunistas são ateístas. Então como resolver está contradição? Segundo Albertino “todo mundo que não fosse daquela corrente dos militares era comunistas. O simples fato de produzir um pensamento crítico sobre a realidade política, econômica e social da sociedade brasileira o sujeito era visto como comunista.”¹⁵⁵

Embora não se possa negar que categorias marxistas acabaram compondo o pensamento da Teologia da Libertação como uma forma de interpretação da realidade Latino América, mas em nenhum momento foi comunista no sentido do termo partido. Inclusive é importante ressaltar que havia um anticomunismo. Nessa corrente, embora que essa não fosse a prioridade dos progressistas, mas a luta por justiça social e a preservação do direito à vida.

Segundo o Teólogo Leonardo Boff a Igreja Católica, “como toda organização social, reflete os conflitos sociais em presença e (...) as demarcações de classe atravessam e dilaceram seu próprio corpo da mesma forma como atravessam e dilaceram todo corpo social.”¹⁵⁶

Em Feira de Santana as contradições no interior da Igreja Católica diante daquele contexto político tiveram grande repercussão. Como já foi citado a Igreja Católica feirense

¹⁵³ Jornal Folha do Norte 26 de outubro de 1968. p.1.

¹⁵⁴ Entrevista do Padre Albertino Carneiro em 15 de novembro de 2011 em sua residência.

¹⁵⁵ Entrevista do Padre Albertino Carneiro em 15 de novembro de 2011 em sua residência.

¹⁵⁶ Boof. Clodovis. *Comunidade Eclesial, comunidade...*, o.c., p 72 Apud. Follamn. FOLLMANN, José Ivo. *Igreja, Ideologias e classes sociais*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 98.

apresentava aspectos tradicionais e claro a postura desenvolvida por alguns clérigos conduzia a divergências. Em depoimento Padre Albertino Carneiro disse que teve embates com o Bispo Dom Jackson Berenguer e com o monsenhor Renato Galvão em virtude da compreensão da realidade. Sendo inclusive alertado pelo Dr. Joaquim Pondé que era Diretor da Santa Casa de Misericórdia sobre a figura ambígua do monsenhor Galvão afirmando que falava demais.¹⁵⁷

É importante lembrar que Dr. Joaquim Pondé, além ter sido médico Diretor do Hospital D. Pedro de Alcântara (Santa Casa de Misericórdia) fazia parte dos quadros da aeronáutica, chegou a ser inclusive vice-reitor da UEFS no reitorado de Josué Melo. Era certamente um sujeito alicerçado ao poder na cidade compondo a função administrativa de uma classe dominante que estabelecia relações dialogadas com os clérigos feirenses de uma forma geral.

Os embates existiam e muitas vezes se confrontavam; um exemplo disso foi quando ocorreu um conflito de terra na Matinha¹⁵⁸, envolvendo 120 famílias que ocupavam a margem de um lago que resultaria num assassinato de um camponês, em que as forças policiais acabaram promovendo uma limpeza na região expulsando a população:

Representantes do Cursilho tinha interesse nas desocupações das terras e eu denuncie isso numa reunião do cursilho ao afirmar ser incompatível ser cristão e defender a grilagem. Esta atitude fez com que o padre monsenhor Renato Galvão promovesse uma reunião entre os padres da cidade para contestar o fato.¹⁵⁹

Levando em consideração que a luta de classes se reflete no seio das instituições eclesiais os embates eram inevitáveis diante de uma crise conjuntural: para os tradicionais ligados aos elementos conservadores da sociedade utilizar-se de um discurso anticomunista radical que esta ala progressista não passava de marxistas infiltrados no interior da Igreja Católica para destruí-la. Enquanto essa ala progressista encontrava-se encurralada pelos direitistas de plantão como também pela esquerda radical, bem como pelo ateísmo que impedem o diálogo entre cristãos e comunistas.

É importante também ressaltar que os clérigos feirenses sofreram também das repercussões do Concílio Vaticano II, o qual teve uma difícil aceitação nos segmentos tradicionais da Igreja Católica na cidade por ser considerada uma via moderna demais. Mesmo assim, várias conferências foram realizadas no sentido de atualização do clero às

¹⁵⁷ Entrevista de Albertino Carneiro em 15 de novembro de 2010 em sua residência.

¹⁵⁸ O Povoado de Matinha, sede do Distrito de mesmo nome, localiza-se na zona rural do município de Feira de Santana, nas proximidades do Distrito de Maria Quitéria, anteriormente denominado São José das Itapororocas. Até o ano de 2008, a Matinha era um povoado que pertencia a este último Distrito.

¹⁵⁹ Entrevista com Albertino Carneiro em 15 de novembro de 2010 em sua residência.

transformações do Vaticano II. Em Feira de Santana, ao meio da repressão do regime militar, realizaram em 1966 várias palestras denominadas de renovação de pastoral. Uma delas foi proferida pelo Padre Albertino Carneiro e o Padre José do secretariado do Nordeste III tendo como objetivo expor “os novos métodos de pastoral no espírito do Vaticano II”.¹⁶⁰

Está reportagem sobre a renovação pastoral era uma preocupação com os novos métodos do Concílio, principalmente envolvendo a questão litúrgica, já a missa passaria a ser realizada na língua nacional e não mais em latim, além do fato que o padre celebraria a missa de frente para os fiéis. O Concílio conclui-se em 1965, mas até a década de 1970 despertava preocupação dos clérigos conservadores resistente a mudança diferentemente da ala progressista da Igreja Católica. Em Feira de Santana em 02 de maio de 1970 o bispo Dom Jackson antes de ser substituído por Dom Silvério Albuquerque produziu uma Circular chamado atenção dos padres. As repercussões do Vaticano II e o que deveria ser evitado na celebração do culto.

De modo particular, nos atos litúrgicos, como a Santa Missa e a Administração dos sacramentos, este espírito de fé tem de ser demonstrado no equilíbrio[...] Missa na língua nacional seja evitado novidades que possa provocar reparo se não escândalo, teatralidade e aspecto carnavalesco.¹⁶¹

As repercussões do Concílio Vaticano II não apenas alterou aspectos da liturgia, mas deu fôlego aos movimentos sociais católicos pela ênfase ao protagonismo dos leigos. Entre esses movimentos temos: JUC (Juventude Universitária Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica), JOC (Juventude Operária Católica), JIC (Juventude Independente Católica) e a JAC (Juventude Agrária Católica).

Particularmente na realidade feirense a JAC (Juventude Agrária Católica), foi um desses movimentos sociais católicos que teve certa atuação, apesar das dificuldades, pois os jovens no meio rural não tinham muitas condições de defenderem os seus interesses, devido às obrigações [...] sem falar, nas pressões exercidas pela hierarquia católica oligárquica,¹⁶²

Segundo Albertino Carneiro a JAC foi o único movimento, que tinha o apoio da Diocese de Feira de Santana que embora conservadora legitimasse as ações do movimento. Mas com o golpe de 1964 suas ações enfrentariam dificuldades. “Já que era uma organização de católicos que tinha como objetivo ações sobre a questão agrária e a valorização de homens

¹⁶⁰ Diário de notícias 28 de maio de 1966. p.3.

¹⁶¹ Circular de Dom Jackson 02 de maio de 1970 – Caixa 01 Secretária do Arcebispado de Feira de Santana.

¹⁶² Entrevista com o Professor Ildes Ferreira em 17 de novembro de 2011

e mulheres da zona rural.”¹⁶³ A JAC em Feira de Santana foi tão importante que foi realizado um encontro interdiocesano de JAC como foi noticiado no Jornal Folha do Norte:

Durante a semana que se finda realizou-se o seminário de música, mas um encontro interdiocesano de JAC, tomando de Juazeiro, Amargosa e Feira de Santana e da Arquidiocese de Salvador estando presente ainda a equipe nacional. Foram dias de estudos e reflexos para um programa de atividades cristãs.¹⁶⁴

Com o recrudescimento do regime militar as atividades do Movimento de JAC na cidade começou entrar em declínio em virtude das perseguições chegando a ser extinta em 1972, quando a sede nacional foi invadida na cidade do Rio de Janeiro e seus militantes foram presos enquanto outros entravam para clandestinidade.

Outra organização de atuação na cidade foi a Ação Popular (AP), dissidente da JUC inserida no contexto da Ditadura acabou por radicalizar para a luta arma. Em Feira de Santana houve uma tímida atuação desenvolvida em torno da panfletagem sem grandes ações como salientou o professor Ildes Ferreira, que inclusive fez parte da Ação Popular na região na década de 1970.

É importante salientar que esses movimentos sociais que surgiam diante de uma nova realidade no interior da Igreja Católica e que “refletiam a dinâmica social vigente na década de 1950 encontrou muita oposição por parte de uma hierarquia conservadora católica e, até mesmo pelo Vaticano.”¹⁶⁵ Mas que revelar uma nova postura de Igreja Católica na convocação dos leigos para a ação social e conscientização política daquela conjuntura. Sendo demarcado pelo próprio Concílio sobre a constituição de pastoral, revelando algo que já existia no seio da Igreja Progressista que era uma abertura da instituição para o mundo. O Vaticano II trouxe a legitimação de uma diálogo aberto com a sociedade e isso ficou demonstrado por um dos documentos do Concílio do Vaticano II a “*Gaudium et Spes*”:

Ainda que rejeite inteiramente o ateísmo, todavia a Igreja proclama sinceramente que todos os homens, crentes e não crentes, devem contribuir para a reta construção do mundo no qual vivem em comum. O que não é possível sem um prudente e sincero diálogo.¹⁶⁶

¹⁶³ Entrevista com Albertino Carneiro em 15 de novembro de 2010

¹⁶⁴ Folha do Norte 07 de maio de 1966, p.3.

¹⁶⁵ RESENDE, Livia Paola Silva, *As Novas Concepções do Clero Feirense diante das novas inovações do Vaticano II. (1964-1980)*. Monografia. Feira de Santana. UEFS. 2008. p. 46

¹⁶⁶ *Gaudium es Spes*, 1966, p. 28 apud Zachariadhes Grimaldo Carneiro *O que fez São Tomás de Aquino diante de Karl Marx. Lua Nova*, São Paulo, 2009. p. 118. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64452009000300008&script=sci_arttext
Acessado em 28 de janeiro de 2012

Na cidade de Feira de Santana nessa conjuntura existia na Paróquia do Senhor do Bonfim no Cruzeiro ao que tudo indica, existia certo diálogo com segmentos esquerdistas, embora que Albertino Carneiro na época pároco possa garantir que não participava das reuniões, sendo que chegou apenas em alguns momentos viabilizar espaço para alguns segmentos por motivo de segurança. Como também já foi citado anteriormente o estudante Luciano Ribeiro ligado ao PC confiaram seus livros marxistas nas mãos do Padre. São evidências que demonstra algum nível de confiança no clero católico. Em depoimento Carneiro chegou a citar que o Vaticano II estimulou o diálogo, inclusive com os ateístas, que na época estavam ligados ao comunismo. “Diziam que eu era um padre comunista, enquanto os comunistas falavam que o meu problema era ser padre. Eu apenas seguir as diretrizes do Vaticano II de dialogar.”¹⁶⁷

Tal diálogo, inclusive perpassava por uma perspectiva ecumênica com o contato com outros credos religiosos, embora não sendo muito bem visto pelos clérigos conservadores que passaram a temer o avanço do comunismo e a relação com pastores evangélicos progressistas uma grande ameaça. Sobre a prática ecumênica é importante salientar um convite de encontro noticiado no Jornal Folha do Norte em 02 de novembro de 1968 entre padres católicos e pastores evangélicos na cidade de Ipirá:

A cidade de Ipirá Diocesana de Rui Barbosa, reunirá padres católicos e pastores protestantes para o retiro ecumênico em fevereiro de 1969. Vários ministros evangélicos padre Moises Rodrigues está convidado vários sacerdotes para referido encontro.¹⁶⁸

Infelizmente não aprofundamos esta questão, mas serve de exemplo sobre as diretrizes que estavam transpondo barreiras num período político tenso na Ditadura. É importante salientar que a linha ecumênica do catolicismo ganhou força, principalmente depois do II CELAM em 1968 que foi uma interpretação do Vaticano II para a realidade Latino Americana e influenciaria até mesmo os segmentos do protestantismo mais vinculados as questões sociais.

Em que tiveram componentes protestantes também progressistas que se engajaram, inclusive em movimentos de esquerda e outros que se articularam com os católicos progressistas na luta pelos Direitos Humanos, mesmo sofrendo perseguições internas. Mas os protestantes também tiveram seus progressistas, em que muitos assumiram uma perspectiva ecumênica que resultaria em tensões internas. No livro “Protestantismo Ecumênico e Realidade Brasileira” Elizete da Silva faz uma análise sobre a Igreja

¹⁶⁷ Entrevista com Albertino Carneiro em 15 de novembro de 2010 em sua residência

¹⁶⁸ Folha do Norte 02 de novembro de 1968. p.3.

Presbiteriana em Feira de Santana que desenvolveu diversos projetos sociais na cidade, como Associação Feirense de Assistência Social (AFAS), o Serviço de Integração do Migrante (SIM) e a Comissão Ecumênica dos direitos da Terra (CIDITER), muitas das vezes envolvida nas ações sociais com segmentos progressistas do catolicismo na cidade resultando em algumas tensões internas. Convém esclarecer que oficialmente a Convenção Batista Baiana ou a Associação feirense nunca apoiou empreendimentos ecumênicos ou de intervenção nas questões sociais.¹⁶⁹

De acordo com o Pastor João Dias vários pastores escrevem artigos nos quais opinam que os esforços do movimento ecumênico não passam de laços de Satanás...¹⁷⁰ Muitos foram para “inquisição sem fogueira”, como foi o caso de Rubens Alves pastor presbiteriano que chegou a ser expulso outros foram misteriosamente desaparecidos como Paulo Wright sobre a tortura do Regime militar.¹⁷¹

Assistencialismo e Engajamento político: As contradições da Igreja Católica Feirense

O cenário político em Feira de Santana se redefinia a um retorno no ideal de modernização traçado pelo Prefeito João Durval Carneiro que tinha sido eleito em 1967, e começava a impor mecanismos favoráveis as elites dominantes na cidade, incluindo o próprio processo de industrialização com a instalação do Centro Industrial do Subaé. Um projeto político que consolidava a hegemonia e conduzia um progresso favorável ao projeto dos militares articulados aos setores empresariais, enquanto aumentava as fileiras de migrantes que iria compor a mão de obra barata em torno desse processo.

A Igreja Católica de concepção tradicional encarava os problemas sociais, através dos Bispos conservadores, como uma questão moralista que ignoravam as causas estruturais. Essa postura repercutiria na própria ação social da instituição religiosa diante de um processo de industrialização na cidade, que ganha preponderância com o surgimento do Centro Industrial do Subaé (CIS). Observar o crescente fluxo de migrantes do nordeste chegando a cidade em busca de trabalho na sua maioria saído do Nordeste fugindo da seca do sertão. Com

¹⁶⁹ SILVA, Elizete da, *Protestantismo Ecumênico e realidade Brasileira. Evangélicos progressistas em Feira de Santana*. UEFS. Fapesb. Feira de Santana, 2010 p 176.

¹⁷⁰ ARAUJO, João D. de. *Inquisição sem Fogueiras: a história sombria da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Fonte editorial. 2010, p 13.

¹⁷¹ SILVA, Elizete da. *Protestantismo ecumênico e realidade brasileira: evangélicos progressistas em Feira de Santana*. Feira de Santana. ED. UEFS.2010. p. 133 – 146.

pouca formação educacional na sua maioria era um contingente de analfabetos com pouca qualificação.

A Igreja Tradicional atuava na perspectiva assistencialista como visão de qualificação de mão de obra sem problematizar a situação social do sujeito e suas causas. Assim temos na cidade o surgimento de entidades como a Obra Promocional de Sant'Ana e o Núcleo de Assistência Social Diocesano (NASD) ambas vinculados à Diocese e tendo como presidente o Bispo Dom Jackson Berenguer, que também seguiria a mesma direção com Dom Silvério a partir de 1971.

Particularmente, o caso do Núcleo de Assistência Social Diocesano (NASD) que foi criado em 1967 promovendo cursos como de corte-costura, arte culinária, datilografia e de artesanato, tal entidade nasceu através do plano de aplicação da cooperação da Legião Brasileira de Assistência Social para o desenvolvimento de cursos de educação para o trabalho (qualificação de mão-de-obra das classes sulbaternas). Aqui em Feira de Santana qual era a finalidade de imediato dos cursos? Pelas correspondências identificar-se que a entidade buscava preparar pobres, geralmente domésticas para serem donas de casa como também cozinheiras não só destinada aos lares, mas também para atender a necessidade de restaurantes, hotéis e escritórios da cidade da crescente urbe que necessitava de mão de obra feminina qualificada. Era formação de mão-de-obra qualificada das classes desfavorecidas para atender às necessidades das famílias tradicionais, que compunha a elite da região e os empresários que viam em Feira de Santana, um entroncamento rodoviário de passagem obrigatório, promotora da rentabilidade de seus lucros.

Numa outra vertente a perspectiva progressista dos católicos influenciados pela Teologia da Libertação tinha a preocupação com o engajamento político, a valorização dos sujeitos e a perspectiva do trabalho, mas com uma visão crítica da realidade.

Em 16 de Julho de 1966 foi publicado no Diário de Noticias um pronunciamento de Dom Jeronimo de Sá falando sobre a constituição de uma Nova Pastoral. “No recinto usado para o culto poderia ser também o centro social da comunidade, onde os fieis pudessem regularmente planejar determinadas iniciativas dos interesses coletivos.”¹⁷² Era justamente nessa concepção que caminhava alguns segmentos do catolicismo feirense e que ganharia muito folego com a chegada dos padres estrangeiros como Avelino Lopez que muito contribuiu no engajamento das comunidades na cidade, realizando um trabalho distante da perspectiva meramente assistencialista, mas em torno da mobilização popular isso em 1973,

¹⁷² Diário de Noticias 16 de julho de 1966, p.3.

em que as Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs), ainda não era uma realidade, mas começava a dar seus primeiros passos em Feira de Santana.

Em 12 de outubro de 1972 uma circular da CNBB chegava à Diocese feirense reafirmando que o projeto de maior importância do atual plano da CNBB, encontrava-se Comunidades Eclesiásticas de Base. Solicitando dados necessários para saber quantas CEBs tem na cidade de Feira de Santana.¹⁷³ Não foi encontrado respostas, infelizmente.

Mas na cidade de Feira de Santana foi o padre Albertino Carneiro encarregado do Plano Pastoral de Conjunto em 1970, tendo o apoio de padre Aldo Lopez e de outros padres estrangeiros para convencer o Bispo da aprovação deste plano, que estava vinculado às diretrizes para o funcionamento do que iria ser chamado de CEBs e que teve seu apogeu na década de 1980.

De acordo com Albertino Carneiro os trabalhos de comunidade não foram com esse nome (CEB), não começaram com esse nome, eles começaram com um trabalho chamado comunidade de Igreja e não tinha bem o nome, a letra B, a base. A gente teve assim, quando eu era padre que eu era coordenador de pastoral,(...) trabalhava (...) com uma catequese que chamávamos de catequese engajada, catequese dentro da vida do povo.¹⁷⁴

A constituição das CEBs teve na estrutura um peso político não partidário, mas social de engajamento da comunidade sendo a Base de uma Igreja verdadeiramente popular munido pelos objetivos não apenas da fé, mas da organização e superação os problemas da comunidade. Segundo Rita Evejânia Santos, que teve acesso ao primeiro livro de tombo da Paróquia do Cruzeiro “é patente que no final dos anos 1960 o ainda Padre Albertino se preocupava com o alto índice de pobreza da paróquia que atingia majoritariamente a população[...] inclusive chegar a cita que no cruzeiro foi fundado um Clube de Jovens, com o nome de grêmio juvenil cultura e recreação.”¹⁷⁵ Muito desses movimentos foram anteriores as CEBs, mas deram origem ao Movimento de Organização Comunitária (MOC). Essa entidade foi exemplo de engajamento dessa tímida Igreja Popular em Feira de Santana fundado em 1967 e que não era (CEBs) e estava atrelada a Diocese. Na perspectiva ecumênica na ação social, dialogando com membros de outras denominações cristãs como pastor presbiteriano João Dias entre outros. Sendo que sua atuação estava baseada na promoção da pessoa humana e a luta por melhores condições de vida.

¹⁷³ Circular da CNBB 12 de outubro de 1972. Caixa 01 – Correspondências Secretária do Arcebispo.

¹⁷⁴ Entrevista com Albertino Carneiro em 15 de novembro de 2010 em sua residência

¹⁷⁵ SANTOS. Rita Evejânia dos. *Interação Fé e Vida: “A Caminhada das Comunidades Eclesiais de Base em Feira de Santana” (1980-2000)*. Monografia. UEFS Feira de Santana. 2010, p. 53.

O Padre Albertino Carneiro foi um dos fundadores do MOC, sendo que encontrou muita resistência, principalmente quando o Bispo Dom Jackson queria ser presidente Nato da Entidade. Uma situação que foi resolvida num episódio cheio de contradição por envolver militares e a Igreja Católica.

Fui chamado pelo Capitão Elísio Medrado para responder a um inquérito sobre uma organização clandestina que supostamente estava envolvido denominado de Movimento Operário Comunista (MOC) o que fiquei assustando com tal afirmação. Quando expliquei para o Capitão que não era bem isso não havia obra clandestina, pois MOC Movimento de Organização Comunitária estava atrelada a Diocese e a Instituição inclusive dirigida por uma americano denominada de FASE (Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional). Ambas são entidades reconhecidas e não tem nada de clandestino. Quando fui questionado sobre por que o MOC não tinha sido registrado ainda, expliquei para o capitão o meu impasse com o Bispo que queria ser o presidente nato da entidade. Quando o bispo soube que o MOC estava mal visto pelo Serviço de Segurança nacional acabou fazendo o que eu queria e liberou logo.¹⁷⁶

Como podemos perceber os embates entre o clero e atuação dos militares na cidade acabou convergindo para o surgimento do MOC desvinculado da Diocese surgindo como entidade autônoma em 1970. De acordo com Tandja Parisse diante do cercamento das organizações políticas pelo governo militar, novos agentes buscam construir uma identidade coletiva.¹⁷⁷ O MOC foi fruto de estratégias de enfretamento que não era conduzida pela perspectiva assistencialista, mas de construir saídas para a comunidade envolvendo a uma reflexão crítica da realidade. É importante dizer que o MOC, não se constituiu em uma CEBs, mas apresentavam similaridades, pois, “ambas queriam organizar as comunidades carentes conscientiza-las para transforma-las”¹⁷⁸ envolvendo num engajamento política sobre suas realidades.

Algo bastante perceptível é que mesmo não sendo hegemônica essa Igreja Popular constituiu espaço de atuação, os padres influenciados pela Teologia da Libertação poderiam divergir com os clérigos tradicionais, mas era mantido o aspecto corporativista o que gerou as condições de trabalho e proteção para que os padres progressistas desempenhassem suas atividades e engajamentos, principalmente com a chegada dos padres estrangeiros que foi marcado por embates, mas que se restringiram ao interior da instituição religiosa. Embora

¹⁷⁶ Entrevista com Albertino Carneiro 15 de novembro de 2010 em sua residência.

¹⁷⁷ PARISSE, Tandja Andréa. *A sociedade civil no contexto da Ditadura: A experiência do Movimento de Organização Comunitária (MOC, na região de Feira de Santana no período de 1968 a 1979)*. Feira de Santana: UEFS, 2001. Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História. p. 34.

¹⁷⁸ Idem, p.55.

refletisse a sociedade e suas contradições foi mantida uma certa unidade entre os católicos feirenses.

A autonomia das bases permitia que alguns grupos desenvolvessem, concepções de fé que diferem nitidamente da visão institucional predominante e foi justamente esse o caminho percorrido pela chamada Igreja Popular, o que foi perceptível inclusive em jornais de tendência conservadora como o Folha do Norte que não deixou de noticiar, embora soando à ironia, quando passou pela cidade de Feira de Santana a comitiva do Arcebispo de Botucatú Dom Henrique Golland Trindade em direção ao município de Garanhuns no Estado de Pernambuco.

[...] correntes tosca a sustentar uma cruz de madeira sobre o peito vendeu suas joias para os pobres até o anel era de madeira. Dom Henrique é autentico representantes da Igreja dos pobres como um dos signatários dos pactos das catacumbas ao lado de Dom Helder. [...] Comitivas de operários e universitários paulistas. Na comitiva encontravam-se convertidos religiões e até comunistas, hoje cristãos militantes.¹⁷⁹

Os segmentos progressistas do catolicismo resgatavam elementos do Cristianismo Primitivo o que não era nenhuma novidade na contramão da instituição religiosa que viviam num contexto de conflitos sociais, políticos e econômicos. O jornal expõe com certa ironia a passagem do bispo pela cidade, fazendo referências a cruz e o anel de madeira sendo da mesma linha de Dom Helder adepto do Cristianismo Primitivo quando se cita pacto das catacumbas. Havia um tom de novidade, sendo fato que não existia na cidade clérigos com o mesmo comportamento, o que revelava certa predominância de uma concepção tradicional e conservadora como já foi reafirmado em páginas anteriores.

Na própria trajetória da instituição religiosa no Brasil teve um papel articulado com as camadas dominantes, desenvolvendo um papel paternalista e assistencialista. Diante dos novos tempos e intensa contradição da década de 1960, segmentos católicos radicalizariam mudando a direção de tutora dos pobres para a ideologia dos pobres inserida num perspectiva ampla em torno das classes subalternas. A expressão pacto das catacumbas “Igreja Primitiva” resistiu no Cristianismo seu verdadeiro caráter revolucionário que tem a comunidade a base da própria Igreja, com seu apelo comunitário. Em 06 de maio de 1973 um documento radical dos Bispos do Nordeste “Eu Ouvi o Grito do meu povo”, demonstrava o protagonismo desse segmento católico influenciado pela Teologia da Libertação fazendo uma crítica contundente a sociedade brasileira diante do milagre econômico beneficiando uma minoria da população.

¹⁷⁹ Jornal Folha do Norte 14 de janeiro de 1967. p.3.

Em Feira de Santana a concepção clerical se mantém como predominantemente tradicional, mesmo convivendo com segmentos vinculados a concepção progressista, ela não se deixou contaminar pelo espírito de mudança, nem de oposição e quebra dos laços conservadores com os grupos dominantes na cidade. Mas é certo que “as práticas sociais e as identidades institucionais não se modificam por que surgem novas idéias, mas sim, porque o conflito social leva a uma nova maneira de se compreender a realidade.”¹⁸⁰ É necessário compreender que novas convergências de forças emergiram, buscando interesses diversos de manutenção de poder político como também simbólico. Da mesma maneira, compreendemos que “a mudança na concepção de fé destes atores, em seu entendimento sobre a missão da Igreja no mundo, é uma resposta a processos político-sociais concretos, e não apenas fruto de novas formulações no plano ideológico.”¹⁸¹

¹⁸⁰ MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1989. p. 25.

¹⁸¹ SANTOS, Marcos Roberto Brito. *Os Missionários do Campo e a caminhada dos pobres no Nordeste*. Dissertação de mestrado. UFBA. SALVADOR – BA. 2007, p. 25.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Igreja Católica em Feira de Santana desempenhou papel estratégico não apenas enquanto instituição puramente religiosa, como também se fez presente no campo político. Da origem ao desenvolvimento da urbe feirense o catolicismo se constituiu como força hegemônica com seu poder simbólico. Mesmo com as mudanças ocorridas na transição do século XIX para o XX com o final da escravidão, o advento da República e principalmente a separação da Igreja Católica do Estado observar-se que as relações em torno do poder local permaneceram articuladas continuando a desempenhar importante papel no campo da filantropia e das alianças políticas.

Foi inegável que as transformações econômicas, políticas e sociais afetaria a instituição religiosa na cidade, em torno do desenvolvimento, vinculado ao intenso processo de urbanização e industrialização conduziu a cidade de Feira de Santana a novos comportamentos culturais. Nessa primeira metade do século XX ocorreu a expansão de outros credos religiosos na cidade, como Denominações Evangélicas, formação de Centro Espiritas entre outras. Um processo que se acelerava ao longo da década de 1950 demarcando novos tempos que representava para a Igreja Católica uma real concorrência.

Uma conjuntura de transformações internas, mas também em torno da Guerra Fria gerou um mundo bipolarizado entre os Estados Unidos e a União Soviética, contribuiu para que a Igreja Católica naquele contexto combatesse não apenas as concorrências dos novos tempos, mas a ameaça de um velho inimigo chamado de comunismo.

Em Feira de Santana no início da década de 1960, a Igreja Católica, de caráter conservador e tradicional, se expressava nas manifestações religiosas como a festa da padroeira da cidade, porém já não era tão hegemônica assim, sendo sustentada por um discurso moralista e anticomunista da maioria dos seus clérigos, que não estavam filiados a partidos políticos, mas estabeleciam laços estreitos com algumas lideranças como foi o caso do Padre Aderbal Miranda e João Marinho da UDN.

O ano de 1962 marcou um período de intensos debates políticos, pela corrida eleitoral para a Prefeitura, bipolarizando o discurso e a propagação do perigo vermelho. Nesse sentido a Igreja Católica procurou estar inserida, seja através da estruturação da Diocese, como na elaboração do discurso anticomunista eficaz para seus fieis. Sobre uma conjuntura de crise nacional que resultaria na deposição do presidente João Goulart e a instalação da Ditadura Militar, a instituição religiosa não deu o golpe, mas seus segmentos conservadores contribuíram com ele. Na segunda maior cidade do interior baiano não foi diferente, que

também viveu seu dia de golpismo, pois o Prefeito eleito democraticamente Francisco Pinto foi deposto também sobre a justificativa da ameaça do perigo vermelho.

A Igreja Católica passou a vivenciar desde década de 1950, no cenário nacional fruto das demandas populares uma nova reflexão de fé e prática, numa verdadeira tomada de consciência por muitos clérigos como o Bispo Dom Helder Câmara, como também uma maior participação dos leigos em torno dos movimentos sociais católicos, inclusive nos segmentos conservadores. O Vaticano II deu uma guinada ao processo que já estava em expansão, tendo grande impacto na América Latina. Este Concílio, propulsionou a abertura de diálogo com o mundo, isso abalou as antigas certezas dogmáticas. Foi justamente nesse percurso que emergiu uma Igreja Popular Progressista, que combateu a Ditadura, clamou por justiça social e Direitos Humanos, alicerçada na Teologia da Libertação, que era mal vista pelos clérigos tradicionais por sua utilização de categorias marxistas. A Igreja Católica nesse contexto vivenciava contradições internas, por expressa às disputas da própria sociedade e das lutas de classes. Não sendo uma roupagem, mas apresentando um caráter de mão dupla.

Em Feira de Santana, mesmo com a predominância de segmentos católicos conservadores se fez presente, tais repercussões sociais. Padre Albertino Carneiro desempenhou importantes ações de engajamento político como também dialogou com outros credos religiosos numa perspectiva ecumênica, inclusive com grupos de esquerda adequando-se perfeitamente ao conceito de intelectual orgânico das classes subalternas.

As próprias ações da Igreja Católica no início dos anos de 1970 demarcavam as concepções religiosas e atuação política na cidade de Feira de Santana, marcada pela promoção assistencialista do Núcleo de Assistência Social Diocesano (NASD) e o engajamento da comunidade proposto pelo Movimento de Organização Comunitária (MOC).

Conclui-se que em Feira de Santana a Igreja Católica respirou esse duplo caráter, fruto das próprias contradições da sociedade, que diante dos novos problemas sociais, trouxe à tona as demandas dos subalternos que passaram a se articular não apenas para o culto religioso, mas para pensá-lo seu papel político e buscar soluções para os seus problemas.

Conforme as fontes orais o corporativismo eclesiástico contribuiu para que em Feira de Santana a mobilização da Igreja Popular, que não chegou a ser hegemônica, mas conviveu no interior do conservadorismo católico gerando conflitos, mas sem perder a unidade, pois foi justamente ela que garantiu a atuação dos clérigos progressistas no período bastante duro da Ditadura Militar no Brasil e principalmente em Feira de Santana a Princesa do Sertão que continuou sobre a benção de Santana.

LISTA DE FONTES

Fontes Orais

- Entrevista com Antônio Albertino Carneiro, concedida ao autor em 15 de novembro de 2010, em sua residência. Foi padre até 1978, atuou como coordenador de Pastoral, além de ter sido um dos fundadores do Movimento de Organização Comunitária (MOC).
- Entrevista com Ildes Ferreira, concedida ao autor em 17 de novembro de 2011, através do seu e-mail. É professor da UEFS, teve forte militância nos movimentos sociais de Feira de Santana, fez parte da Ação Popular, atuou no Movimento de Organização Comunitária (MOC) como sociólogo, além de ter sido vereador na cidade e candidato por várias vezes pelo PMDB.
- Entrevista com o Padre Avelino Lopez, concedida ao autor em 28 de novembro de 2011, em sua residência. Nascido na Espanha Padre Avelino chegou à Bahia em 1970, começando sua mobilização na formação das Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs) em Feira de Santana desde o ano de 1973.

Fontes da Internet

Trecho do hino da cidade de Feira de Santana, escrito pela professora e musicista Georgina de Mello Lima Erismann na primeira metade do século XX. Disponível no site: www.feiradesantana.com.br/hino.htm acessado em 03 de fevereiro de 2011.

Poema O Som dos Cavalos Selvagens, de Adelmo Oliveira, natural de Itabuna. Formado em Direito, em 1966, pela Universidade Federal da Bahia, participou ativamente do movimento cultural da sua época, escrevendo estudos, ensaios e poemas para os principais jornais de Salvador. Informações extraídas do Site: O Arquivo de Renato Suttana. Disponível em: <http://www.arquivors.com/index.htm> Acessado em 18 de janeiro de 2012

Blog do Lajedinho Disponível em: <http://feiraantiga.blogspot.com/2010/08/visita-de-castelo-branco-feira-de.html>. Acessado em 18 de fevereiro de 2012

- Depoimento do Professor Josué Melo, retirada do Site da Academia de Educação de Feira de Santana. http://www.academiadeeducacao.org.br/pat_renatogalvao.htm
Ele professor e pastor presbiteriano, atuando nas questões sociais fundou o SIM e da AFAS, além de ter sido ex-reitor da UEFS e candidato a prefeito de Feira de Santana na década de 1990 pelo PFL. Acessado em 15 de janeiro de 2012

- Depoimento do Advogado Celso Pereira, retirada do Blog Celso Pereira. <http://blogcelsopereira.blogspot.com/2010/09/sem-odio-nem-rancor.html>
Foi militante do PCB no período da Ditadura, com a redemocratização filiou-se ao PMDB sendo vereador e ocupando diversos cargos públicos ao longo de sua trajetória política. Acessado em 20 de dezembro de 2011

Depoimento de Fernando Pinto, retirado do Blog. OLIVEIRA. Dimas. Blog Demais. <http://oliveiradimas.blogspot.com/2011/07/lembrando-visita-do-presidente.html>
Fernando foi vereador na década de 1950 na cidade de Feira de Santana. Acessado em 14 de novembro de 2011.

Fontes Impressas:

Não Eclesiásticas

Jornal Folha do Norte (1951 – 1974)

Jornal Folha de S. Paulo (1964)

Jornal A Tarde (1962 - 1964)

Diário de Notícias (1963 e 1966)

Jornal Tribuna Feirense Edição comemorativa (2000)

Revista Panorama de Feira de Santana. 01 de novembro de 1983, ANO 01, n 4, p. 31.

Memorialista – BOAVENTURA, Eurico Alves. *A Passagem Urbana e o Homem: memórias de Feira de Santana*. UEFS, Feira de Santana. Bahia. 2006.

Eclesiásticas – Documentos da Igreja Católica

- Folheto da Arquidiocese de Feira de Santana 2010, em comemoração ao aniversário de instalação da Diocese.

- Carta do Arcebispo do Rio de Janeiro Dom Jaime Câmara em 16 de março de 1964 para o Bispo de Feira de Santana Dom Jackson Berenguer Prado. Caixa 02 – Correspondência recebida.

- Ofício do Batalhão Militar de 14 de junho de 1964 do Major Walter Alves Guimarães para o Bispo Dom Jackson Berenguer Prado. Caixa 02 – Correspondência recebida.

- Circular da CNBB 12 de outubro de 1972 para Diocese de Feira de Santana – caixa 02 Correspondência recebida

- Circular de Dom Jackson 02 de maio de 1970 sobre o Vaticano II – Caixa 01 Correspondência Recebida

- Ofício da formação do Núcleo de Assistência Social Diocesano (NASD) em 1967 –Caixa 03

- Gaudium es Spes, 1966, p. 28 apud Zachariadhes Grimaldo Carneiro O que fez São Tomás de Aquino diante de Karl Marx. Lua Nova, São Paulo, 2009. p.118. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64452009000300008&script=sci_arttext

Acessado em 28 de janeiro de 2012

Livro de Tombo I da Paróquia da Catedral de Santana, p. 138. Apud. SANTOS. Rita Evejânia dos. *Interação Fé e Vida: “A Caminhada das Comunidades Eclesiais de Base em Feira de Santana” (1980-2000)*. Monografia. UEFS Feira de Santana. 2010, p.24.

BIBLIOGRAFIAS

- ALMEIDA, Luciane Silva de. *“O Comunismo é o ópio do povo”: Representações dos Batistas sobre o Comunismo, Ecumenismo e o Governo Militar na Bahia (1963-1975)*. Dissertação de Mestrado. UEFS. Feira de Santana. Bahia. 2010.
- ALMEIDA, Oscar Damião de. *Dicionário Personativo, Histórico e Geográfico de Feira de Santana*. 1998.
- ALVES, Rubem. *O que é Religião*. São Paulo: Loyola, 2005.
- ANDRADE, Celeste Maria Pacheco de. *Origens do povoamento de Feira de Santana: um estudo de História colonial*. Dissertação de Mestrado. Dissertação de Mestrado. UEFS. Feira de Santana. Bahia, 1990.
- ARAUJO, Célio Roberto de. *O Voto, o Terço e as Armas: atuação política da Igreja Católica na Bahia na conjuntura do Golpe de 1964*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2008.
- ARCARY, Valério. *As Esquinas Perigosas da História: Um estudo sobre a história dos conceitos de época, situação e crise revolucionária no debate marxista*. Dissertação de Doutorado em História Social. São Paulo. Universidade de São Paulo (USP). 2000.
- AZEVEDO, Dermi. *A Igreja Católica e seu papel político no Brasil*. São Paulo. Estudos Avançados Vol. 18 nº 52, 2004.
- BALANDIER, Georges. *O Poder em Cena. Pensamento político*. Brasília. Editora da Universidade de Brasília. 1982.
- BATISTA, Silvania Maria. *Conflitos e comunhão na festa da padroeira em Feira de Santana. (1930-1950)*. Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História. UEFS. Feira de Santana. Bahia 1997.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOAVENTURA, Eurico Alves. *A Passagem Urbana e o Homem: memórias de Feira de Santana*. UEFS, Feira de Santana. Bahia. 2006.
- BONNET, Luciano. *Anticomunismo*. In: BOBBIO, Norberto. MATEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfrancesco. (Orgs). *Dicionário de Política*. Brasília, UDUnB. 1986.
- BOFF, Leonardo. BOFF, Clodovis. *Como fazer Teologia da Libertação*. Petrópolis. Rio de Janeiro. Ed. Vozes. 2001.
- BOFF, Leonardo. *Igreja, Carisma e Poder; Ensaio de eclesiologia militante*. Petrópolis. Rio de Janeiro. Ed. Vozes. 1982.
- BOSI, Alfredo. Da esquerda cristã à Teologia da Libertação IN: JINKINGS, Ivana e PESCHANSKI(org.). *As utopias de Michael Löwy, reflexões sobre um Marxista insubordinado*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1920-1989): uma Revolução Francesa na historiografia*. São Paulo. UNESP, 1997.
- CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Ligia. *O bravo matutino (imprensa e ideologia no jornal “O Estado São Paulo”)*. Alfa-Omega, 1980.
- CORRÊA, Diego Carvalho. *O futuro do passado: uma cidade para o progresso e, o progresso para cidade em João Durval Carneiro. (1967-1971)*. Dissertação de Mestrado. UEFS. Feira de Santana. Bahia. 2010.
- COUTROT, Aline. *Religião e Política*. In: REMOND, Rene. (Org.) *Por uma História política*. 2. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.
- CRUZ, Rossine Cerqueira da. *A inserção da Feira de Santana (BA) nos processos de integração produtiva e de desconcentração econômica nacional*. Tese de Doutorado em economia. Campinas: UNICAMP, 1999.

DOMENICI, Thiago. *Marcha Funesta*. Revista Especial Caros Amigos. O Golpe de 64. São Paulo. Outubro de 2008.

DREIFUSS, Rene Armand 1964: *A conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe*. 4. Ed Petrópolis: Vozes, 1986.

FALCÃO, João da Costa. João Marinho Falcão. *A vitória de uma vida de trabalho*. 2 Ed. Ver. Associação de fomento à Cultura. 2005.

FOLLMANN, José Ivo. *Igreja, Ideologias e classes sociais*. Petrópolis: Vozes, 1985.

FREITAS, Nacelice Barbosa. *Urbanização em Feira de Santana: Influência da industrialização 1970-1996*. Salvador: UFBA, 1998. Dissertação de mestrado em arquitetura e urbanismo.

GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1987.

GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GRAMSCI, Antônio. *Os Intelectuais e a organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HOUTART, François. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Ática, 1994.

KADT, Emanuel de. *Católicos radicais no Brasil*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2003.

LIMA, Zelia Jesus de. *Lucas Evangelista: o Lucas da Feira estudo sobre a rebeldia escrava em Feira de Santana*. Salvador: Dissertação de Mestrado. UFBA, 1990.

LOWY, Michael. *A guerra dos deuses: Religião e política na America Latina*. Petrópolis: Vozes. 2000.

LOWY, Michael. *Marxismo e teologia da libertação*. São Paulo: Cortez/autores associados. 1991.

MADURO, Otto. *Religião e luta de classes*. Petrópolis: Vozes, 1983.

MAIWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MARTELLI, Stefano. *A Religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MARX, Karl. *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: nova Cultural, 1988.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. Sobre a Religião*. Lisboa: Edições 1970.

MICELI, Sérgio, *A elite eclesiástica brasileira*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1988.

MOTTA, Rodrigo P. Sa (Rodrigo Patto Sa). *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

NADER, Ana Beatriz. *Autênticos do MDB, semeadores da democracia: historia oral de vida política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

NETO, Paulo Fábio Dantas. *Tradição, Autocracia e Carisma: a política de Antônio Carlos Magalhães na modernização da Bahia (1954-1974)*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. *Feira de Santana em Tempos de modernidade: Olhares, Imagens e Práticas do Cotidiano. (1950-1960)*. Dissertação de Doutorado. UFPE. 2008.

OLIVEIRA, Clovis Ramaiana Moraes. *De empório a Princesa do Sertão: Utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2000.

PACHECO, Larissa Penelu Bitencourt. *Costume e conflito: experiência no centro urbano de Feira de Santana, 1970-1990*. Monografia de Especialização em História da Bahia. Feira de Santana: UEFS, 2008.

PARISSE, Tandja Andréa. *A sociedade civil no contexto da Ditadura: A experiência do Movimento de Organização Comunitária (MOC, na região de Feira de Santana no período de 1968 a 1979)*. Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História, Feira de Santana: UEFS, 2001. p 44

POPPINO, Rollie E. *Feira de Santana*. Itapua, Salvador. 1963.

PORTELLI, Hugues. *Gramsci e a questão religiosa*. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1984.

RESENDE, Livia Paola Silva. *As Novas Concepções do Clero Feirense diante das inovações do Vaticano II (1964-1980)*. Monografia de Graduação. UEFS. Feira de Santana. 2008.

SADER, Emir. *Gramsci – Poder Político e Partido*. Expressão Popular. São Paulo. 2005, p24

SANTOS, Igor Gomes. *Na contramão do sentido: Origens e trajetória do PT em Feira de Santana-Bahia(1979-2000)*. Dissertação de Mestrado em História. Niterói: UFF, 2007.

SANTOS, Marcos Roberto Brito dos. *Missionários do Campo e a caminhada dos pobres do nordeste*. Dissertação de mestrado em História. Salvador: UFBA, 2007.

SANTOS. Rita Evejânia dos. *A Interação Fé e Vida: A “Caminhada das Comunidades Eclesiais de Base em Feira de Santana (1980-2000)*. Monografia. UEFS Feira de Santana. 2010.

SERBIN, Kenneth. *Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

SILVA, Aldo José Morais. *Terra de sã natureza. A construção do ideal de cidade saudável em Feira de Santana (1833-1920)*. Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História. Feira de Santana: UEFS, 1997.

SILVA, Candido da Costa e. *Os segadores e a Messe: o clero oitocentista na Bahia*. Salvador, Ba: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, EDUFBA, 2000.

SILVA, Elizete da. *Engels e a abordagem científica da religião*. In: MOURA, M. C. B, FERREIRA, M e MORENO, R (Org). *Friedrich Engels e a Ciência Contemporânea*. Salvador: ADUFBA, 2007.

SILVA. Elizete da, *Protestantismo Ecumênico e realidade Brasileira*. Evangélicos progressistas em Feira de Santana. UEFS. Fapesb. Feira de Santana, 2010.

SILVA. Margarete Pereira da. *O Bispo de Juazeiro e a Ditadura Militar*. In: Zachariadhes. Grimaldo Carneiro (organizador) *Ditadura militar na Bahia : novos olhares, novos objetos, novos horizontes* - Salvador : EDUFBA, 2009.

SODRÉ, Muniz. *O bicho que chegou a Feira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1991.

SPINDEL. Arnaldo. *O que é Comunismo*. Editora brasiliense. Coleção primeiros Passos. 2005.

TELES, Adriana Silva. *Presença negra na festa de Santana (1930- 1950)*. Monografia de pós-graduação em Teoria e metodologia da História. Feira de Santana. UEFS. 2000.

ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro. *CEAS: Jesuítas e a questão social durante a Ditadura Militar*. Dissertação de mestrado. Salvador: UFBA, 2007.

_____ (org.) *A Ditadura Militar na Bahia, novos olhares, novos objetos, novos horizontes*. Salvador: EDUFBA, 2009.

ARTIGOS EM PERIÓDICOS:

- COELHO, Eurelino. *Para a crítica de certa razão histórica: sobre o método e os historiadores*. Disponível em: http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt2/sessa_o2/Eurelino_Coelho.pdf.
- CODATO, Adriano Nervo. OLIVEIRA, Marcus Roberto de. *A marcha, o terzo e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, nº 47, p.271-302 – 2004.
- CAMPOS, Juliano Mota. *A Igreja Católica e o Poder Civil: Alianças e Conflitos na Princesa do Sertão na Primeira República. (1890-1930)*. 2008. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/campos-juliano-mota.pdf>
- FERREIRA, Muniz. *O Golpe de 64 na Bahia*. Artigo disponível em http://www.fundaj.gov.br/licitacao/observa_bahia_02.pdf.
- GONÇALVES. Ângelo Barreiro. *A Igreja Católica e o Golpe de 1964*. AKRÓPOLIS - Revista de Ciências Humanas da UNIPAR. Umuarama, v.12, nº.1, jan./mar., 2004.
- GANDON, Tania Riserio d'Ameida. *Etnotexto e identidade cultural na construção da memória*. Revista da FAEEBA Educação e Contemporaneidade. , Salvador, v. 14, n23, jan./jun., 2005. Disponível em: <http://www.uneb.br/revistadafaeeba/files/2011/05/numero23.pdf>
- LOWY, Michael. *Marx e Engels como sociólogos da Religião*. Revista Lua Nova. Nº 43, 1998.
- M. Halbwachs, op. cit., p. 12. POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.
- NETO. Paulo Fábio Dantas. *Quebra da casca do ovo: A Elite baiana e a obra do golpe de 1964*. Disponível em: http://www.fundaj.gov.br/licitacao/observa_bahia_01.pdf
- PRADO. Carlos Batista. *A Participação da Igreja Católica na implantação e consolidação do regime Militar*. AMPULHETTA: revista eletrônica de história. 2005.
- PEREIRA. Marco Antônio Machado Lima. *O anticomunismo católico em cena: a defesa da propriedade privada e a desconstrução do "paraíso soviético"*. Revista Eletrônica Cadernos de História, vol. VI, ano 3, nº 2, dezembro de 2008.
- SANTANA. Ediane L. . FREIRE. Rebeca S. . COSTA. Ana Alice. *As Marchas da Família com Deus pela Democracia pela Liberdade na Bahia*. Disponível em: http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_II/ediane_l_santana.pdf
- SANTOS, Ana Maria F. dos. *O Ginásio Municipal no centro das lutas populares em Feira de Santana (1963-1964)*. Sitientibus. Feira de Santana, nº 24, jan./jun. 2001.
- SILVA. Elizete da. *Marx e Engels como sociólogos da Religião*. In: Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Vol. 40, nº 1, 1997.
- SILVA. Igor José Trabuco. *A Assembléia de Deus entre o religioso e o político (1972-1990)*. IV Simpósio Nacional Estado e Poder Intelectuais. UFMA. 2007.
- SILVA, Ana A. G da, BORGES, Jussara. *Arquivos secretos eclesiásticos em Salvador*. Revista Informação & Informação, Londrina, v. 14, n. 2, p. 38 - 61, jul. / dez. 2009.
- TOLEDO. Caio Navarro. *Brasil: do ensaio ao golpe (1954-1964)* Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, nº 47.
- A vida e obras do servo de Deus Padre Patrick Peyton CSC, o Padre do Rosário disponível em [HTTP://www.rosarioemfamilia.org/padrepeyton.htm](http://www.rosarioemfamilia.org/padrepeyton.htm), p. 1. Acessado em 14 de março de 2008.

ANEXO

Lista com os nomes dos candidatos publicada no Jornal “A Tarde” em 04 de outubro de 1962, p. 1 pela (ALEF) Aliança Eleitoral pela Família.

GOVERNADOR: Antônio Lomanto Júnior

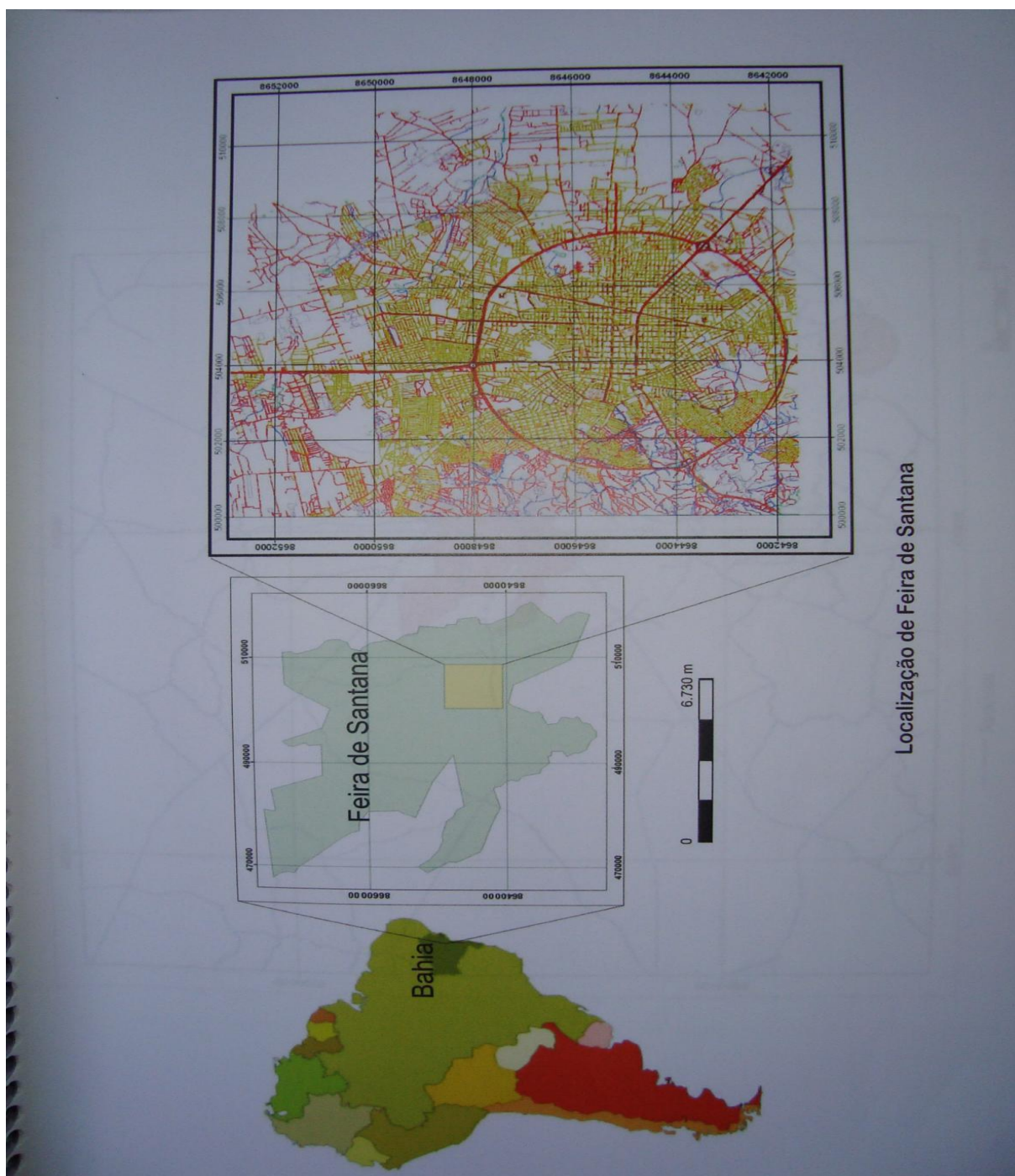
PREFEITO: Hélio Machado; Virgildásio Senna; Alaim Mello; Graça Lessa

DEPUTADO FEDERAL: Luiz Régis Pacheco; Carlos Alberto Cincurá; João Dória; Manoel Ribeiro; Heitor Dias; Josafá Carlos Borges; Renato Franco; Theódolo Albuquerque; Ruy Santos; Mário Piva; Rubem Nogueira; Nita Costa; Cícero Dantas; Oscar Cardoso; João Mendes da Costa Filho; Aloysio Short; João de Almeida Freitas.

DEPUTADO ESTADUAL: Nilton Paz; Gustavo da Fonseca; Américo Lisboa; Luiz de Carvalho Pimentel; Oswaldo Bruno; Levi Martins; Joel Muniz; Germano Machado; Álvaro Fernandez da Cunha; prof. Nilton José de Souza Ferreira; Francisco Rocha Pires; Hildegardo Câmara; Bião de Cerqueira; Dival Pitombo; A. Mendes Netto; José Amador Rocha; Afonso Maciel Neto; João Borges; Jutahy Magalhães; Cristóvão Ferreira; Juracy Magalhães Junior; Menandro Minahim; Silvio Passos; Walfrido Moraes; **José Falcão da Silva**; Wilson Salles Leão; **Áureo de Oliveira Filho**; José Medrado; Wilson Lins; Oswaldo Dantas; José Nestor de Paiva Lima; Osmar Almeida; Pe. Bastos; Dr. Antônio Albuquerque; Urcício Santiago; Theócrita Calixto da Cunha; Edwaldo Brandão Correia; Mário Fernandez Resende; Bernardo Antônio dos Santos; Renato Cincurá de Andrade; Renato Medeiros Netto; Expedito Sampaio.



Extraído da capa do Diretório da Arquidiocese de Feira de Santana. **Mapa da abrangência territorial da Arquidiocese de Feira de Santana.**



Apud. Extraí do de SILVA, Elizete da. *Protestantismo ecumênico e realidade brasileira*. Feira de Santana: UEFS, 2007. Trabalho para obtenção do título de professor pleno. **Mapa da localização de Feira de Santana (mapa produzido por Jocimara Lobão)**